

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR: UM ESTUDO SOBRE JUVENTUDE
RIBEIRINHA DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO**

**PORTO VELHO - RO
2014**

ELISANGELA FERREIRA MENEZES

**A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR: UM ESTUDO SOBRE JUVENTUDE
RIBEIRINHA DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Rondônia.
Linha de pesquisa: Populações
Amazônicas e Cidadania, sob a
orientação da Profa. Dra. Maria das
Graças Silva Nascimento Silva.

**PORTO VELHO - RO
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

M543r	<p>Menezes, Elisângela Ferreira</p> <p>A representação do lugar: um estudo sobre juventude ribeirinha da comunidade de Nazaré-RO. /Elisângela Ferreira Menezes. Porto Velho, Rondônia, 2015. 135 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia/UNIR.</p> <p>Orientadora: Prof. Dr. Maria das Graças Silva Nascimento Silva</p> <p>1.Geografia cultural. 2. Representação. 3. Juventude. III. I. Silva, Maria das Graças Silva Nascimento. II. Título.</p> <p>CDU: 91</p>
-------	---

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina Teixeira Girard/ CRB 11-897

PPGG

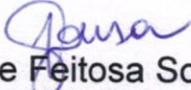
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

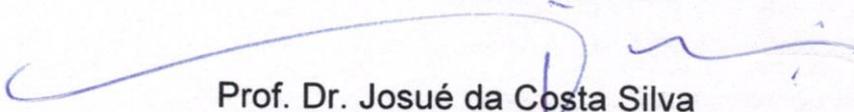
ELISANGELA FERREIRA MENEZES

A Banca de defesa de Mestrado presidida pela orientadora Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva e constituída pelos examinadores: Profa. Dra. Lucileyde Feitosa Sousa e Prof. Dr. Josué da Costa Silva, reuniu-se no dia 20 de maio de 2014, às 16h na sala de aula Josué de Castro, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR: UM ESTUDO SOBRE JUVENTUDE RIBEIRINHA DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO", da mestrandia Elisângela Ferreira Menezes, matrícula 201210517. Após a explanação da mestrandia, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada A PROVA DA DISTINÇÃO. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 20 de maio de 2014.

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora


Profa. Dra. Lucileyde Feitosa Sousa
Examinadora


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador

“No mundo ocorre a nossa história e é nele que encontramos as coisas, os outros e nós mesmos”.
(HOLZER, 2010; ENTRIKIN, 1980).

*“Chegará um dia talvez
Em que eu vou me alegrar
Amazônia verde e feliz
Sem ter mais por que chorar.”
(Tinaia).*

Dedico este trabalho aos familiares e amigos que estiveram comigo nessa caminhada, minha mãe que sempre me apoiou em tudo, deu tudo de si para me dar o melhor, não me esquecerei de suas palavras: “Sempre faça e seja o melhor que puder.”

Dedico também ao meu companheiro Rodrigo Reis, que perfuma e colore minha vida com o amor e a esperança de um mundo melhor, sempre ao meu lado, ajudando e dando força para ir em frente.

Dedico de igual forma a toda a comunidade ribeirinha de Nazaré, em especial a todos os jovens que me acolheram com carinho. E aos colaboradores desta pesquisa Timaia, Aurileia e Meire.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, Supremo Arquiteto dos Mundos, criador e realizador de todas as coisas, cuja Sabedoria, Força e Beleza me deram a capacidade física e intelectual de realizar este trabalho e que pelos mais variados motivos me deu força para seguir em frente, mesmo quando os dias pareciam escuros e sem cor.

Agradeço aos meus familiares, minha mãe Cecília, meu pai Valdeney, minha imã Elizane, por estarem ao meu lado no dia-dia e entender os momentos em que estive longe de casa viajando, fazendo trabalho de campo, colhendo dados e apresentando trabalhos. Vocês são mais do que especiais para mim.

Agradeço aos queridos moradores da Comunidade de Nazaré que nesses quatro anos de pesquisa, contanto com a monografia, me deparei com tantas horas de paz e harmonia com aquele lugar, me emocionei várias vezes com as paisagens lindas que vi momentos maravilhosos que passei naquele lugar. Solidarizo-me com todos eles nesse momento tão difícil e doloroso na qual eles estão passando. Saíram das suas casas e do seu lugar, é um momento difícil, espero que este trabalho possa contribuir para que a memória não vá embora com as correntezas, mas permaneça sempre em vossas mentes.

Aos funcionários da Escola Estadual Francisco Desmorest Passos, em especial a Diretora, por proporcionar a realização da pesquisa com os jovens, por me receber com carinho e atenção, por incentivar a pesquisa e colaborar com informações importantes.

Agradeço aos meus amigos, “aqueles chegados”, que sempre estiveram ao meu lado, as mestras Ananda, Luciane, Kelli, Cláudia e Rúbia. Sempre foram solícitas me ajudaram me deram força nos momentos de dúvidas, e eram muitas! A minha querida amiga e mestranda Telma Ferreira, uma mulher especial que tive o prazer de conhecer, nesses dois anos de mestrado cultivamos uma linda amizade. Ao meu amigo Djan que considero como um irmão, me ajudou com textos em inglês, e confidenciamos nossas aflições enquanto mestrandos. Obrigado meu irmão!

Agradeço imensamente minha querida orientadora e amiga Gracinha, uma mulher que admiro por tantas qualidades, e por me ensinar a gostar de pesquisa, por confiar no meu trabalho, por acreditar que poderia ir além do que sonhei um dia.

Agradeço ao Prof. Josué da Silva pelos ensinamentos em geografia, pelos conselhos, pelos gestos de carinho com todos os mestrandos e sempre também nos

acompanhou mesmo estando mais calado, mas sei que também acreditou que poderíamos fazer um bom trabalho.

As professoras Joseli Maria Silva e Salete Kozel que me deram aportes teóricos e metodológicos para que pudesse entender com mais profundidade a realidade ribeirinha, as quais tive o prazer de conhecê-las pessoalmente e saber que além de boas professoras também são queridas e admiráveis.

As pesquisadoras do Grupo GEPGÊNERO, no qual conheci pela primeira vez em 2010, onde tive muitas experiências de pesquisa, onde aprendi a buscar o conhecimento, aprendi boa parte do que hoje sei sobre a Mulher e as Relações de Gênero.

A todos os professores da Pós-Graduação Mestrado em Geografia, que nos deram as bases necessárias para entender a geografia, por sempre se colocar a disposição para ajudar e tirar nossas dúvidas, quando necessárias.

Ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia por ter proporcionado condições para que essa pesquisa fosse possível.

RESUMO

A dissertação refere-se a um estudo embasado na ciência geográfica, com o intuito de identificar a representação do Lugar na ótica da juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré. Essa comunidade localizada há 150 km da Capital de Porto Velho, corresponde a uma comunidade considerada Tradicional, assim carrega uma gama de diferenciações no tempo e no espaço. Os objetivos da pesquisa estão alicerçados em identificar as relações entre as representações masculinas e femininas nos contextos das relações de gênero. Analisar a dinâmica espacial que estabelecem mudanças e/ou permanências para fase juvenil. E por fim: Refletir sobre as relações dos jovens ribeirinhos com “mundo moderno” mesmo estando em um contexto rural. Para esse fim, adotamos como método, a abordagem fenomenológica, com metodologia qualitativa aliada a observação participante, optamos pelo uso dos mapas mentais, entrevistas e o questionário aberto para obter informações sobre os jovens com idade entre 15 à 29 anos, e uma entrevista com um integrante do grupo musical e cultural “Minhas Raízes”. Os resultados obtidos nos permitiram perceber que há várias formas de externar o sentido e a representação do Lugar, tanto nos mapas, como nos relatos dos jovens. Percebemos também os elementos que revelam mudanças nas práticas sociais dos jovens, suas relações cada vez mais próximas com os elementos urbanos, a saída dos jovens para morar na cidade, e os problemas com álcool e drogas vividos dentro da comunidade. Contudo, apesar disso, observamos o apreço e o sentimento de pertencimento de todos pela Comunidade de Nazaré, além da afirmação da identidade ribeirinha expressada nos relatos, refletem que os jovens assumem cada vez mais uma posição ativa diante da realidade.

Palavras-chave: Juventude, Gênero, Gerações, Lugar, Cultura ribeirinha

ABSTRACT

This paper refers to a study grounded in geographical science, with the intention to identify the representation of place in the view of the riverside youth of the community of Nazareth. This community located some 150 km from the capital of Porto Velho is a traditional community and carries a range of differences in time and space. The research objectives are grounded in identifying relationships between male and female representations in the context of gender relations. Analyze the spatial dynamics that set changes and or continuities to juvenile stage. Finally, reflect on the relationships of young people bordering with "modern world" despite being in a rural context. To this end, we adopted as a method, a phenomenological approach with a qualitative methodology combined with participant observation, we chose to use mental maps, interviews and open-ended questionnaire for information about young people aged 15 to 29 years, an interview with a member of the musical and cultural group "My Roots". The results allowed us to realize that there are several ways to express the meaning and representation of place, in many maps, as in the accounts of young people. Also perceive the elements that reveal changes in social practices of young people, their increasingly close relations with urban elements, the departure of young people to live in the city, and problems with alcohol and drugs lived in the community. However, despite this, we observe the appreciation and sense of belonging of all the Community of Nazareth, than the affirmation of identity riverside expressed in the reports reflect that young people increasingly take an active stand in front of reality .

Keywords: Youth, Gender, Generations, City Culture riverside.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do Distrito de Nazaré	46
---	----

LISTA DE FOTOS

Foto 1: M.F, Elisangela. Acervo pessoal. Imagem da Chegada ao Distrito de Nazaré-RO, 2013.....	23
Foto 2: M.F, Elisangela. Acervo pessoal. Pôr do Sol em Nazaré-RO, 2013.	43
Foto 3: M.F, Elisangela. Acervo pessoal. Escola Francisco Desmorest Passos. Em Nazaré/RO, 2013.	48
Foto 4: M.F, Elisangela. O caminho para a Escola Estadual de Nazaré. Acervo pessoal, maio/2013.	48
Foto 5: M. F, Elisangela. Aplicação dos mapas mentais e questionários em Nazaré. Acervo pessoal, 2013.....	62
Foto 6: M.F, Elisangela. Imagem dos jovens de Nazaré. Acervo Tullio Nunes, 2014.	66
Foto 7: M.F, Elisangela. Imagem de uma casa em Nazaré. Acervo pessoal, 2013. .	87
Foto 8: M. F, Elisangela. Moças jogando futebol no campo da sede do Distrito de Nazaré. Acervo T.A, 2014.....	94
Foto 9: M.F, Elisangela. Parte do grupo musical "Minhas Raízes". Acervo Tullio Nunes. 2014.....	95
Foto 10: M. F, Elisangela. Imagem de alunos se deslocando para a escola de manhã cedo na sede do Distrito de Nazaré. Acervo Pessoal, 2013.	108
Foto 11: M. F, Elisangela. A chegada do barco recreio "Estrela do Mar", com pessoas e mercadorias em Nazaré. Acervo Pessoal, 2013.....	109
Foto 12: M. F, Elisangela. Ponte que funciona com uma passarela para locomoção das pessoas, é utilizada dessa forma, pois nos períodos de "inverno" podem ocorrer alagações. Assim ela é necessária para a comunidade de Nazaré. Acervo pessoal, 2013.	110
Foto 13: M. F, Elisangela. Acervo pessoal, 2013. O calçadão é a principal via de locomoção dos moradores.	110
Foto 14: M. F, Elisangela. Igreja Evangélica na sede do Distrito, o quantitativo de evangélicos está crescendo e muitos jovens se identificam, frequentam e são membros das igrejas. Acervo Pessoal, 2013.	111
Foto 15: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Vista do Lago do "furo" que passa pela comunidade.....	112
Foto 16: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Alunos da Escola Francisco Desmorest Passos, colaboradores da pesquisa.	112
Foto 17: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013 Alunos no pátio da Escola Francisco Desmorest Passos.....	113
Foto 18: M.F, Elisangela. Acervo Pessoal. Maio-2013. I jogos internos que aconteceu na Escola Estadual.	114

Foto 19: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Alunos participando da abertura dos jogos Internos da escola, a escola tinha sido inaugurada em fevereiro de 2013.	114
Foto 20: M.F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Aluna levando a tocha e participando da abertura dos jogos da Escola.....	115
Foto 21: M.F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Apresentação do grupo da dança Boi-Bumbá que faz parte do grupo "Minhas Raízes" na abertura dos jogos internos.	116
Foto 22: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Jovem de 15 anos na sua casa em Boa Vitória.....	117
Foto 23: M. F, Elisangela. Acervo pessoal, 2013. A avó com seu neto no quintal de sua casa em Boa Vitória, eles recolheram laranjas para os visitantes.	118
Foto 24: M.F, Elisangela. Acervo Gepgênero, 2011. Esta placa foi vista na Festa da Melancia, tradicional festa que ocorre todos os anos na sede do Distrito de Nazaré.	119

LISTA DE MAPAS MENTAIS

Mapa Mental 1: Julia, 15 anos.....	79
Mapa Mental 2: Pedro, 18 anos.	80
Mapa Mental 3: Thanisson, 19 anos	82
Mapa Mental 4: Viviane Maria, 23 anos.	82
Mapa Mental 5: José Darlei, 15 anos.	84
Mapa Mental 6: Ivaneide, 27 anos.	85
Mapa Mental 7: Rosilane, 16 anos.	92
Mapa Mental 8: Carlos, 15 anos.....	92

LISTA DE SIGLAS

AMPAN – Associação de Moradores Produtores e Amigos de Nazaré.

GEPGÊNERO – Grupos de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero.

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

PDSA – Plano de Desenvolvimento Sustentável em Assentamento

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNIR - Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I	23
DA GEOGRAFIA HUMANA A GEOGRAFIA CULTURAL: ABORDAGENS TEÓRICAS	23
1.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DA GEOGRAFIA ENQUANTO CIÊNCIA	24
1.2 A GEOGRAFIA CULTURAL E O CONCEITO DE LUGAR	27
1.3 JUVENTUDE, GÊNERO E GERAÇÕES	30
1.4 CULTURA RIBEIRINHA EM CONTEXTOS RURAIS: UMA HETEROTOPIA	36
1.5 A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR	40
CAPÍTULO II	43
MÉTODO E METODOLOGIAS: O OLHAR FENOMENOLÓGICO	43
2.1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS DE NAZARÉ	44
2.2 A FENOMENOLOGIA COMO APORTE PARA COMPREENDER O ESPAÇO GEOGRÁFICO	50
2.3 A FENOMENOLOGIA E A CONSTITUIÇÃO DO LUGAR: SUBJETIVIDADES E INTERSUBJETIVIDADES CONSTRUÍDAS NA ÁREA RIBEIRINHA.	53
2.4 A PESQUISA QUALITATIVA	55
2.4.1 <i>Procedimentos metodológicos</i>	56
2.4.2 <i>Os mapas mentais</i>	57
2.5 O TRABALHO DE CAMPO	59
CAPÍTULO III	66
O DISTRITO DE NAZARÉ: INTERFACES ENTRE JUVENTUDE E GÊNERO	66
3.1 “SOU DA BEIRA”, A JUVENTUDE, ESPAÇO E LUGAR: PARTICULARIDADES VIVENCIADAS	67
EM NAZARÉ	67
3.2 O DIÁLOGO ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	75
3.2 A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR NO OLHAR DOS JOVENS RIBEIRINHOS	79
3.2.1 <i>A Casa</i>	84
3.4 O OLHAR DIFERENCIADO: UM RECORTE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DO LUGAR EM NAZARÉ	88
CAPÍTULO IV	95
AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: CONSTRUINDO LAÇOS PARA AS NOVAS GERAÇÕES	95
4.1 O GRUPO “MINHAS RAÍZES”	96
4.2 AS SUBJETIVIDADES DA REALIDADE VIVENCIADA: ENTRELAÇANDO REDES, SABERES E IDENTIDADES	105
CAPÍTULO V	108
A JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: IMAGENS DA VIDA COTIDIANA	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	134

APRESENTAÇÃO

Trajetória de pesquisa: Como tudo como tudo começou.

A pesquisa começa quando nos aproximamos de algo que nos incomoda, algo que nos faz pensar e refletir. Desperta curiosidade, a chamada “curiosidade científica”, certa “paixão” que nos move a querer conhecer a realidade. Em uma entrevista, o professor Carlos Fiolhais diz que: “A curiosidade é aquilo que nos move a querer saber. Sem curiosidade não há ciência. Einstein, uma vez foi questionado sobre o que o faz ser diferente das outras pessoas, ele respondeu que era uma pessoa como as outras, que talvez a única coisa que tinha de diferente era precisamente uma "curiosidade apaixonada". (2005.s.p).

Então, resolvi enveredar pelo caminho da pesquisa, na qual, nos faz descobrir um mundo de possibilidades, dentro da ciência humana, talvez a mais difícil de tangenciar, explicar e compreender. Por não existir uma exatidão nas análises da realidade, esta muda o tempo todo, exigindo uma compreensão densa sobre os fenômenos que acontecem.

Comecei entrando pela graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Rondônia, em 2008. Sempre me interessei pelas relações dos indivíduos em sociedade, como essas relações poderiam determinar nosso modo de pensar e agir. Nossas crenças, certezas e incertezas estavam ali, sendo questionada por teóricos que também se apaixonaram pela ciência e pesquisa.

Em 2010, era o momento de construir algo mais concreto, escolher o tema que pautaria a monografia, veio então às perguntas, dúvidas do que escolher para pesquisar. Nesse momento estava estagiando no MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), tive a oportunidade de conviver e pesquisar em um universo ligado ao rural, lugares cheios de subjetividades, cultura e organização social diferenciada. Foi então, que me aproximei por uma realidade instigante para pesquisa, a realidade de homens e mulheres do campo, com papéis diferenciados socialmente e culturalmente, foi nesse momento que a curiosidade me despertou para entender o que significa ser “homem” e “mulher” na sociedade.

Neste mesmo ano, tive o prazer de conhecer o Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações de Gênero (GEPGÊNERO), na qual faço parte até hoje, foi então que conheci os caminhos da pesquisa, viajei inúmeras

vezes com o Grupo para conhecer a realidade dos assentamentos Joana D'arc e o PDSA Nazaré, nos deparamos com várias situações, e adversidades que aparecem no meio da pesquisa. Aprendi e aprendo muito com o Grupo, sempre com o auxílio de nossa Orientadora Gracinha. Em 2010, publiquei o primeiro artigo intitulado: Cidadania para as Mulheres Rurais, em um evento da Geografia Agrária realizado no Pará, mesmo com o nervosismo consegui mostrar o valor de nossas pesquisas. Depois desses publiquei outros artigos e sempre buscamos valorizar a condição da mulher rural e ribeirinha, com seriedade e respeito temos levado e ecoado nossas vozes em vários espaços acadêmicos, até os que não são da geografia. E nesse sentido, que com muita tranquilidade nasceu a monografia.

Aí nascia um interesse, uma “curiosidade apaixonante”. Já tinha um tema, mas faltava um universo a ser explorado. Em uma viagem no final de 2010, conheci comunidades de São Carlos, Nazaré, Calama, Papagaios e Demarcação, todos fazem parte da ribeirinha da cidade de Porto Velho, foi nesse período que conheci a comunidade de Nazaré, há 150 km da Capital. Logo, despertou algo que começou a fazer mais sentido. Uma área ribeirinha onde homens e mulheres possuem sentidos próprios, corpos diferenciados. Cultura e organização diferentes.

Nasceu uma pesquisa, a monografia tangenciava aspectos políticos, sociais e culturais de mulheres ribeirinhas do Distrito de Nazaré. Porém, a pesquisa não tinha dado por completo, a realidade não paralisa, não tem fim, ela continua.

Durante a pesquisa percebi um grande contingente de jovens moradores e filhos de moradores em Nazaré. Esses jovens tinham aspectos que nos lembravam dos jovens da “cidade”, interesse por equipamentos eletrônicos, a vestimenta, e modos de falar parecidos. Mas algo os diferenciava de nós, isso me incomodava. O que poderia nos diferenciar desses jovens? Logo começava outra investigação, descobrir o sentido dessa diferenciação, meninos e meninas tinham práticas e modos diferentes de pensar. Era um universo dentro de outro universo, mas não era revelado rapidamente, estava situado em um campo simbólico que não se deixava revelar, era necessária uma investigação para se compreender as diferenciações.

Nesse caminho, várias perguntas surgiram. O que me motivou a continuar pesquisando essa comunidade. Essa continuação veio na pesquisa de mestrado em 2012. Nesse momento, com mais maturidade teórica, surgem também mais questionamentos sobre o universo pesquisado.

Um diferencial surgiu. Após a graduação em Ciências Sociais, enveredei pelos caminhos da geografia, em especial a geografia cultural. Tive nesse momento a sensação de descobrir um “mundo” novo. Algo mais sutil, complexo, subjetivo, no entanto encantador. Na geografia descobri que se deve ter cuidado ao entrar nas casas, na vida, ao tratar das pessoas e dos lugares.

Esse cuidado deve-se também ao conhecimento adquirido na experiência vivenciada no espaço ribeirinho, com pessoas simples, grandes conhecedoras da história falada, guardiãs da memória cheia de significados. As geografias vernaculares estão vivas na vida das pessoas. Essa convivência fez-me entender que não é algo inútil, ultrapassado, mas muitas vezes mal compreendido por nós. Com Paul Claval (2011), Bachelard (2008), Tuan (1983), Dardel (2011), Buttimer (1985), e outros. Percebi tanta grandeza nos significados da geografia que contribuiu para meu crescimento como profissional e como pessoa.

No Mestrado, tivemos as Disciplinas Epistemologia em Geografia com o Prof. Dr. Josué Costa da Silva. Conhecemos as bases teóricas que formaram a geografia como ciência e isso foi extremamente importante para o meu trabalho, para que eu pudesse compreender onde estamos localizados nesse momento, dentro de uma geografia cultural, que é relativamente nova e ainda sofre transformações.

Com a disciplina de Geografia e Gênero ministrada pela Prof. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, pude me aprofundar mais nas discussões sobre minhas pesquisas, podemos trocar experiências, quebrar preconceitos, buscar novas formas de ver os indivíduos para além da sua condição biológica. Essa disciplina foi de fundamental importância para entender como abordar as questões de Gênero no meu trabalho.

Tivemos também a disciplina Populações Amazônicas e Sustentabilidade com o Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva, foram-nos apresentados conceitos importantes sobre as populações amazônicas, que me ajudou a entender os processos e a conjuntura da atual situação em que eles se encontram na sociedade. Foi de grande importância para fazer uma leitura mais aprofundada das comunidades “caboclas” e entender o elemento da identidade que eles compartilham.

A disciplina de Geografia das Representações, ministrada pela Professora Dra. Salete Kozel da Universidade Federal do Paraná, trouxe um diferencial

importante para o meu trabalho, foi então que conheci mais profundamente a metodologia dos mapas mentais, no qual utilizei no meu trabalho. Conheci também aportes teóricos importantes que me direcionaram para uma análise mais profunda e sensível do ver as representações que são construídas no universo ribeirinho.

Enfim, nos caminhos enveredados, a ciência pode ser construída não apenas em bases rígidas, sem qualquer sutileza, sem a “curiosidade apaixonada” como dizia Einstein. Ela pode ser instigante, como uma aventura para algo novo, desde que você esteja disposto a descobrir.

INTRODUÇÃO

Após esse breve relato da experiência, enquanto pesquisadora. Se faz necessário expor o tema da pesquisa. Dentro das considerações iniciais deste trabalho, colocamos que a pesquisa inicia-se por uma curiosidade. Então, nesse contexto a pesquisa revela-se como resultado de algo que nos instiga em busca de uma resposta para um questionamento. A investigação foi realizada na Comunidade de Nazaré, lugar que situa-se há aproximadamente 150 km da capital de Porto Velho. Essa comunidade tem em torno de 650¹ pessoas, dentre esse número, encontramos um grande contingente de jovens. Porém esses jovens estão espalhados em outras comunidades próximas como Tira-fogo, Boa Vitória, Bonfim, Pombal e Papagaios.

Esse trabalho tem como tema de pesquisa identificar quais são os elementos de representação e sentido do lugar para os jovens ribeirinhos. Esse tema emerge de uma busca por entender as subjetividades produzidas por esses sujeitos, buscamos também entender de que modo os jovens vivenciam o seu espaço, e os elementos que constituem essa identidade particular. Para isso, foram formulados alguns questionamentos que buscaremos responder ao longo do trabalho. O primeiro é saber: o que representa o Distrito de Nazaré para os jovens ribeirinhos? Segundo, há diferença entre representações masculinas e femininas? Terceiro questionamento, quais os elementos urbanos estão dentro das representações ribeirinhas?

Dentro dos conceitos da ciência geográfica, o espaço está entre os temas que geram trabalhos que buscam entender as ligações afetivas, a *geograficidade*² que há em torno de um lugar. Entendemos que nesse contexto, o olhar fenomenológico foi o que melhor propiciou a análise para entender a forma sutil que os moradores expressam a sua ligação com Nazaré.

Assim, dentro da proposta da pesquisa existe um conjunto de variáveis a serem analisadas, em torno disso temos a conceituação de lugar e o que ele pode significar dentro da ciência geográfica, em particular a geografia cultural e humanística. Além de ser um tema que expressa importância dentro do contexto geográfico local, já que as pesquisas a respeito da juventude rural, gênero, e

¹ Dados adquiridos no posto de saúde em 2012.

² Dardel (2011, p.3)

gerações são escassas. Esperamos através de trabalho contribuir para construções teóricas que possam possibilitar outras pesquisas futuras em torno deste importante tema.

Dessa forma, o trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Da Geografia Humana a Geografia Cultural: Abordagens Teóricas” foram abordados as perspectivas teóricas que embasam o trabalho, escolhemos então, a geografia cultural e humanística, bem como os conceitos-chave da geografia como espaço, representação e lugar.

O segundo capítulo: “Método e Metodologias: O Olhar fenomenológico” começou com as características sociais e culturais de Nazaré, logo depois, veio explanar a fenomenologia como aporte para compreender o espaço geográfico. A fenomenologia e a constituição do Lugar pode nos auxiliar na identificação das subjetividades e intersubjetividades construídas na área ribeirinha. A pesquisa trouxe com um dos principais aportes de análise; os mapas mentais dentro das perspectivas de Salette Kozel (2007). E encerrando com os relatos de campo, que buscou além de relatar os detalhes importantes da pesquisa de campo, registrar momentos que auxiliaram no entendimento da vivência da juventude ribeirinha.

O terceiro Capítulo: “O Distrito de Nazaré: Interfaces entre Juventude e Gênero”. Iniciamos demonstrando e discutindo os resultados obtidos relacionando com a realidade da comunidade de Nazaré, nesse momento mostramos as interligações entre a Juventude e Gênero no contexto ribeirinho de Nazaré, bem como as suas representações através dos mapas mentais produzidos pelos jovens. Assim, observamos a experiência com o mundo vivido como fonte criadora das representações do lugar.

No quarto capítulo procuramos evidenciar os diálogos entre as gerações como criadora de significados. Esses significados se manifestam em representações culturais adquiridas por meio das histórias contadas dos moradores, que são as memórias vivas perpassadas das gerações. Destacamos neste contexto a atuação do Grupo cultural “Minhas Raízes” como uma forma de manter a identidade cultural da população ribeirinha.

No quinto e último capítulo reservamos algumas imagens da vida cotidiana dos jovens de Nazaré, imagens da natureza, dos jovens na escola, passeios e momentos de lazer. Acreditamos que com os registros podemos enriquecer e

valorizar o lugar, possibilitando conhecer mais um pouco de Nazaré, suas histórias, seus mistérios, suas práticas culturais.

**CAPÍTULO I:
DA GEOGRAFIA HUMANA A GEOGRAFIA CULTURAL: ABORDAGENS
TEÓRICAS**



Foto 1: M.F, Elisangela. Acervo pessoal. Imagem da Chegada ao Distrito de Nazaré-RO, 2013.

“Desse chão sou também a mais bela cantiga. Sou braço do Madeira e gosto de falar. Da fartura, alimento de todo lugar. Em tudo que há, em tudo que dá.”³

³ Trecho da canção “Sabores da Terra” do Grupo “Minhas Raízes”.

Os caminhos teóricos traçados nesse capítulo refletem a necessidade da compreensão do lugar dos jovens de Nazaré. A imagem do barco representa uma viagem dos conceitos e autores que nos embasam neste trabalho. Com eles, podemos entender melhor o que representa a geografia e o lugar, as representações de homem e mulheres de Nazaré, levando em conta as problemáticas de juventude, gênero e gerações, essas problemáticas envolvem a vida e o cotidiano da vida no espaço ribeirinho.

1.1 Aspectos conceituais da geografia enquanto ciência

A geografia faz parte de saberes indispensáveis a toda a sociedade. (CLAVAL, 2011). Primeiramente, as geografias pré-científicas eram conhecidas como geografias vernaculares, pois eram transmitidos pela palavra, eram perpassados através das gerações, os saberes-fazer se constituem na vivência, no aprendizado prático entre as gerações. Esses pressupostos foram importantes para que cada sociedade conhecesse o seu espaço, nas quais poderiam se localizar através da orientação e de localização dos itinerários. Entretanto, as geografias vernaculares possuíam vários problemas, bem como as lacunas e fragilidades que deixariam comprometidas a difusão do conhecimento. (CLAVAL, 2011).

Desse modo, a geografia humana tomou uma forma científica e moderna a partir da reinterpretação das geografias vernaculares no século XIX E XX (idem, 2011). A geografia assim foi construída por vários teóricos, um de seus precursores entre eles se destacam Alexander Von Humboldt considerado um dos fundadores da geografia.

Karl Ritter, igualmente importante, foi responsável por sistematizar a geografia, foi considerado um grande organizador dos pressupostos da geografia, e suas influências ambientais contribuíram também na história, enquanto Friedrich Ratzel apresenta os fundamentos da geografia moderna, foi influenciado pelas ideias positivistas. Sua teoria é baseada em aportes interdisciplinares que procuram entender a difusão dos povos na superfície da terra. Ele alicerçou sua teoria em alguns pressupostos de Augusto Comte, e também em autores como Humboldt e Ritter. Organizou a disciplina da antropogeografia como um dos efeitos da natureza sobre o homem. (SAUER, 2012, p.52). Em seus últimos trabalhos, principalmente, Ratzel coloca a importância do componente histórico-cultural no estudo das socie-

dades, sendo “o primeiro autor a propor de forma explícita uma geografia do homem.” (MORAES; FERNANDES, op. cit., 1990, p. 27).

Na França o representante da geografia francesa, teve a figura de Paul Vidal de La Blache, nas discussões geográficas grandes embates aconteceram no século XIX, os conflitos políticos e ideológicos marcaram a construção da geografia alemã e francesa.

Por trás de toda essa discussão sobre a geografia, havia uma disputa política e ideológica de legitimação do poder de ambos os países. Para sistematizar a geografia em várias partes da Europa buscava-se validar a dominação e subjugação do “mundo tropical”, (FABRICIO; VITTE, 2011, p.302). Ademais, essa imagem negativa sobre as regiões tropicais levou a várias interpretações equivocadas, defendidas não somente por geógrafos, mas por um grande número de teóricos de outras ciências. Com isso, legitimou-se o imperialismo sob as bases deterministas e evolucionistas. CORRÊA (1991, p. 9) coloca que é um dos primeiros paradigmas, da geografia sistematizada é justamente o determinismo ambiental, no contexto do imperialismo e dos interesses dos Estados-Nação. Para entender melhor, coloca (FABRICIO; VITTE, 2011, p.305).

Como dito, a ideia da unidade de método positivista, com integração entre as ciências sociais e humanas, foi essencial na sistematização da geografia e na criação de departamentos dessa disciplina em diversas universidades, já que o positivismo também esteve vinculado à “divisão do trabalho científico”, trazendo “compartimentação do saber” e o desenvolvimento de várias ciências.

A fim de realizar o expansionismo territorial, a geografia foi absorvida como fundamentação teórica, ideológica e política para realizar os interesses dos Estados. Para isso, era imprescindível que a geografia fosse uma disciplina expandida nas Universidades, no meio científico e nas escolas. Desse modo, a geografia passou por várias mudanças em sua concepção. Ela passou por uma grande influência do positivismo determinista, assim com outras ciências também vivenciaram. Na passagem do século XIX para o XX surgiram novos debates entre o positivismo e o historicismo, surgiram também novos aportes para análise da realidade, o funcionalismo teve repercussões na geografia a exemplo dos escritos de La Blache.

Surgiu posteriormente, a concepção de “gênero de vida”, acrescentando as questões humanas, La Blache acreditava que as regiões eram unidades que funcionavam como um organismo, onde o meio físico dava suporte para os grupos se desenvolverem. Essa concepção sobre as regiões deu suporte para o

entendimento do “gênero de vida”. Pois, através do meio o homem tinha possibilidades de fazer suas atividades, criar suas técnicas, e extrair produtos. Daí surge, o possibilismo, difundida por Lucien Febvre. (ANDRADE, op. cit., 1987, p. 70).

Nesse sentido, os estudos regionais valorizavam o particular, que seria descrito minuciosamente através de monografias, partindo da observação e descrição de uma região que se manifestava evidente na paisagem, pela integração harmônica entre seus aspectos naturais e históricos. As perspectivas regionais também influenciaram a geografia brasileira.

A geografia formou-se a partir de integrações entre o mundo físico e social, assim percebemos que a realidade observa essa miscelância de elementos. Não são opostos entre si, mas complementa-se, a geografia física é de extrema importância para a compreensão do espaço, assim como a geografia humana e cultural contribui para o entendimento das dinâmicas espaciais que advém das relações humanas.

Uma importante consideração de Claval (2011) é que a eficiência da geografia depende do progresso das ciências físicas e sociais, a paisagem mostra várias faces que revelam traços e os ritmos da vida coletiva, porém existe um dado importante que Claval aponta para o olhar direcionado para a paisagem, ela necessita do treinamento do olhar para poder ser revelada. Daí surge a interrogação e os questionamentos, a partir do olhar treinado de seus pesquisadores. O pesquisador tem o papel de apreender o olhar diferenciado que possibilita a associação da realidade com a teoria.

Com o passar do século XX, muitas transformações ocorreram e os geógrafos passaram a considerar as relações entre humanos e o ambiente. Na década de 1970 surgem questões que envolvem o mundo subjetivo, mais precisamente com a fenomenologia e seu desenvolvimento nas Ciências Sociais. (CLAVAL, 2011). Dessa forma, nasce a geografia cultural, em 1980 ela é renovada em diversas matrizes. Com objetivos de enxergar a cultura como um reflexo da prática social. A cultura é algo construído e reconstruído, vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012).

Ainda sobre a cultura, devemos perceber a influência pós-estruturalista e do pós-modernismo, nas palavras de McDowell:

Cultura é um conjunto de ideias, costumes e crenças que moldam as ações de um povo e a produção de artefatos materiais. É definida e determinada socialmente em relação ao poder. [...] Cultura é uma visão de mundo que é

usada por diferentes atores sociais para conferir significado às localidades onde moram, criando, assim, uma variedade de paisagens culturais. (1994, p.148).

A geografia cultural diferencia-se em metodologia, temática e teoria, absorveu ideias do marxismo, fenomenologia, hermenêutica, ciências sociais e humanidades. Os “significados” tornaram-se uma palavra-chave para a geografia cultural, pois através deles podemos perceber não somente a organização da sociedade, mas perceber os sentidos atribuídos por cada indivíduo, conforme Cosgrove, diz que “toda a atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica.” (2003, p.103). Destarte, o aspecto simbólico e interpretativo conduz a uma visão diferenciada do espaço. Nas palavras de Maria Geralda de Almeida (2009) a geografia cultural humanista tem pelo menos três abordagens:

[...] podem ser consideradas mais evidentes: 1) Semiótica – que explora os signos e significados; 2) Espiritualista – que se preocupa com a consciência humana; 3) Eclética – um mosaico de temas/interdisciplinaridade. A primeira delas se preocupa com o universo de símbolos atribuídos aos espaços e aos lugares, dedicam-se tanto a paisagens urbanas quanto ao meio rural. Denis Cosgrove é um geógrafo que se insere nessa abordagem. A corrente espiritualista é protagonizada pela italiana Giuliana Andreotti e está relacionada aos valores espirituais que são atribuídos aos lugares. (p.740)

A partir dessa análise, percebemos que a geografia cultural tem diversas linhas teóricas e abordagens, até mesmo uma abordagem profundamente poética vista em Bachelard, ou a corrente espiritualista de Andreotti, entre outros. A abordagem eclética tem como representante o teórico francês Paul Claval, possui uma característica interdisciplinar da geografia com vários temas.

1.2 A geografia cultural e o conceito de lugar

Após essa breve descrição do caminho percorrido na construção do pensamento geográfico, chegamos ao conceito chave de nosso trabalho, que é o conceito de lugar. Para entender o fenômeno cultural emana-se um esforço para ir a fundo, realizar um trabalho minucioso, para entender as estruturas componentes da vivência humana. (FREIRE, 2013). Por isso é de suma importância entender a estrutura subjetiva que perpassa nas culturas caboclas e ribeirinhas, o qual é o objeto de nossa análise e compreender o sentido de habitar no lugar e posteriormente do lugar habitado.

Na geografia cultural, a categoria Lugar, ganhou um sentido importante a partir de leituras de Bachelard (1983), Tuan (1983), Dardel (2011), Bollnow (2008),

Buttimer (1985), Claval (2011) e outros. Para entender as conexões entre o homem e o espaço, os autores citados mergulharam na profundidade da condição humana, mostrando detalhes que a geografia tradicionalista deixou de lado. Isso foi possível por meio da valorização da fenomenologia como um aporte de compreensão da realidade vivida. Dardel destaca a importância de se entender a geografia como um estudo da Terra onde os meios físicos se misturam com a vida que está presente por toda a parte. Desse modo: “A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja compreendido geograficamente, que o homem sinta-se ligado a Terra como se chamado a realizar-se na sua concepção terrestre.” (DARDEL, 1990, p.46). A ligação com a terra como se referiu Dardel, indica que a Terra funciona como uma base, e nessa base construímos o nosso habitat.

Nesse sentido, não só moramos na Terra, mas habitamos. Como colocou Martin Heidegger, ele defende que não habitamos porque construímos, mas sim cada vez mais construímos porque habitamos (FREIRE, 2013), da mesma forma, Buttimer (1982, p. 166) é influenciada pela teoria de Martin Heidegger e entende que habitar é mais que “morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza [...] construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa”. (Idem, 2013).

Nota-se que dessa forma Tuan (1983, p. 160) propõe que: “a Terra é o corpo humano em grande escala”. Essa afirmação demonstra a relação da existência humana com a Terra visto que a última seria parte da nossa corporeidade. Freire (2013).

Claval aponta para o “homo geographicus” contemporâneo (2010, p.227), esse homem constrói sua experiência com o mundo a partir dos sentidos, o olhar, apalpar, degustar, ouvir, funciona como receptores da experiência. Por isso, o sentido de habitar é inerente ao ser humano. Assim, ao privilegiar esse olhar na geografia buscamos elucidar as suavidades intrínsecas nas vivências humanas.

Autores mostraram de diversas formas, a preciosidade desse conceito, temos em Tuan (1980) é um dos grandes estudiosos do lugar desse período e da atualidade. Segundo ele, o espaço se transforma em lugar quando adquire um significado, um afeto, uma ligação íntima. Sendo esses resultados adquiridos da nossa experiência, tanto de intenções como das relações intersubjetivas. Em sua obra “Topofilia” (1980), ele mostra que a representação desse lugar é internamente

construída como um elo afetivo com o lugar. No livro “Espaço e Lugar” (1983), ele preconiza a experiência como um elo íntimo construído ao longo dos anos. Tuan (1983, p. 160), descreve que os lugares são fruto das experiências íntimas.

Há um sentido de lar que caracteriza o lugar: “Este certamente é o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores” (TUAN, 1983, p. 160). É nesse ponto que nossa pesquisa se embasa, tanto na representação, como na experiência vivida no lugar, passando pela ideia de um “lar” que atribui uma série de significados.

Na obra “A poética do espaço” Bachelard enfatiza nos primeiros capítulos os espaços íntimos da casa, um descrição densa, poética e profunda do lugar que chamamos de “lar”. Na casa estabelecemos nossas lembranças, o inviolável, onde devaneamos em nossas lembranças e sentimentos. Na casa, cada espaço tem seu significado e sua funcionalidade. Sobre a casa Bachelard estabelece:

Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. [...] A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razão ou ilusões de estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa. (BACHELARD, 2008, p. 25;35, grifos nossos)

A partir das leituras de Bachelard, “O Abrigo pela casa”⁴ de autoria de Bollnow, mostra a função da casa que é proteger, abrigar, e funciona como um “elemento de resistência”, um repositório de coisas e idéias espalhadas. O autor estabelece alguns aspectos significativos sobre a casa: 1) A casa como sendo o “centro” do mundo. 2) a casa mantém um caráter próprio, que somente compreendemos na analogia com o sagrado. 3) a casa vista como um território inviolável da paz. 4) a casa como uma imagem do mundo, nosso primeiro universo. (Bollnow, 2008, p. 139-140) Essas características serão analisadas ponto a ponto em nosso trabalho. Ele “dialoga com Bachelard que considera a casa um dos grandes poderes integradores na vida do homem”. Onde nos remetem a paz e a tranquilidade.

Percebemos assim, que em nossa pesquisa a casa tem um grande significado para os jovens de Nazaré, com um acolhimento, uma forma de fugir do “mundo” lá fora. Mas, também a casa pode ser representada como a própria

⁴ Encontra-se no livro “O Homem e o Espaço”, título original: “Mensch und Raun” 9ª ed. 2000.

comunidade, um lugar familiar e acolhedor. Pra isso usaremos os aportes teóricos de Bachelard e Bollnow.

1.3 Juventude, Gênero e Gerações

Nas culturas ocidentais, é comum dividir a vida humana em fases (CAMARO, MELLO; KANSO; 2006, p.33). Geralmente considera-se que o ciclo da vida de um ser humano é dividido em três fases: a primeira é a infância seguida da adolescência e juventude, a segunda refere-se a fase adulta, e a terceira, a velhice. Visto como uma fase “transicional” (CAMARO; MELLO, 2006), a juventude apresenta características de grandes expectativas a tanto para o jovem, como certa cobrança da sociedade.

As fases da vida estão atreladas à processos historicamente e culturalmente construídos. Por isso, o momento de refletir sobre uma dada fase da vida, requer uma visão macro do processo histórico e espacial da realidade. Assim, essas fases são marcadas por “ritos de passagem”, esses eventos remetem a uma transição de um momento da vida. O nascimento, a menstruação, casamento, primeiro emprego, enfim. Construimos e marcamos essas fases em nossa vida com elementos subjetivos e objetivos entrelaçando o cotidiano do nosso espaço vivido.

O aumento da expectativa de vida evidenciam mudanças ocorridas no mundo, nesse sentido demonstra que as fases da vida tem se alongado (CAMARO, MELLO, KANSO, 2006). Desse modo, esse fato significou mais divisões nessas fases e, atualmente várias culturas têm vivenciado essas transições de forma diferenciada.

Pensar em transições das fases da vida em culturas diversas significa pensar de que forma elas interagem com as mudanças ocorridas em uma escala maior, convivendo em um mundo globalizado e capitalista. Possivelmente, podemos encontrar heterogeneidades nas formas de ver e pensar cada fase de vida do ser humano. Ademais, podemos observar que nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, esses processos podem apresentar características próprias, isso não significa afirmar que elas também não interagem com outras culturas, mas a partir dessas referências podemos verificar semelhanças e diferenças. A juventude rural está marcada por elementos de mudanças e permanências.

Muito se tem discutido sobre o marcador de entrada para a vida adulta. Para Camaro e Mello (2006), entendem que seja a independência econômica, saída da casa dos pais, e/ou constituição de uma família, (ibidem, 2006) a situação de linearidade, entretanto há modelos que não estão atrelados a uma sequência tradicional das coisas, a transição para a vida adulta é diferente para cada sociedade em tempos e espaços diferentes. A juventude é caracterizada como uma condição tanto biológica como cultural. (GIL SOUZA, 2004, p.)

Na vida dos jovens rurais de Nazaré, é marcada por sua ligação forte com a comunidade⁵, parentes e amigos próximos. Diferentemente da jovem da cidade que experimenta a rapidez das relações marcadas por todo aparato tecnológico, acesso à internet, as redes sociais e amigos virtuais. Os jovens vivem a tranquilidade da vida no campo e por isso as relações são mais próximas, algumas nutrem o desejo de se inserir na sociedade do consumo e outras preferem a ficar na comunidade. Entretanto, esses elementos que aparentemente eram distantes da realidade ribeirinha têm sido cada vez mais próximos da comunidade. Convivem ainda com um momento de mudanças e experiências complexas da vida, onde se definem as relações afetivas, trabalho, escolaridade e outras questões.

As necessidades de trabalho e formação profissional levam jovens, homens e mulheres a migrarem para a capital e outros municípios do Estado. Nesse aspecto, os jovens seguem a uma tendência que vem repercutindo desde as últimas décadas (BRUMER, 2007). Assim, o modo de vida que anteriormente era ribeirinho, muda para uma vida ligada a cidade. Nesse sentido é importante salientar as mudanças que ocorrem na vida do indivíduo desde o nascimento até a vida adulta, esses momentos podem representar transições e dilemas para os jovens.

É indispensável citar que ao fazer as suas escolhas eles estão buscando mudanças, que são características de transições e das fases da vida do indivíduo, ela divide-se em eventos biológicos como a puberdade, menarca, reprodução, menopausa, senilidade e a morte, e os eventos sociais como a formatura, primeiro emprego, parentabilidade, casamento e aposentadoria. Cada um desses

⁵ Conceito de comunidade está ligado com a ideia de laços entre os indivíduos, as quais a partir desses laços formam grupos que concordam ou discordam de algo, assim compartilham crenças e tem um alto grau de pertencimento ao grupo. (BAUMAN, 2010). Os povos e comunidades ditas tradicionais são assim definidos como "grupos culturalmente diferenciados" que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição de sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral, e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. Ver decreto nº 6.040 de 07/12/2007.

acontecimentos varia de acordo com o tempo e o espaço de cada indivíduo no seu grupo social.(CAMARO, MELLO, KANSO, 2006)

Por se tratar de jovens, é importante salientar a relação deles com as identidades de gênero, suas construções culturais, sociais e espaciais, contendo várias conexões, estas podem revelar nuances diversas acerca das relações de gênero, geração e juventude.

Para entrelaçar o tema com outros elementos que podem revelar olhares diferentes entre os sujeitos, dentro deste trabalho, buscamos entender como as relações de gênero estão incutidas nas relações sociais, na construção da cultura e nas representações do lugar. Entender sob a ótica de gênero requer não só entender olhares diferenciados, mas observar onde as variadas formas de masculinidades e feminilidades influem na construção da cultura, na constituição do espaço e do lugar. As identidades formulam modelos representacionais operados pelos sujeitos, que moldam o espaço físico e simbólico.

As relações de gênero vêm sendo pesquisadas e conceituadas como relações a partir da terceira onda do feminismo nos anos 1980. Com esses estudos foi possível entender que as ações femininas e masculinas eram tidas como naturais, por isso, eram consideradas invariáveis. A partir de tais investigações foi possível obter novos conceitos contestando as velhas visões de mundo, desse modo essas “verdades” deveriam ser repensadas e discutidas não só no movimento feminista, mas também no meio acadêmico.

O enfoque de gênero revolucionou os estudos científicos e vem ganhando cada vez mais espaço em grupos de pesquisa e estudos da ciência porque mostrou que a mesma era um construção social e sexista, ou seja, a ciência era masculina. O estudo de gênero que faz parte de uma tendência do feminismo que teve três grandes ondas, o conceito de gênero⁶ faz parte da terceira onda que aconteceu no final da década de 1970 e adentrando os anos 1980 (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Pontuar esses momentos históricos mostra-nos que os primeiros estudos com vistas a conceituar gênero começaram com Robert Slotteem 1968, posteriormente dando mais ênfase Gayle Rubin em 1975 com o artigo “The Traffic in Womem” indicou um estudo com foco na perspectiva de gênero. (SAFFIOTI, 2004).

⁶ Simone de Beauvoir sinalizava um estudo voltado ao gênero, porém não o tinha nominado, nesse fundamento ela criticava o essencialismo biológico e contestou as imposições baseadas na anatomia do sexo. Nesse sentido, Beauvoir é considerada a precursora do conceito gênero. Saffioti (2004).

Desde a primeira onda do feminismo buscou-se desnaturalizar a construção da imagem do homem e da mulher, a tentativa era mostrar a forma injusta na qual a mulher foi tratada ao longo da história em todos os campos sociais, econômicos, religiosos e culturais. Na terceira onda do feminismo o conceito gênero foi estabelecido como uma forma de relação “(...) o conceito de gênero se situa na esfera social, diferente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico. Nesse sentido ao privilegiar os aspectos sociais, essa noção permite refletir sobre a forma como são socialmente construídos os papéis do homem e da mulher.” (SAFFIOTI,1992, p.183)

Assim, conforme Joseli Maria Silva afirma que o conceito de gênero implica na análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional. Dessa forma:

A concepção da construção social que transforma fêmeas e machos humanos em homens e mulheres considera o gênero masculino ou feminino como papel desempenhado socialmente. Dessa forma, o conceito de gênero negou a construção universal das diferenças sexuais e implicou a análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional. (SILVA, 2008, p. 228).

Desse modo, este viés que coloca o gênero como uma questão relacional elucida as ideias de Simone de Beauvoir, na qual já sinalizava desde a década de 1950 com a obra “O segundo sexo”, lançado em 1949. Segundo seus conceitos, a noção de gênero nega o determinismo biológico que diferencia a partir da anatomia humana as características físicas do homem e da mulher, a dicotomia dos sexos ganha uma perspectiva relacional.

O movimento feminista versou pela igualdade em um primeiro momento, mas em outro período afirmava a diferença, sobretudo essas imagens representavam estereótipos inculcadas os valores da identidade feminina e masculina, que por sua vez, construía sistemas de dominação de um gênero sobre o outro.

As construções subjetivas dos corpos remetem ao macho e a fêmea, muitas vezes negam as identidades e variedades do conceito, sendo necessário sob uma nova ótica perceber essas singularidades. Diante disso, a importância de entender as relações de gênero no espaço rural e ribeirinho se dá na perspectiva de perceber que essas relações variam de acordo com os diferentes espaços e escalas (SILVA, 2009, p.37).

Na geografia, temos representações dos estudos de gênero como uma ciência que está vencendo as barreiras do androcentrismo e do sexismo, através da pesquisa e do diálogo entre a geografia e o gênero. Observando as considerações acima, Joseli Maria Silva propõe a construção de uma ciência que ela chama de “ciência subversiva”. De tal modo, essa “subversão” para ela é compreendida de duas formas: a subversão na prática do saber científico e a subversão a partir das práticas de grupos sociais pesquisados que se encontram fora do centro das configurações do poder. (SILVA, 2009, p.14).

Em nosso trabalho a subversão atua nos dois sentidos, o primeiro porque está buscando oferecer um novo olhar diante das temáticas anteriormente desprezadas na academia, como as temáticas de gênero e os ribeirinhos. A segunda porque dá ênfase nos grupos sociais desprezados, no sentido de valorizar suas práticas, considerar que o viver ribeirinho nega em alguns aspectos as práticas urbanas capitalistas, mas dialoga com alguns de seus elementos. Sobre a questão de gênero, o que nos envolve é pensar de que forma homens e mulheres vivenciam esse espaço de acordo com os papéis sociais. A mulher e o homem ribeirinho sofrem o julgamento de suas formas de viver e atuar no espaço e pelas mentalidades construídas a partir de influências diversas, tudo isso como sendo produto da colonização na Amazônia. Os trabalhos iniciados há pelo menos quinze anos pelo “Projeto Beradão” convergem com a luta para dar notoriedade aos estudos sobre as populações amazônicas do Baixo-Madeira.

Por isso, pensar em subversão pode ter relação com o gênero, espaço, sexualidades e os grupos sociais considerados outsiders, ou seja, fora do padrão de normalidade, mas também com a diversidade do saber que não está submetido a um pressuposto universal. Por isso, pensar em gênero na Amazônia pode significar não estar preso a generalidades de conceitos e formas de entender o grupo social, sendo ele composto de homens, mulheres, gays, lésbicas, travestis, entre outros.

Para isso tivemos como representante local desse desafio a Prof. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva que a mais de uma década se debruçou em entender as questões de gênero na Amazônia, desvelou a situação das mulheres nos seringais da Amazônia, na qual tinha um papel invisível e marginalizado (NASCIMENTO SILVA, 2000). As pesquisas sobre as mulheres ribeirinhas do Baixo-Madeira também foi alvo do estudo da referida pesquisadora, nesse sentido ela observou seus hábitos, organização econômica, traços de sua cultura entre outros.

As mulheres ribeirinhas situam-se em um grupo de mulheres de baixa renda e em muitos casos de baixa escolaridade, de um modo geral são grupos marginalizados pela sociedade urbana, permaneceram por muito tempo sem notoriedade e longe das políticas públicas, sofrem diversos tipos de violência desde a violência doméstica, sexual até a violência simbólica.

Através desses apontamentos verificamos a necessidade de pesquisas acerca do espaço ribeirinho, visando entender a complexidade em entender uma comunidade que nos parece ser próxima fisicamente, mas que possui uma série de diferenciações em seus modos de vida.

Pensando nessa diversidade, elucidamos que as contribuições de Judith Butler(1990) vêm ao encontro de nossas concepções. Apontando para o gênero performático que consistem em desconstruir a dualidade homem e mulher, assim essa teoria busca compreender as múltiplas masculinidades e feminilidades, de tal modo que o gênero é uma categoria resultada de construções sociais que mudam constantemente. Essas ideias foram absorvidas por Butler (1990), Foucault (1988), Laurentis (1987). Igualmente, essas formas colocam em evidencia a teoria Queer como uma contribuição teórica importante que deu bases para os movimentos sociais reivindicatórios posicionando-se em relação que já fora estabelecido no âmbito da ciência. Judith Butler aponta em "*Problemas de Gênero: Feminismo e subversão*" que a questão da subversão de gênero e as ideias de performatividade como um aspecto de análise, tirando o foco somente para o "estudos sobre as mulheres"(SILVÉRIO, 2008)

As correntes pós-estruturalistas e pós-colonialistas buscavam ir além da dualidade oposta, mas compreender as identidades de gênero, suas particularidades e diversidades, salientando que não existe uma linearidade fixa do gênero, porquanto elas são maleáveis e resultam de vivências cotidianas. (SILVA, 2009).

O ensejo de um novo olhar sobre o gênero abriu um leque de possibilidades de estudos, focando também os grupos sociais considerados excluídos dos estudos científicos, o caso dos grupos femininos esses volumes de estudos aumentaram após a década de 1990, assim o estudo sobre as mulheres rurais ganhou o aspecto da identidade, dessa forma entendemos que os jovens e ribeirinhos a partir de suas construções de gênero têm uma identidade própria que eles manifestam através das suas representações sociais.

As representações juvenis dependem ainda de um referencial dado através dos valores repassados de geração em geração, os valores incorporam seus modos de pensar e agir. Por isso, a compreensão do termo “geração” constitui uma ligação forte que remete a tradição e mudanças. Usaremos a abordagem de Karl Mannheim (1952), em que as gerações são resultado de descontinuidades históricas (mudanças), e assim, a demarcação geracional está localizada nos processos históricos que os mesmos compartilham.

Philip Abrams (1982) compartilhou e ampliou o pensamento de Mannheim, atribuindo também a noção de identidade. Dessa forma, Feixa e Leccardi sob essa leitura apontam que:

A relação entre estas duas dimensões da história emerge claramente se for feita referência ao tempo social. É dentro deste último, de fato, que a sociedade e a identidade geram-se reciprocamente. Mas de que forma esta conexão entre identidade e geração é realizada? Para Abrams uma geração, (...), é o período de tempo durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis. Assim, novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades para a ação. (FEIXA E LECCARDI, 2010, s.p)

Aqui, podemos ver que as identidades e a geração estão entre as vivências sociais. E que delas surgem variadas formas conexão com a realidade, de modo que, as fronteiras que separam essas gerações não são claramente definidas. (BAUMAN, 2007, p. 373).

Entretanto, para que esse processo possa ser realizado, é necessário um vínculo, um sentimento de pertencimento. A comunicação entre os jovens, adultos e velhos deve oportunizar um laço entre as gerações. Juntamente com eles criar os vínculos civis, e a noção do “nós” e não somente do “eu”. (BELARDINELLI, 2010).

1.4 Cultura Ribeirinha em Contextos Rurais: Uma Heterotopia

Este termo surge a partir de Foucault, em especial aquela encontrada no texto *“Des espaces autres”*, de 1967 e no livro *“Les Mots et les choses”*, de 1966. No sentido de explicar o espaço em um sentido diferenciado, ele colocou a ideia de heterotopia como o inverso da utopia. A utopia é vista como ideia do irreal, o imaterial. A heterotopia reflete para Foucault o espaço concreto onde todas as suas representações estariam presentes com contestações incluindo seus conflitos. Valverde (2009). No entanto a heterotopia de Foucault não teve o alcance esperado, devido a falta de clareza em sua argumentos e nos exemplos. Mas, dentro das

críticas pós-modernas que a ideia de heterotopia foi recuperada e vem ganhando maior interesse. Os desdobramentos levaram ao interesse por parte da geografia pela abordagem espacial de Foucault e mais especificamente pela ideia de heterotopia. Valverde. (2009, p 14)

Para que possamos entender o espaço rural ribeirinho, o nosso trabalho foi embasado nos conceitos de espaço e lugar, representação e também no conceito de heterotopia, acerca do viver ribeirinho, evocamos como base de entendimento o conceito heterotopia como uma forma de resistência ao que está posto pela sociedade moderna. Tomamos assim, o espaço rural ribeirinho como uma heterotopia enquanto uma ideia espacial que diferente de outros espaços resiste a alguns modos impostos pela sociedade moderna. Soja e Gregory destacavam que a heterotopia consistia em diversas formas de resistências, assim, Valverde se embasa nesses autores e destaca que a heterotopia é:

De acordo com Soja, o espaço heterotópico não pode ser dissociado dos significados e representações sociais que ali se desenvolvem, se constituindo em um conjunto de relações espaciais concretas e imateriais. (VALVERDE, 2009, p.16).

Apesar de Soja estar se referindo em seus escritos ao espaço urbano, entendemos que no espaço ribeirinho caracterizam-se semelhantemente a esse, seus atores estão em um envolvimento que foge muitas vezes ao que a sociedade moderna e o Estado chamam de “normal”, ou “certo” e aceitável, ou seja, a modernidade tal qual vem alicerçada em diversos pontos de sustentação traz em seu bojo a racionalização e a lógica burocrática no desenvolvimento das esferas axiológicas incluídas no saber, ciência, moral, e na arte, foi então que Foucault colocou que seria possível isso acontecer em sociedades mais fechadas quase que isoladas do Estado.

As heterotopias podem ainda permitir ver o espaço ribeirinho como um espaço real, mas também repleto de representações sociais possui sentido e significados para seus moradores. Em Nazaré é perceptível que as representações são compartilhadas socialmente, os jovens estão em constante interação com as formas simbólicas de manifestar o apreço pelo lugar, os festejos podem ser vistos como uma dessas formas, na qual toda a comunidade se envolve, entrelaçam as práticas da vida em um evento simbólico e por consequência reforçam a ligação com o lugar. No entanto, o conceito também remete a um espaço de tensões e conflitos. Podemos aparentemente não perceber isso em Nazaré, porém ao analisar a fundo a

comunidade, percebemos situações contraditórias e conflituosas entre os moradores, ou entre as instituições que a atuam nesse lugar. Esses conflitos e tensões serão analisados posteriormente nos resultados do trabalho.

Outra característica da heterotopia⁷ é o aspecto de mudança, ela está em continua transformação, são também marcada pela diversidade no mesmo espaço, esse espaço pode então, adquirir novas funcionalidades. As heterotopias podem ser acumulativas, e agregar o uso do tempo em diferentes formas, o que depende das práticas dos sujeitos. E por fim, a heterotopia funciona como um sistema de abertura e fechamento que isola o espaço em torno, o que pode ser positivo ou negativo nas diferentes situações. Que possamos entender a heterotopia como um mecanismo de análise do espaço ribeirinho. Então, podemos chama-las de heterotopias rurais/ribeirinhas. Nesse sentido, agregaremos um olhar entre o espaço e os jovens na construção dos lugares. Mas, antes devemos entender os elementos que configuram o modo de vida ribeirinho, suas nuances e as problemáticas em torno do conceito de caboclo.

Compreender o modo de vida ribeirinho constitui-se de fundamental importância para à análise do espaço/Lugar em que eles vivem. Espaço que de acordo com Santos (1987) é o resultado das ações entre os indivíduos em um meio. O espaço ribeirinho, por sua vez, possui suas características próprias que o distinguem dos demais espaços, com sua população e com seus modos de vida peculiares. Para abranger o conhecimento sobre o assunto adota-se o conceito de ribeirinho elaborado por Silva (2007, p.23).

(...) temos como definição de “ribeirinho” a população constituinte que possui um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio. Para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem.

Exatamente por terem como característica principal um modo de vida diferenciado de outros habitantes de áreas rurais ou da cidade, ainda hoje as populações ribeirinhas são rotuladas de forma pejorativa como relata a autora Nascimento Silva (2004, p.43):

A base da crítica que classifica os ribeirinhos como preguiçosos fundamenta-se em um método comparativo mal aplicado que não considera as particularidades de cada grupo. O principal produto ribeirinho é o peixe. A produção agrícola é de subsistência. Desta forma simplesmente denominá-los de “preguiçosos” é preconceito.

⁷ Utilizamos como base das características da heterotopia, Vieira (2011, p.251-253)

Configurando-se assim a relevância dos estudos em relação às populações ribeirinhas, pois visto que as mesmas além das adversidades físicas do local ainda sofrem com o preconceito em razão da falta de compreensão e entendimento das peculiaridades do viver ribeirinho. Para entender o modo de vida e o “ser ribeirinho” emana o esforço de entender que suas subjetividades são ligadas a natureza e ao espaço/tempo diferenciados, nesse entendimento, Nascimento Silva (2004, p.22) coloca que:

(...) os ribeirinhos que organizam seu modo de vida segundo movimento das cheias e vazante dos rios, lagos, paranás, igapós, furos e igarapés. Cada uma dessas categorias possui sua própria forma de se organizar e produzir seu espaço. O modo de ser ribeirinho está caracterizado por uma concepção de natureza diferente, por integrar em seu modo de vida os elementos essenciais disponíveis: as águas e as matas e desses elementos estabelecer suas estratégias de sobrevivência, seus valores éticos, estéticos e seus sonhos.

Nesse aspecto, o viver “ribeirinho” está condicionado não somente em morar à beira do rio, mas, sobretudo está apoiada em vários elementos materiais e imateriais característicos do seu modo de vida. Seu olhar e percepção de mundo são diferenciados. O ser beiradeiro, ou seja, morar à beira do rio significa não somente uma relação com a natureza, mas um modo de ser que recusa as amarras do alto consumo de bens e serviços, isso não significa que eles recusam o uso dos objetos considerados “modernos”, mas a sua relação com eles é diferente. As representações desses beiradeiros e beiradeiras podem ser identificadas nos festejos dos religiosos, na forma de alimentar-se, na produção para o sustento, e na forma de se relacionar com a natureza (NASCIMENTO SILVA, 2004). Enfim carregam uma gama de elementos simbólicos repassados através das gerações. Assim conceituados como “Comunidades Tradicionais” ou “Sociedades Caboclas” são objeto de discursos teóricos sobre seu modo de vida (NASCIMENTO SILVA, 2004; MOTTA-MAUÉS, 1993; ABRAMOVAY, 2003; FRAXE, 2005).

Muitas vezes, os moradores de áreas rurais, sejam eles ribeirinhos, quilombolas, assentados e indígenas, são considerados pelo senso comum como ignorantes, porém seu conhecimento e a cultura oral também são importantes como valor simbólico e imaterial para homens e mulheres que moram em áreas consideradas rurais.

Os conhecimentos adquiridos através da prática dinâmica do cotidiano oferece o conhecimento necessário para lidar com a terra, água e as mudanças climáticas. A relação dos ribeirinhos com essas práticas oferecem a apropriação do

saber-fazer Woortmann (1997, p.11) que é incorporado dentro do seu ser. O trabalho com a terra tem um significado especial para eles, é um saber-fazer, produz uma lógica diferenciada, mostram certo desinteresse pela formalidade, que em muitas vezes é exigida pela lógica burocrática da sociedade moderna. Essa demasiada civilização, formalidade que há nas cidades é recusada por quem tem outras formas de relacionar-se.

O caboclo da Amazônia faz parte do que o Brasil negou por muito tempo na história, foi o projeto incompleto de criação de uma cultura brasileira (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006, p.16). A existência de uma dicotomia entre rural e urbano revela assimetrias entre essas populações, a visão dualista entre atraso e desenvolvido ainda permeia o imaginário das pessoas. Diante desse cenário é comum ocorrer a invisibilidade sócio-política entre as populações rurais. Isso pode ser claramente observado, uma vez que essa população fica desassistida pelo governo e os recursos em que eles vivem são escassos.

Por isso, é importante entender que as formações e o sentido dos lugares são de suma importância para a permanência dessas populações no campo, as resistências em mudar suas práticas podem garantir a continuidade da cultura ribeirinha para as próximas gerações.

1.5 A Representação do Lugar

Nossa linha teórica e metodológica, na investigação sobre a representação do lugar para os jovens ribeirinhos nos leva a fazer uso de conceitos que há muito tempo configuram a preocupação dos geógrafos, neste caso, a representação que o nosso trabalho aludiu à representação social⁸.

Assim, a geografia das representações busca compreender os processos do comportamento humano, Salette Kozel (2009, p.215) coloca que as representações são adquiridas por meio das experiências temporal, espacial e social. A representação tem relação com as leituras de mundo de cada indivíduo, de tal modo:

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real

⁸ Termo oriundo da psicologia que pode ser encontrada em Moscovici (1961), Bruner (1960), Piaget (1947), Bachelard (1989).

visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. A imagem de algo reflete uma construção simbólica. (KOZEL, 2007, p. 121).

Vemos que o ato de representar exprime a ideia de uma construção social que internaliza nos sujeitos formas de ver e viver o mundo, assim pode-se identificar que cada cultura representa suas vivências de diversas formas, relacionando com a vivência do mundo ribeirinho amazônico observamos que suas representações são ligadas às suas construções subjetivas e materiais sobre a floresta, o rio, a relação com a natureza enriquece suas representações de mundo.

Para Kozel (2009) todo o conhecimento geográfico está interligado a um contexto de representações sociais que se difundem e podem ser integradas aos conhecimentos científicos. Portanto, ela tem servido de aporte para a compreensão de vários fenômenos socioespaciais.

As representações estão diretamente relacionadas às normas religiosas, regras morais e sociais, bem como a ideia de dimensão do mundo, tudo isso remetem a identidade coletiva e sua relação intrínseca com o espaço, somente analisando no contexto macro é possível compreender como eles se reproduzem. Dessa forma, temos na ótica do teórico Serge Moscovici, na qual coloca que as representações são construções que nos remetem ao real, significa nosso esforço de transformar algo abstrato em concreto:

As representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, 2007, p.58).

É desta forma que percebemos como as representações estão inseridas nas relações sociais, assim Gil Filho (2008) define que “Muito mais do que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para organização da realidade.” (GIL FILHO, 2008, p. 24)

Segundo Pinheiro Filho (2004, p.144) toda representação é produto de uma síntese, o que exprime é a maneira pela qual a sociedade, no seu conjunto, concebe

os objetos da experiência, portanto o ato de representar configura-se em um objeto, símbolo ou na internalização de visões de mundo sobre uma dada realidade.

Assim também concebe Kozel (2009, p.227) que vê a representação como uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão todos interligados, elas são construídas com base em diversos processos de internalização e incorporam análises ideológicas, saberes populares e o senso comum.

Aproximando o conceito de representação ao nosso trabalho, vemos que há uma maneira peculiar entre o pensamento (consciência) e a ação dos jovens ribeirinhos, o espaço e o tempo são vividos diferentemente por cada um deles. Levando em conta que a consciência não é vazia e segundo Bakhtin (1986) é uma construção sócio-cultural, um tipo de linguagem oriundo da comunicação. Essa intersubjetividade é repassada por meio das representações, e que garante a sua permanência no mundo, onde as memórias não morrem com o ser humano, mas ficam através das histórias representadas.

Dessa forma, a vida é enraizada através dos diálogos, dialogamos com a fala, corpo, e com o espírito (FARACO, 1996). Kozel remete em suas palavras uma dá uma dimensão fenomenológica da representação, ela explana que:

Nessa perspectiva, as imagens como representações dos diálogos encerram uma forma de linguagem ou enunciados que se caracterizam por seu conteúdo e por seu sentido, pois eles não existem sem uma intenção, mesmo implícita, sobretudo, porque não escrevemos, falamos, ou representamos algo vazio, para nada dizer. Mesmo quando imaginamos ou externamos nossos monólogos, dirigimo-nos a uma pessoa, ou mais pessoas, e por mais simples que seja, está repleto de intencionalidades. Kozel (2009, p.230)

Assim, os jovens ribeirinhos internalizam e externalizam intencionalmente as suas representações, partilham das ideias do seu grupo social. E essa imagem e externalizada pelo modo de sentir, andar, vestir e falar, por suas experiências vivenciadas, faz com que eles enxerguem o mundo diferentemente dos jovens urbanos. Assim, também juntos, partilham as representações do seu Lugar, nessa representação permanecem as ideias do grupo juntamente com as percepções individuais.

CAPÍTULO II: MÉTODO E METODOLOGIAS: O OLHAR FENOMENOLÓGICO



Foto 2: M.F, Elisângela. Acervo pessoal. Pôr do Sol em Nazaré-RO, 2013.

“Vem passear de barco, vem navegar no Rio Madeira. Olhar os botos no rio, deitar na rede e sentir frio.(...) o povo que vive nas margens desse grande rio”.⁹

⁹ Trecho da canção “Passear de barco” do Grupo Minhas Raízes.

Este capítulo mostra as configurações metodológicas que auxiliam no entendimento da realidade vivenciada pelos jovens de Nazaré. A imagem ilustrada da visão do rio Madeira vista da Comunidade, remete justamente ao caminho percorrido na pesquisa, esse caminho requer intimidade entre a teoria e o método. Neste caso, analisaremos esse aspecto sob o olhar da fenomenologia.

2.1 Características sociais, culturais e econômicas da Comunidade de Nazaré

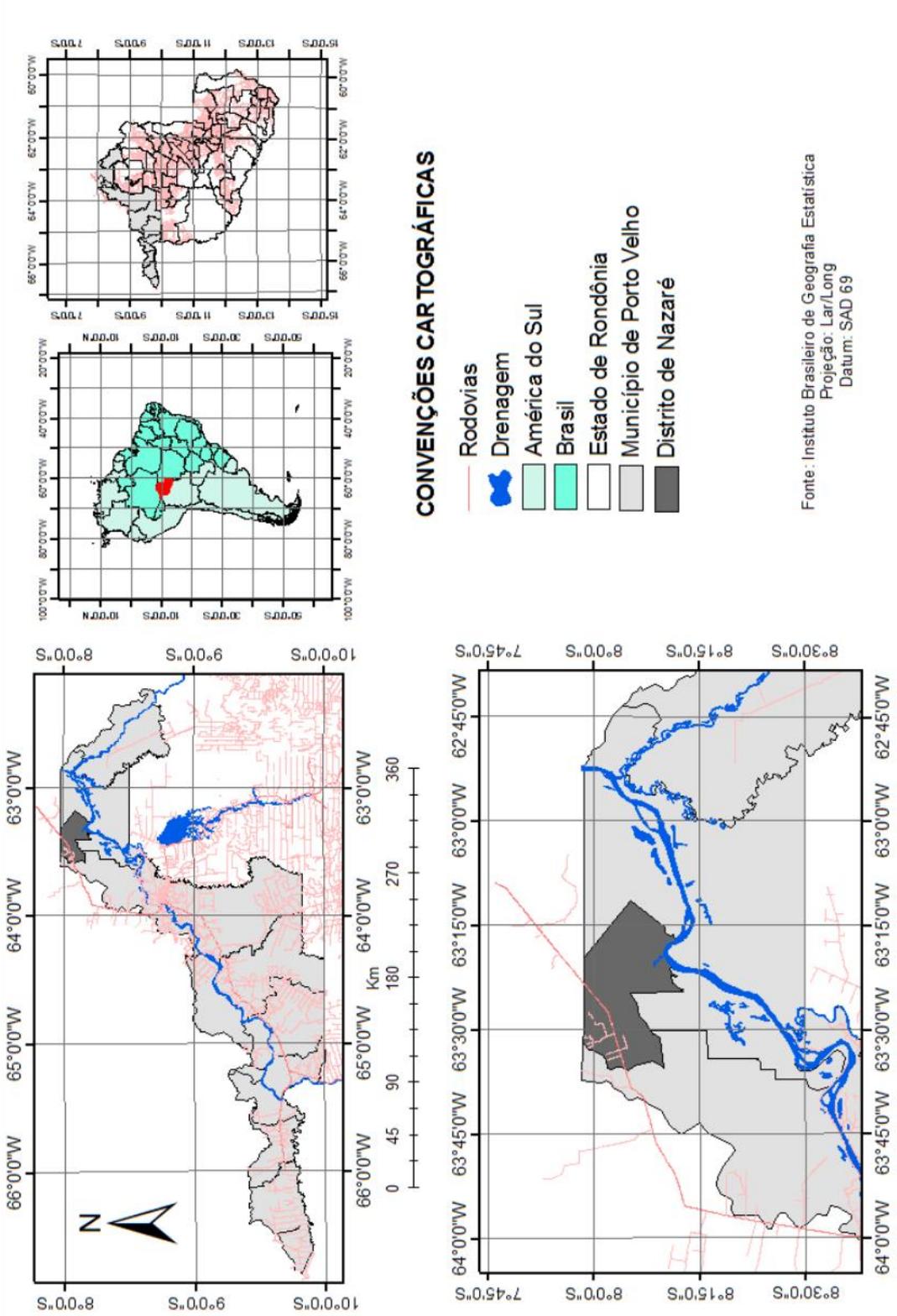
O Distrito de Nazaré inclui dez comunidades, mas a sede fica em Nazaré, lá se encontra cerca de 40% da população. Em relação a outros distritos do Baixo-Madeira, Nazaré é o menos populoso. Somando todas as comunidades são no total cerca de 1.300 moradores. A comunidade de Nazaré era um antigo seringal chamado na época de Boca do Furo, era composto por 25 famílias e surgiu na década de 1940 após o fim do Segundo Ciclo da Borracha. Portanto, a partir das antigas estruturas do seringal Boca do Furo em que havia o barracão e as tabernas onde os seringueiros pegavam os alimentos, foram se formando um pequeno vilarejo com estrutura comunitária que contava com escola, posto de saúde, igrejas católicas e evangélicas, associação de produtores, casa de farinha comunitária, alguns pequenos comércios, centro comunitário e cemitério. (LIMA; SOUZA, 2002, 171).

O Distrito de Nazaré fica a aproximadamente 150 km da capital Porto Velho, o acesso é exclusivo por meio fluvial, através do Rio Madeira. O Distrito passou por processos de divisão territorial ao longo de sua formação até a atual configuração. Podemos citar a divisão de 1995 na qual o município constituía-se de nove distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã. Já em 1997 foram instituídos no referido município os distritos de Demarcação e Nazaré, através da Lei Municipal n.º 1.299, de 26-06-1997. (GOMES, 2013, p.13). As comunidades que fazem parte do Distrito de Nazaré são: Vista Alegre, Boa Vitória, Nazaré, Pombal, Tira Fogo, Ilha de Iracema, Bonfim, Santa Catarina, Laranjal, Conceição de Galera e Papagaios.

É necessário aproximadamente 7 horas de viagem de barco (tipo recreio) ou 4 horas de voadeira (lança com motor de 40 HP). Esses são os únicos meios de transporte para locomoção entre a cidade e a Comunidade de Nazaré. De certa forma, ocorre um isolamento dessas populações, com a falta de alternativas de

transporte, muitos entraves podem ocorrer, principalmente no caso de um acidente ou possível emergência que possa acontecer na comunidade. Abaixo se encontra a localização do Distrito por meio do mapa.

Figura 1: Mapa de localização do Distrito de Nazaré



Fonte: Org. CRUZ, M. L (2013)¹⁰

¹⁰ Utilizado da Dissertação de LOPES (2013).

Quanto à formação populacional do Distrito, em sua maioria são descendentes de seringueiros nordestinos e de índios que ocupavam a região e formaram a comunidade. Atualmente o Distrito conta com um administrador local indicado pelo prefeito, e também com uma associação, a ANPAN-Associação dos Produtores, Moradores e Amigos de Nazaré, constituída por cerca de 200 associados.

No que se refere à infraestrutura, grande parte da população possui energia elétrica, por outro lado à telefonia é escassa, não tem o sinal para celular. Somente a linha fixa, não há acesso à internet. O acesso à água potável é restrito, na maioria das vezes a água utilizada vem do igarapé. Uma minoria da população compra água mineral.

Em Nazaré há uma unidade de saúde, porém os serviços são ineficientes, quando há casos de maior complexidade, os pacientes são levados de lancha para Porto Velho. É um caso que preocupa os moradores, pois em muitas situações não há tempo para chegar a Porto Velho e alguns moradores já faleceram nessa situação. Em todo distrito há duas unidades de saúde, uma em Nazaré e outra em Santa Catarina, e quatro agentes de saúde (1 para cada 325 habitantes), essas unidades disponibilizam apenas três lanchas para a remoção dos pacientes.

Em relação a território e meio ambiente, estima-se que 15% dos moradores não possuem a questão fundiária regularizada, tanto em Nazaré como em outros Distritos, há conflitos envolvendo áreas dos moradores e áreas de conservação. Atualmente, existem três áreas de conservação; o RESEX Cuniã, o ESEC Cuniã, e a FLONA Jacundá.

Em termos de Educação, até o ano de 2012 só havia a escola de ensino fundamental, a Escola Manoel Maciel Nunes oferecia apenas o ensino básico, outra parte desse ensino era oferecido pelo Projeto Ribeirinho. Por esse fato, ocorreu que muitos jovens saíram da comunidade para concluir o ensino médio em Porto Velho. Entretanto, a partir do início de 2013, foi inaugurada a Escola Estadual Francisco Desmorest Passos, na qual já oferece o ensino médio.



Foto 3: M.F, Elisangela. Acervo pessoal. Escola Francisco Desmorest Passos. Em Nazaré/RO, 2013.

A presença dessa nova escola teve um significado material e simbólico para os jovens e para toda a comunidade do Distrito, todos se sentiram contemplados e contentes com a inauguração da escola, apesar da dificuldade estrutural que a mesma ainda enfrenta. A lama, a poeira, a falta de refrigeração ainda são problemas enfrentados na escola. Podemos observar, tanto relatos orais, como nos mapas mentais a alegria dos jovens em ter a oportunidade de estudar em sua comunidade.

O deslocamento dos jovens e adolescentes para a escola não é um percurso rápido e fácil, muitos deles não moram em Nazaré, outros vêm de comunidades vizinhas, assim eles acordam cedo, para “pegar a voadeira” para chegar a tempo do início da aula. Ainda enfrentam no “inverno” amazônico a chuva e a lama no caminho até a escola leva em média trinta minutos de caminhada, o que demonstra certo esforço das crianças e adolescentes para chegar à escola.



Foto 4: M.F, Elisangela. O caminho para a Escola Estadual de Nazaré. Acervo pessoal, maio/2013.

Na imagem acima, percebemos o enfrentamento das pessoas com a falta de estrutura está presente no cotidiano na vida dos adolescentes e jovens do Distrito. Entretanto, nesses quatro anos de pesquisa nessa comunidade, vimos que a população lida com a falta de recursos, questões como a falta de água tratada, lixo e condições de saúde são fatores que colaboram para dificultar a vida dos moradores.

No que se refere à produção, a localidade destaca-se pelo desenvolvimento da atividade da pesca onde ainda há um grande potencial, plantios de melancia, mandioca e banana, extrativismo de frutas como manga, goiaba, banana, açaí, castanha, abacaba, piquiá, tucumã, entre outros, são produtos da região, e a produção da farinha, que é usada tanto para a venda como para o consumo da família, a caça é comum para o consumo, mas tem diminuído, pois as restrições das leis ambientais já não permite essa atividade. Dentro das pesquisas realizadas em 2001 pelo Projeto “Beradão”¹¹ identificou elementos interessantes sobre a vida e o cotidiano dos ribeirinhos como, por exemplo; o calendário de atividades econômicas é definido de acordo com a variação do nível d’água, assim, a dinâmica espacial segue os ritmos da natureza. Também foi identificado que o trabalho é realizado conjuntamente com os membros da família, isso pode variar de acordo com a época do ano. (SILVA, SOUZA FILHO, 2002).

Assim, caracteriza-se um pouco do cotidiano da vida dos moradores de Nazaré, nesse aspecto muitos homens e mulheres vivem desse tipo de ocupação, ajudando na manutenção da família. Destaca-se a utilização do benefício de bolsa família, grande parte das pessoas da comunidade são beneficiadas, este recurso ajuda nos custos necessários para manter a família, principalmente para as crianças.

O Distrito de Nazaré destaca-se também por ser um polo cultural, durante todo o ano ocorrem oito festejos e quatro grupos culturais se apresentam durante estes festejos, dentre eles temos a existência de um grupo que tem se destacando não só dentro do Distrito, mas já é conhecido no Estado de Rondônia, assim, temos o grupo “Minhas Raízes” cuja sua importância se dá na manutenção e resistência da cultura local, que impulsiona e expressa à identidade ribeirinha, composta em sua

¹¹ Projeto era formado por pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia que apresentaram um olhar diferenciado sobre grupos sociais ribeirinhos que vivem às margens do Rio Madeira, na extensão da cidade de Porto Velho e a Vila de Calama.

maioria por crianças e jovens, o grupo tem levado o legado beiradeiro, mostrando a importância da tradição, das lendas, danças, histórias que fazem parte da vivência do povo ribeirinho.

Esses aspectos mostrados acima demonstram que a comunidade aparentemente simples e com poucos recursos tecnológicos em sua organização extrativista, com modos de vida voltados para a natureza, com um a produção de subsistência, mantém práticas de seus antepassados e expressam o apego pelo lugar, num profundo sentido de habitar. Faz-se assim, necessário entender cada detalhe da espacialidade dentro do contexto ribeirinho. Para que isso ocorra, toda pesquisa requer um método, um olhar, um direcionamento filosófico e ideológico acerca de uma realidade.

Optamos que dentro da proposta criada, que é entender o sentido do lugar construído a partir da perspectiva dos jovens ribeirinhos, o método que melhor explicaria essa realidade, seria o método fenomenológico, por suas características e a dimensão que esse método pode proporcionar para a pesquisa do mundo vivido, das subjetividades, intersubjetividades criadas a partir da vivência do sujeito no espaço.

2.2 A Fenomenologia como aporte para compreender o Espaço Geográfico

Toda pesquisa requer um método, ele tem a função de chegar ao conhecimento. Segundo (GIL, 1994, p.27) *“Pode-se entender por método como um caminho para se chegar a determinado fim. (...) é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.”* Assim conforme o método, o pesquisador direciona o seu olhar e determina a forma e o alcance de sua investigação. Ainda sobre o método Suertegaray (2002) destaca que: *“Assim, vemos o campo pelo olhar do método. O método escolhido é a expressão de nossa concepção do mundo. Método, portanto, é uma escolha que diz respeito ao nosso ritmo e a nossa compreensão/ética”*. A postura do investigador frente ao método que utiliza mostra sua visão de mundo, isso evidencia que o método não aparece por acaso. Há um contato prévio entre o pesquisador e o universo pesquisado.

A fenomenologia voltada para a pesquisa geográfica elucida uma experiência humana no espaço, nesse sentido o espaço é o lócus da experiência humana, Buttimer citando (MINKOWSKI, 1993, p.400) coloca que *“Nós vivemos e*

atuamos no espaço e nossas vidas pessoais, tão bem como a vida social da Humanidade, desdobram-se no espaço". O autor destaca que a visão geométrica e matemática não é o fator principal de compreensão do espaço, mas ele pode ser entendido como perspectiva a fim de viver.

Entretanto, nas ciências o estudo de algo mais subjetivo foi deixado de lado por muito tempo. O interesse sobre o mundo centrava-se nas coisas tangíveis, no cientificismo e positivismo e, isso deixou de lado as subjetividades humanas. Dessa forma, Freire (2013) coloca a preocupação com a questão fenomenológica:

No relacionamento do homem com a terra formam-se lugares. Ao habitar a Terra, construímos um lar – um lugar e estabelecemos relações afetivas pelas vivências. Mas para compreender o nosso processo de habitar e de constituição de lugares é necessário que partamos de uma base filosófica que permita o alcance disso e acreditamos que a Fenomenologia, grande influenciadora da Geografia Cultura Humanista, seja o caminho ideal a se percorrer. (FREIRE, 2013, p.66).

As aproximações humanísticas propiciaram que a fenomenologia pudesse ser o aporte filosófico para a geografia (HOLZER, 2012). Porém para entender melhor o sentido dessa aproximação entre fenomenologia e geografia, é necessário realizar um pequeno resgate histórico dentro da geografia cultural humanística.

Dentro da configuração da geografia humanística, temos um momento crucial onde o movimento que gestava uma ideia que iria abrir as portas para um novo olhar na geografia. Tratava-se da publicação do artigo: *Humanistic geography*, de Yi-Fu-Tuan em 1976 durante a *Annals of the Association of American Geographers*. (HOLZER, 2012, p.166). Ele preconizava a ideia de articular uma análise subjetiva e objetiva das ações humanas. Anteriormente, em 1925, Sauer colocara o estudo das paisagens dentro de um olhar fenomenológico, tornando-o um método. Outro geógrafo que se destacou em 1960, propondo uma nova epistemologia para a geografia foi David Lowenthal, seu ponto de partida era a "geosofia" vista a base de um conhecimento geográfico. Em 1961, Tuan baseado na poética de Bachelard propõe uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, denominado por ele como topofilia. Assim, a geografia se dedicaria ao estudo das vivências, que se expande do lar para as paisagens mais amplas.

O contexto social da década de 1960 propiciou aproximações entre a geografia humanística e a fenomenologia, a contracultura com o movimento hippie, juntamente com o questionamento dos padrões culturais e econômicos provocaram

um clima de renovação de ideias. Isso refletiu em mudanças significativas no ambiente geográfico.

Nesse momento, teóricos impulsionados pela ideia de um novo olhar entre homem e natureza posicionaram-se em suas perspectivas teóricas. O primeiro foi Relph em 1970, segundo ele o “método fenomenológico seria utilizado para fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, por meio da intencionalidade, reconhecer as essências da estrutura perceptiva”. Da mesma forma, Buttimer amadureceu as ideias e publicou um estudo sobre a utilização da fenomenologia e o existencialismo na geografia (HOLZER, 2012, p.177). Dentro dessas novas perspectivas a geografia humanística foi considerada uma renovação dentro da geografia cultural.

Ainda sobre esse tema, a fenomenologia como uma corrente filosófica foi tratada por Edmund Husserl, Immanuel Kant, Merleau-Ponty, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e outros (FREIRE, 2013). Ao abordar a fenomenologia é importante citar um de seus precursores, assim Husserl (1859-1938) critica as certezas positivas e a racionalidade (GIL, 1994). A fenomenologia busca apreender a realidade e privilegia a intuição e a busca pela essência, ou seja, em cada um dos fatos há uma essência permanente. Husserl denomina a fenomenologia como a doutrina universal das essências (GALEFFI, 2000). Isso pressupõe uma postura filosófica diante da realidade.

Para Husserl, o princípio da intencionalidade está no foco central da fenomenologia, com isso Werther Holzer (2012) explica que a intencionalidade é a situação original, o fato primitivo. Isso significa que os fenômenos não são somente percebidos, mas percebidos antes de tudo por uma intenção e é só através dessa intencionalidade que torna-se possível a redução fenomenológica ou redução transcendental. Freire (2012, p.68).

Para Husserl a redução fenomenológica busca retirar somente a essência de algo, ou seja, o indivíduo pode ser entendido como ser humano, mas ele só é pelo que percebe, a consciência que leva aos sentidos da percepção. Husserl usa o exemplo da folha de papel:

Diante de mim, na penumbra, está esse papel branco. Eu o vejo, toco. Esse ver e tocar [...] para mim é um cogitatio, um vivido de consciência. Esse papel, mesmo com suas propriedades objetivas, com sua extensão no espaço, situado objetivamente em relação à coisa espacial que chamo meu corpo, não é cogitatio, mas cogitatum, não vivido de percepção, mas percebido (HUSSERL, 2006, p. 86-87).

A intencionalidade no buscar o significado da folha de papel, constitui na forma de como ele é percebido por nossa consciência. Pois, no fenômeno o importante é ir a fundo às estruturas das vivências e descrever como essas formas da consciência se manifestam. Dessa maneira, o importante em nossa pesquisa é identificar como essas formas intencionais da consciência se manifestam no espaço vivido e vivenciado pelos jovens.

Portanto, traduzir a experiência vivida pela juventude de Nazaré exige do pesquisador um esforço demasiadamente grande, complexo e desafiador. Trata-se de captar aspectos subjetivos das relações humanas onde o material (ambiente) e social (subjetivo) estão em constante interação. Ademais, é importante ressaltar que os jovens são indivíduos que habitam o seu local, agregando a ele valores afetivos. Observamos que há uma geograficidade, ou seja, a relação concreta que liga o homem e a Terra (DARDEL, 2011, p.3), a relação da população está ligada ao Rio Madeira, suas características influem no seu ritmo de vida, as casas, as plantações, os festejos, o trabalho, a alimentação, enfim tudo está sendo influenciado nas relações humano-ambiente.

2.3 A Fenomenologia e a Constituição do Lugar: Subjetividades e Intersubjetividades construídas na área Ribeirinha.

No esforço de entender melhor a relação entre a fenomenologia e o conceito de lugar, colocamos esses elementos em nossos entendimentos acerca do que representa a Terra para nós, ou seja, antes de entender o que representa o lugar na geografia, devemos entender o sentido de estarmos nele, a Terra que nos serve para tantas coisas, no sentido concreto, em que nós produzimos, nos alimentamos do que ela produz, construímos nossas casas, estabelecemos com ela laços que vão além da materialidade. Freire (2013) citando Dardel (2011) nos embasa que na Terra construímos a nossa habitação.

O homem habita a Terra. Mas o que é a Terra? Uma simples matéria onde ponho meus pés? E se assim for, como ponho meus pés? Como pisamos sobre cada pedaço de terra da Terra? Nós habitamos – e habitar é muito mais que simplesmente pisar. Habitar é colocar sobre o solo toda a nossa subjetividade (DARDEL, 2011). Nós não vivemos pra pisar, mas para habitar um lugar na Terra. (FREIRE, 2013, p. 73).

Sem dúvida, a terra é o um elemento agregador de valores, assim, vários outros teóricos elucidaram sobre essa questão do “habitar”, Heidegger (1954),

Buttimer (1982) e Dardel (2011) colocaram em seus escritos essa perspectiva acerca da habitação humana. Entretanto, a partir da ideia de um elo afetivo entre o indivíduo e a terra, nasce a concepção de Lugar. Este teve com lente de análise o método fenomenológico.

Dardel em sua obra “L’Homme et la terre- nature de la réalité géographique” (1990), elucidou sobre a constituição do lugar a partir de uma visão diferenciada de espaço. O espaço geométrico não contempla todas as definições dentro da geografia, portanto, ele olhou fenomenologicamente o espaço, e mostrou que a partir do corpo e o suporte onde ele se instala , constituiria o espaço primitivo, assim, seriam estabelecidas categorias espaciais como lugar e a paisagem (HOLZER, 2012, P.170).

Tuan sob o olhar humanista demonstrou que o lugar é resultado da experiência e possui várias escalas: o lar, a vizinhança, a cidade, a região e o estado-nação. (idem, p.171). No seu livro “Espaço e Lugar” (1983), essas questões básicas sobre a experiência humana, as escalas e seus valores, o espaço mítico, a relação entre o tempo e o lugar e as relações intersubjetivas. Isso mostrou a importância que o lugar aliado a uma visão fenomenológica pode auxiliar na pesquisa geográfica. Dessa forma, Tuan mostra que:

A importância do „lugar“ para a geografia cultural e humanística é ou deveria ser, óbvia [...] como um único complexo conjunto- enraizado no passado e incrementando-se para o futuro, o lugar clama pelo entendimento humanista. (TUAN, 1974, s.p).

Portanto, é inegável que a fenomenologia e a ideia de lugar têm proximidades, complementam-se, e ajudam a entender a ligação do homem com a terra. Nesse ponto, a nossa pesquisa vai buscar justamente a essência dessa ligação. Através da nossa observação no trabalho de campo, foi possível perceber um elo criado entre os moradores de Nazaré e o lugar, a terra, tudo que os rodeia; as plantas, as casas, o rio, outros moradores próximos. Enfim, um conjunto de elementos constitui a noção de lugar. Com o aporte da fenomenologia e o entendimento do lugar será possível captar essas essências subjetivas.

Essa ideia de afetividade que os jovens criam em torno de seus espaços, é comum, por isso usaremos as duas características fenomenológicas de Buttimer, ela define a fenomenologia em duas noções: 1) Corposujeito, e 2) Intersubjetividade. A primeira pressupõe uma relação direta do homem com o meio, enquanto que a

segunda pressupõe um diálogo. Esse diálogo se dá “entre pessoas individuais e a subjetividade do seu mundo” (BUTTNER, 1982, p. 175 apud FREIRE, 2013, p.71).

Dessa forma, iremos captar as relações dos jovens enquanto indivíduos que atuam em seus espaços influem e são influenciados pela ideia dos seus grupos sociais, assim também enquanto grupos que atuam e compartilham de ideias comuns, expressando suas identidades.

2.4 A Pesquisa qualitativa

Para entender o mundo vivido e os aspectos que caracterizam o entendimento e o sentido de lugar para os jovens, nossa pesquisa tem uma abordagem qualitativa¹² que inspiram a interpretação dos fenômenos e da realidade socioespacial. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa reconhece os atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas (MATOS e PESSÔA, 2009, p.281), essa compreensão é muito importante para a nossa pesquisa, uma vez que daremos prioridade a voz do sujeito que fala, não será um mero entrevistado e /ou observado, mas estaremos mais próximos das jovens ouvindo suas histórias, vivenciando seu cotidiano para que possamos compreender os aspectos da juventude ribeirinha.

Por isso, concordamos com Maanen (1979, p. 520) quando coloca que: “a pesquisa qualitativa tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social trata-se de reduzir a distância do indicador e indicado, entre teoria e dados, entre o contexto e ação”.

A observação é um elemento significativo para uma pesquisa, ela oferece ao pesquisador detalhes sutis que podem revelar um universo a ser explorado. Assim como coloca Silva; Nascimento Silva (2002, p.67) que “A observação é um elemento imprescindível na coleta de informações, é através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado”.

A observação participante é uma técnica que propiciou o contato com o grupo pesquisado, permitiu o entendimento de suas práticas culturais, e nesse mesmo sentido, compreender as relações que as sociedades e os grupos

¹² A pesquisa qualitativa tem raízes nos estudos da antropologia e da sociologia no início do século XIX, nos últimos anos, ganhou espaço em outras ciências, como a geografia, psicologia, a administração, entre outras. (MATOS; PESSOA, 2009, p.279)

estabelecem entre si e com o espaço. Desse modo, a observação participante nos permite a observação e a participação na vida do grupo pesquisado. (BORGES, 2009) Esse processo é delicado de envolvimento com um denominado grupo, requer sensibilidade e cuidado. Por isso sob o entendimento de Brandão (2002), o grupo ou comunidade deve enxergado de dentro para fora, pois cada cultura possui uma experiência única, então devemos respeitar seu tempo e seu ritmo.

Devemos considerar que dentro de qualquer pesquisa, o olhar do pesquisador estará incutido nas análises e observações, essa isenção total não é possível, uma vez que, dentro da observação há certo envolvimento entre o pesquisador e o grupo pesquisado, então sempre haverá o olhar do pesquisador dentro da pesquisa, seja qual for a sua natureza.

2.4.1 Procedimentos Metodológicos

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados primeiramente um questionário aberto¹³ de diagnóstico para conhecer melhor quem é essa/esse jovem da comunidade, nesse momento foram colhidos dados primários como nome/idade e algumas informações relevantes aos objetivos da pesquisa, posteriormente realizamos a observação participante, tendo assim, um momento de participação do cotidiano das moças e rapazes, como critérios de idade foram selecionados jovens de 15 a 29 anos¹⁴ que são moradoras e moradores, ou mesmo, moraram no Distrito de Nazaré. Além disso, utilizamos mapas mentais¹⁵ com 40 jovens, estes que servirão de aporte visual visto, e também como uma forma de linguagem (KOZEL, 2007, p.111) captando aspectos de suas subjetividades.

Utilizamos também como aporte de apoio para a pesquisa, o registro fotográfico, em todas as viagens foi registrado imagens tanto do percurso percorrido para chegar a Nazaré, quanto do cotidiano dos jovens na comunidade.

¹³ Foram aplicados 30 questionários com os jovens em maio de 2013.

¹⁴ São considerados jovens, as pessoas com idade entre 15 e 29 anos com base no Estatuto da Juventude, conforme a Lei nº12. 852 de 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://issuu.com/secretariageralpr/docs/estatuto_de_bolso_web#embed

¹⁵ Os mapas mentais serão utilizados como um aporte metodológico que permitirá a interpretação e decodificação da linguagem construída através de imagens mentais assim entendeu que o mapa mental é uma forma de linguagem que é gerada através de signos. Nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real. (KOZEL, 2007, p.122-123)

Os registros fotográficos serviram para registrar momentos considerados importantes como a abertura dos Jogos Internos da Escola, a apresentação dos grupos culturais, e a viagem realizada no Lago do Cuniã. Foi utilizado também como fonte de registro, o gravador, dessa forma, podemos registrar as fontes orais dos diálogos com os moradores, e com os colaboradores que tinham ligação direta com a pesquisa.

E por fim, utilizamos o Diário de Campo, esse importante instrumento possibilitou registrar momentos entre o observador e sujeito pesquisado, escrevemos relatos que expressavam os sentimentos e percepções que tivemos dentro da pesquisa, dentre eles os anseios e dificuldades encontradas no caminho, evidenciando a complexidade da pesquisa e a determinação traçada para chegar ao objetivo. Os instrumentos utilizados ajudaram na construção geral do trabalho, bem como capturar detalhes importantes que poderemos usar para complementar o trabalho.

2.4.2 Os Mapas Mentais

Os mapas mentais foram utilizados na pesquisa na perspectiva de captar por meio de uma linguagem diferenciada ou imagética, pois revela o lado da imaginação através dos sentidos, ela é construída da junção dos sentidos vivenciados. Nesse sentido temos as representações do lugar sob o olhar dos jovens ribeirinhos. Nesse sentido, os mapas servem como aporte teórico- metodológico ancorado na sociolinguística sobre o espaço e sua apreensão/ representação. (KOZEL, 2007, p.114) Assim, os indivíduos criam imagens que refletem uma construção social.

Os mapas começaram a ser estudados por Gold e White (1974), Lynch (1997) e seguiu com Tuan (1980) Seemann (2003) entre outros. A princípio Gold e White (1974) buscavam compreender as imagens como resultados de uma imaginação, seguindo esse intuito Peter Gould investigou o comportamento humano relacionado a preferências espaciais contidas nos espaços topográficos, considerando o homem um produtor de espaços (SOUSA, 2012, p.51)

Já Kevin Lynch mostrou em seu trabalho a qualidade visual da cidade de Boston, Jersey City e Los Angeles, desse fato ele analisou ver como os habitantes percebiam a cidade, e por esse fato conseguiam ver como ela era vista pelas pessoas. O interessante trabalho de Seemann (2003) mostrou como o mapa pode

revelar a percepção através dos sentidos¹⁶. Na geografia os mapas tiveram como apoio os trabalhos de Tuan (1980), dentro da perspectiva de lugar e a topofilia como aportes de entendimento do apego com o elo afetivo entre o sujeito e o lugar apontando para a importância da percepção como um meio de internalizar e ligar o subjetivo e o espaço vivido.

Nesse sentido, utilizamos a “Metodologia Kozel” que se embasa na Teoria Barkhtiniana (1999) que analisa os signos decorrentes dos mapas como “Enunciados”, assim ele estabelece uma relação entre as esferas sociais e as formas de comunicação. A utilização dos mapas mentais podem auxiliar na pesquisa geográfica, no intuito de compreender o espaço geográfico por intermédio de imagens, sons, formas, odores e sabores. (KOZEL, 2009).

Para Bakhtin (1986), o Dialogismo tem uma importância significativa para análise da linguagem, pois considera as relações sociais, o modo de interação entre os sujeitos, o interno e o externo, contribuindo para o aparecimento e construção dos signos. Por isso, Bakhtin considerava que o signo só existe dentro de um contexto particular, é preciso perceber a realidade de tal grupo, comunidade ou sociedade, para que entendamos seus signos e representações, pois nesses signos estão contidas as subjetividades da cultura.

Salette Kozel compreende que “o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto socioespacial”. Assim, ela entende que “Por meio da linguagem, o sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais”.(2009, p.127).

Assim, o mapa é uma forma de expressão através de imagens, como coloca Cosgrove (1999) ele é “*uma maneira de tomar a medida do mundo*”, é uma perspectiva, uma construção mental com influências do espaço, tempo, escalas, e interações. Ainda sobre os mapas, é “*O mundo figurado através do mapeamento, assim pode ser material ou imaterial, existente ou desejado, inteiro, ou em partes, experimentado, projetado em várias maneiras.*” (p.116)

Acontece que, para que essa representação existir enquanto produto da percepção ocorre um processo mental, na qual a cognição estaria ligada a

¹⁶ Ibid

percepção que juntas constroem um símbolo do próprio objeto. Ou seja, a percepção tem um papel importante na construção dos signos. (Kozel, 2009)

Os signos e representações são particulares a cada cultura e ao grupo social. A partir disso, realizamos os mapas para que cada jovem ribeirinho colocasse em forma de imagens aquilo que ele considerava importante e significativo enquanto construção do mundo físico, social, e imaginário.

O espaço nos fornece as informações através dos sentidos, bem como da experiência vivida. Portanto, os jovens podem expressar seus espaços através dos mapas que remetem as suas recordações, significados e experiências. Esses mecanismos ajudam a entender como os jovens concebem e constroem o seu lugar.

Considerando a cultura dentro de um sistema de significações que interagem com outras culturas, essas são mediadas por uma comunicação. Portanto, essa rede de significados não existe por si só, mas dialoga com outras redes, o que pode estabelecer interações contínuas.

Os mapas foram aplicados na escola Estadual da comunidade, a princípio a ideia era aplicá-los na própria comunidade, mas percebemos que na escola teria uma ótima oportunidade de encontrar muitos jovens reunidos. Aplicamos boa parte dos mapas na escola, mas quando fomos para Boa Vitória foi possível aplicar mapas com alguns jovens em suas residências.

O contato com os jovens tanto na escola como nas residências em Boa Vitória se deu de forma breve, não poderia atrapalhar as atividades que eles estavam fazendo, mas percebemos que há uma diversidade de pessoas, modos diferentes de ver o mundo que se refletiu de forma clara nos mapas. A miscigenação é bastante nítida, temos uma variedade de misturas entre índios, negros e brancos na área ribeirinha. Conseqüentemente com a miscigenação os valores e crenças também são variáveis entre eles. Logo saberíamos que seria um trabalho diferente, não há uma homogeneidade de pensamentos, mas podemos notar fatores que os uniam como uma comunidade.

2.5 O Trabalho de Campo

O trabalho de campo proporciona ao pesquisador o confronto com suas ideias iniciais, desde os estudos da Antropologia, começou-se a ganhar mais importância, apesar de que antes do surgimento da Antropologia, estudiosos como

Humbolt já fazia esse trabalho, conhecendo e mapeando o campo e o espaço geográfico.

Para iniciar os relatos de campo, começamos pela identificação com o tema, antes de tudo esse é o ponto inicial que leva a “curiosidade apaixonada”, o que dá entusiasmo, uma motivação para começar a pesquisar. Para que a pesquisa seja uma aventura em busca de um “novo”, precisamos olha-la de dentro, nas suas complexidades e escolher qual caminho percorrer, esse caminho que chamamos de teoria e método. Em nosso caso, o caminho foi traçado no primeiro e segundo semestre do mestrado, as leituras fizeram com que o tema tivesse uma modificação da proposta inicial.

Os trabalhos de campo iniciaram no segundo semestre de 2012, fizemos duas viagens, uma em setembro para participar da “Festa da Melancia” e outra em novembro onde realizamos um trabalho em conjunto referente à disciplina: Geografia das Representações, ministrada pela Professora Dra. Salete Kozel da Universidade Federal do Paraná e a Disciplina de Geografia Cultural ministrada pelo Prof. Dr. Josué da Costa Silva. Os dois primeiros trabalhos de campo consistiram em reavaliar e modificar alguns traços da pesquisa, aplicar questionários e alguns mapas mentais. Em todas as viagens ficávamos na sede do Distrito de Nazaré.

Em 2013 realizamos três trabalhos de campo, em janeiro, abril e maio, já com as ideias amadurecidas, foi possível realizar os questionários, aplicar os mapas mentais, e realizar entrevistas. Esses dados obtidos serviram de aporte para pautar o presente trabalho. Os relatos abaixo refere-se às pesquisas que realizamos em 2013, em especial no mês de maio, onde foi possível ter uma dimensão maior dos espaços, lugares, e dos sujeitos pesquisados.

Saímos de 07 de maio de 2013 do porto no barco “Estrela do Mar” por volta das 11h30min da manhã, a viagem se estendeu por todo o dia e chegamos a Nazaré (a sede do Distrito) por volta das 17:00 hs. Choveu durante toda a viagem, o Rio Madeira estava bastante cheio, o que é comum nessa época do ano. Notamos que sempre quando vamos a Nazaré, as pessoas ficam atentas esperando o barco chegar, algumas esperando familiares e amigos, outras vão pegar seus mantimentos “encomendados” ao dono do barco, outros apenas ficam observando quem chega e quem vai. Durante a viagem ficam todos podem colocar suas redes para descansar à vontade, observamos que quase todos já se conhecem, então os diálogos são facilitados, são vizinhos, amigos e parentes que moram nas comunidades ou

localidades próximas a Nazaré. No barco podemos começar o campo observando as relações entre as pessoas, os jovens que acompanham os parentes na cidade. Todos parecem estar atualizados com a forma de viver da cidade, inclusive a forma de se vestir, o jeito de falar mostra que eles têm uma relação estreita com o espaço urbano. Conversamos com um rapaz que trabalha no barco, ele sempre viaja descarregando as mercadorias que vão para as localidades, perguntamos como ele se sente viajando sempre, ele nos disse estar gostando da experiência, ele é da área ribeirinha, mas mora em Porto Velho.

Chamou a atenção mesmo não sendo o foco da pesquisa os hábitos alimentares dos ribeirinhos, a quantidade do uso de produtos industrializados e principalmente o refrigerante e salgadinhos artificiais, isso tem revelado uma mudança nos hábitos dos ribeirinhos. A proximidade com a cidade ajuda nesse sentido, a opção mudar esses hábitos também mudam a configuração da alimentação dos ribeirinhos.

Ao chegar, percebemos algumas modificações na estrutura, construíram novos “calçadões” e a Escola Estadual tinha sido inaugurada. No outro dia de manhã cedo, havia bastante movimentação de pessoas, principalmente jovens, percebi então que eles chegavam na “voadeira” para ir para escola. Meninos e meninas que vinham das localidades vizinhas para estudar. Então, logo me dirigi à escola. O percurso foi difícil, como tinha chovido na noite anterior, havia muita lama, o chão encharcado e água dificultava o acesso à escola. Ao chegar na escola, vimos uma boa estrutura física; salas, banheiros, refeitórios, pátios e a quadra de esportes, tudo muito bem equipado.

Percebemos que ali poderia ser um ponto de encontro dos jovens, então resolvemos que nesse local poderia ser realizado uma boa parte dos trabalhos, então com a autorização da Diretora, realizamos a aplicação de mapas e questionários com os jovens. Fizemos isso pela parte da manhã e tarde.



Foto 5: M. F, Elisângela. Aplicação dos mapas mentais e questionários em Nazaré. Acervo pessoal, 2013.

A experiência e o contato com os jovens na escola foram muito importantes. Para estabelecer uma relação de confiança, mas sem dúvida há certo “estranhamento”, ou seja, eles sabiam que nós não éramos de daquele lugar, então estabelecer um diálogo requer tempo e paciência, muitos não gostam de falar, só observam. Brandão (2002) coloca sobre essa questão que respeitar o tempo e o ritmo de cada cultura devem fazer parte da conduta do pesquisador, na área ribeirinha o tempo e o espaço remetem a um tempo mais lento que “demora” a passar. Por isso tivemos cuidado nessa aproximação.

Com relação ao corpo de funcionários da Escola, todos se mostraram solícitos e prestaram todas as informações necessárias, pois, por meio deles também foi possível saber sobre a dinâmica dos jovens, suas visões sobre eles, e sobre a comunidade. Durante o diálogo, uma das professoras disse uma frase que me chamou atenção e me pôs a refletir. Em meio ao diálogo sobre o comportamento dos jovens ela disse: “Aqui sem sempre quem cala, consente” e completou: “Às vezes, o silêncio remete a recusa deles em aceitar os modos de “ser” da cidade.”

Eni Orlandi (2007) acerca desta questão coloca em um dos aspectos sobre o silêncio é a resistência, onde se analisa o(s) mecanismo(s) usado(s) por vozes sociais, reprimidas por uma ideologia dominante, que buscam significar em silêncio.

Ela destaca que há sentido no silêncio, para Orlandi o silêncio também é um posicionamento diante da realidade. Esse posicionamento pode ser interpretado na percepção dos jovens como uma resistência a algo que eles não desejam.

O contexto desse diálogo estava relacionado com o ritmo dos alunos e a professora mais uma vez disse que: “Ao pressionar, eles se fecham e não revelam nada, eles são mais lentos e tranquilos, são diferentes dos alunos da cidade”. Percebi então, que há uma peculiaridade.

Tivemos a informação que seria realizada uma grande capacitação na comunidade, foram 16 cursos profissionalizantes com carga horária entre 20 e 204 horas que abrange várias áreas profissionais. Este curso tem como objetivo maior capacitar os jovens, neste sentido, vem atender uma reivindicação antiga, pois vários jovens ficam desestimulados por não ter capacitação e perspectiva de trabalho. Outro projeto em andamento é o de arte e cultura na escola, este projeto visa despertar o interesse dos alunos para a filmagem, teatro, música, enfim fomentar e apoiar os desejos dos jovens em formas grupos artísticos. Esse projeto é liderado pelo professor de Artes da escola, ele destacou o interesse de valorizar a cultura local. A nossa impressão é que com o funcionamento da escola Estadual crescerá uma nova esperança para os jovens em estudar e almejar caminhos melhores. Antes só aconteciam as aulas uma ou duas vezes por semana, assim o rendimento caía bastante. Os jovens parecem entusiasmados com a escola, mas precisamente com os projetos de cultura não podemos dizer ao certo sem realizar uma pesquisa mais profunda dessa questão.

Outra grande experiência vivida no campo foi o contato mais próximo com o grupo cultural “Minhas Raízes”, formado em sua maioria por adolescentes e jovens. Quando vimos um documentário sobre o grupo, ficamos impressionada com a forma que eles expressam o viver ribeirinho, o orgulho de suas raízes, a afeição pelo seu Lugar. Eles cantam a Amazônia, suas histórias, suas lendas, o amor pela terra e pelo Rio Madeira.

Tudo isso mostrou o que queríamos: sentir o que é viver em um espaço repleto de símbolos e pessoas felizes, com poucos recursos, mas felizes. Percebemos também o significado do “habitar” como Buttimer colocou, é muito mais que morar, é olhar para o Rio, respirar fundo e sonhar, sentir o cheiro das árvores e do chão encharcado de água. O Rio Madeira com suas águas barrentas remete o horizonte de significados. Portanto, a experiência que tivemos com o Lugar, remete o sentido de ser ribeirinho, olhando e sentindo como eles sentem. Desse modo, essa experiência remete aos escritos de Oliveira e Brandão (2009), o artigo “Entre o murmúrio do Rio e o despertar das Lembranças” onde os autores mostram toda a poética e subjetividade que a pesquisa geográfica pode proporcionar uma relação de dois sujeitos no mundo, o pesquisador e pesquisado dentro de um contexto espacial.

Seguindo a viagem, no dia 09 de maio, com uma carona com a equipe do INCRA, visitamos a comunidade de Boa Vitória, lá foi possível aplicar alguns mapas

e conhecer um pouco da comunidade, as casas são mais distantes uma das outras, são casas muito bonitas, limpas e organizadas, visitamos oito residências, quando chegávamos às casas, em todas só estavam as mulheres e os filhos, os homens, ou estavam viajando, ou mesmo trabalhando. Para quem não tem o hábito de subir e descer os “barrancos”, logo senti cansaço e tontura por causa do calor.

Na volta de Boa Vitória fomos para o restaurante almoçar, lá encontrei algumas pessoas que já atuam em Nazaré através das organizações não governamentais. Eles indicaram algumas pessoas para que nos conversássemos e disse que há pelo menos 30 jovens de Nazaré estudando em Porto Velho, esses jovens criaram um grupo chamado “Cidadeiros”, onde compartilham ideais e identidade própria entre os jovens que saem da área ribeirinha para estudar ou trabalhar na cidade.

No dia 10 de maio, tivemos a oportunidade de conhecer o Lago do Cuniã, apesar de não ser o foco da pesquisa, foi importante ver e conhecer o lugar, belas e exuberantes paisagens, dialogamos com alguns moradores e com os funcionários que fazem o trabalho de controle da malária¹⁷. Ali nos alimentamos de peixes retirados do Lago, foi uma tarde muito agradável, ainda sim, pensando na pesquisa.

Nos últimos dois dias que se seguiram no trabalho de campo (dias 11 e 12 de maio de 2013), serviram para vivenciar o cotidiano da comunidade, tomamos banho de chuva, conhecemos mais os moradores, e participamos da missa que aconteceu no dia das Mães. Curiosamente, durante a missa, salientou-se um tema polêmico, mas que preocupava os pais, jovens e as pessoas mais velhas da comunidade, visto que, era o crescente uso de drogas e bebidas alcoólicas, a preocupação com os adolescentes e jovens que no caminho da escola estavam fazendo o uso de drogas, o aumento de estabelecimentos que vendem bebida foram problemas colocados pelos moradores.

Percebemos nesses dias de trabalho de campo, muitos jovens e adultos consumiam bebida o dia inteiro. Apelidaram um dos bares de “bataclam” referindo-se a um lugar de bebida e prostituição. Assim, os jovens saíam da escola e ficavam nos bares bebendo cerveja, até mesmo alguns professores ficavam bebendo junto com os alunos. Potencialmente, aliando drogas e bebida alcoólica, pode haver

¹⁷ Doença comum em regiões tropicais, ocorre com frequência nas regiões amazônicas.

graves problemas sociais dentro da comunidade e gerar conflitos entre os próprios jovens.

Retornamos ao Distrito de Nazaré no mesmo mês para entrevistar o Timaia e seu filho Thanisson com o objetivo de saber mais sobre o Grupo “Minhas Raízes”, no entanto, só conseguimos conversar com o Timaia, seu filho estava na cidade para uma apresentação de Teatro. Ele nos recebeu muito bem, conversou e relatou com detalhes a história do Grupo, suas perspectivas e sonhos. Falou sobre as músicas, suas composições e mostrou os bioinstrumentos confeccionados por eles, são instrumentos feitos de produtos oriundo da floresta e outros de materiais recicláveis. Destacou a importância de valorizar a identidade ribeirinha, sem permitir que os “outros” impusessem sua forma de ver as populações tradicionais. Ele relembrou algumas músicas que falam do cotidiano dos ribeirinhos.

Destacou a importância da continuidade dessa tradição para os jovens, principalmente as festas onde o Boi Bumbá e o Sirigandô, fazem parte de uma construção social, espacial e simbólica dos moradores das regiões amazônicas. Timaia também é professor de Língua Portuguesa e Artes da Escola Estadual e trabalha com os alunos mostrando o cotidiano, ele usa as estórias, contos e lendas como aporte para ensinar os alunos.

CAPÍTULO III

O DISTRITO DE NAZARÉ: INTERFACES ENTRE JUVENTUDE E GÊNERO



Foto 6: M.F, Elisangela. Imagem dos jovens de Nazaré. Acervo Tullio Nunes, 2014.

“Vou lhe contar meu amigo, a história de um lugar Que poucas pessoas conhecem, outras nem ouviram falar Em Nazaré a terra é farta pra quem gosta de trabalhar Pois a natureza não é ingrata com dela sabe cuidar”¹⁸

¹⁸ Trecho da canção “Saga Beiradeira” do Grupo Minhas Raízes.

Este capítulo mostra a discussão de parte dos resultados obtidos no trabalho, neles estão inseridas as subjetividades dos jovens ribeirinhos, através dos mapas mentais e relatos que cuidadosamente foram analisados, foi possível identificar traços que identificam a representação do lugar como forma de valorização do seu espaço ribeirinho, bem como a identidade dos jovens.

3.1 “Sou da Beira”, a Juventude, Espaço e Lugar: particularidades vivenciadas em Nazaré

A expressão utilizada neste trabalho “Sou da Beira” é um título de uma canção que faz parte do repertório do grupo musical “Minhas Raízes”. Acreditamos que essa canção representa um aspecto da afirmação da identidade encontrada nos relatos e nas práticas dos jovens ribeirinhos.

Percebemos que a identidade é um importante marcador simbólico que entre os jovens ribeirinhos representam a diferença entre os jovens da cidade. A terra como palco da existência humana serve como base (DARDEL, 2011). Esta base estabiliza dentro de uma realidade espacial que lhes remetem a segurança e a um sentimento de pertencimento.

Essa manifestação particular e muitas vezes contrária ao projeto desenvolvimentista da modernidade é colocada pela literatura de “identidade cabocla”¹⁹, as sociedades caboclas tem como características básicas; viverem às margens dos rios e terem flexibilidade e resiliência. (HARRIS, 2006, p.81). Dessa forma, Harris coloca que “O caboclo vive, ou vivia, predominantemente em comunidades ribeirinhas de parentesco. Essa cultura e sociedade emergiram algum tempo antes da Cabanagem” (2006, p.82). Partilhamos da ideia do autor de que ao tratar da cultura cabocla ribeirinha como rígida com uma fronteira étnica, não cabe como análise deste segmento social. Os ribeirinhos interagem e aglutinam elementos de outros modos de vida, sem perder suas características essenciais.

Ao tratar especificamente sobre juventude, buscamos a ideia de não generalizar esse termo, para que não nos limitemos em nossa análise sobre os jovens ribeirinhos. Dessa forma, Abramovay e Esteves (2007, p. 21) destacam que:

¹⁹ Essa expressão pode ser encontrada em Murrieta (2001); Nugent (1997); Moran (1974).

A realidade social demonstra (...) que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Vimos que essa categoria vem acompanhada de várias nuances, estamos tratando de um conjunto de fatores que os diferenciam, no caso da juventude ribeirinha nos deparamos com entraves no que diz respeito a literatura, principalmente quando se trata juventude rural, assim:

Whitaker (2008), ao tecer considerações sobre estudos que se debruçaram sobre o tema juventude, aponta para a pouca atenção à juventude pertencente ao rural que, aparece, muitas vezes, cobertos por generalizações ou até mesmo por preconceitos, sendo este jovem visto como um indivíduo de poucas aspirações escolares e profissionais.

Visto que fomentar o debate sobre juventude rural, e especificamente a juventude ribeirinha, necessita de cuidado para não generalizar de forma a pensar que todo esse segmento é igual, ou pensar que eles não podem partilhar suas vivências e experiências por estarem em uma fase transitória, assim os jovens são vistos como:

Pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude rural é uma categoria particularmente reveladora dessa configuração de relações de hierarquia. A análise dessa categoria permite percebermos como os processos de construção de categorias sociais configuram e reforçam relações de hierarquia social. Um recorte central para a compreensão da reprodução social de relações de poder e de subordinação é olharmos mais de perto para a posição que ocupa a jovem mulher nesse cenário (CASTRO, 2008, p. 124).

Percebemos nesse momento a posição de hierarquia em que os jovens estão submetidos, e ainda mais a relação da mulher jovem nessa hierarquia em que se excluem os grupos considerados de menos importância. Portanto, ao analisar as práticas dos jovens, observamos que convivem com os elementos da modernidade, o “novo” também lhes atraiem, mas permanecem também as práticas tradicionais, a cultura e os laços com o lugar.

Fizemos inicialmente um questionário com 30 jovens²⁰ e alunos da Escola Estadual, com o objetivo de captar aspectos de identificação com o lugar, mas também perceber outros aspectos que consideramos relevantes para conhecer mais

²⁰ Os questionários foram aplicados na Escola Estadual Francisco Desmorest Passos. Foram realizados com 17 homens e 13 mulheres.

desses jovens de Nazaré, e se há também um interesse pelos elementos da “cidade”, coisas que não fazem parte do cotidiano deles. Esses condicionantes nos abrem uma lacuna para entender as características da juventude de Nazaré.

Para iniciar perguntamos, quando eles/elas perceberam que deixaram de ser criança.

“Eu percebi que deixei de ser criança quando deixei de brincar de boneca e quando me “forme”²¹. (Aline, 17 anos, moradora de Boa Vitória)

“Quando meu corpo começou a ficar diferente e começou a mudar” (Edison, 18 anos, morador de Boa Vitória)

“A minha voz mudou.” (Alessandro, 15 anos, morador de Nazaré)

“Deixei de ser criança quando me “forme””. (Eliene, 15 anos, moradora de Boa Vitória).

Nesses relatos acima, percebemos o componente biológico como marcador da mudança para a juventude, o atributo físico do corpo corresponde a um elemento observado entre os jovens. Dentro do componente de gênero, entre os meninos são atribuídos como característica de mudança o corpo e a voz, em outros relatos, entre os meninos, repetiu-se a mesma resposta. Já entre as meninas o aspecto da menstruação é muito importante como um marcador do fim da infância, é como se isso sinalizasse uma mudança. Para isso, ela usa a expressão “me forme”.

Chamamos assim, esse fenômeno de “rito de passagem”, ou seja, um marcador e uma fronteira que separa as fases da vida. Dessa forma, Cavalcanti comenta as ideias de Van Gennep, considerando que:

Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que constituem, por exemplo, para os nossos ofícios a aprendizagem, e que entre os semi-civilizados consistem em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independentemente do sagrado. Cavalcanti (1992, p.5)

A autora coloca o aspecto da idade como um ponto marcador de fases e transições da vida. No caso dos jovens que pesquisamos, não há um momento preciso, ou uma cerimônia representando essa passagem, mas fatos que sinalizam mudanças sentidas e vivenciadas pelos jovens de Nazaré. Ainda sobre as passagens a autora discorre que:

É o próprio fato de viver que exige às passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento,

²¹ Linguagem comum na área ribeirinha que remete a menarca da menina, ou seja, sua primeira menstruação.

puberdade social, casamento, paternidade/maternidade, progressão de classe, especialização de ocupação e morte²².

Nesse caso, essas fases são vivenciadas de acordo com o tempo e espaços específicos, influenciados por processos socioculturais e também por elementos psicobiológicos como se observa em Knobel.

Não há dúvidas de que o elemento sócio-cultural influi com um determinismo específico na manifestação da adolescência, mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sócio-cultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais. (KNOBEL, 1981, p.25).

Segundo referido autor, esses processos estão atrelados a características comuns entre os adolescentes de um modo geral, entre eles estão relacionados a busca de si mesmo e da identidade²³, de forma que essas características estão relacionadas a processos sociais que envolvem também uma intersubjetividade entre os sujeitos. Com isso partimos para analisar os aspectos sociais observados nos jovens²⁴.

Abaixo, continuamos a analisar os processos de mudança para a juventude, neste caso um componente social. No questionário, perguntamos o que marcou a mudança para a juventude.

“Comecei a sair para as festas” (Francisco, 20 anos, morador de Nazaré)

“Quando eu comecei a ir para as festas, e sair com os meus amigos.” (Jessica, 15 anos, moradora de Pombal)

“Quando eu tive outras atitudes, que podemos dizer atitudes de homem” (Pedro Antônio, 16 anos, morador de Boa Vitória)

“muitas coisas, o estudo. Isso marcou a minha vida” (Jaine, 15 anos, moradora de Tira-Fogo)

“Quando eu era criança, eu podia fazer muitas coisas, hoje eu não faço mais como brincar de boneca” (Nayara, 15 anos, moradora de Conceição de Galera)

Um marcador relevante caracterizada pela adolescência é a tendência grupal²⁵, esse comportamento é comum entres os jovens e adolescentes, do ponto de vista social e psicológico que tem por consequência uma série de mudanças. Também faz parte dessa mudança, o fato de sair de casa, sair sozinho e não mais

²² Idem, p.5

²³ Knobel integra várias características como sintomas da síndrome normal da adolescência. (BARDARI, 2008)

²⁴ Lembrando que, as comunidades próximas, como Boa Vitória, Pombal, Tira-Fogo, Conceição de Galera fazem parte do Distrito de Nazaré e foram selecionados para a análise.

²⁵ Knobe(1981) apud BARDARI(2008).

acompanhado dos pais, significa uma nova socialização. O jovem experimenta outros espaços de convivência, as festas dentro da comunidade servem como ponto de encontro em que eles se divertem e trocam paqueras, namoros, amizades e até conflitos.

Esses conflitos externos perpassam pela questão geracional, que envolvem o relacionamento com os pais e parentes próximos e os conflitos internos, a relação consigo mesmo dentro de suas ansiedades, medos e sonhos. Tudo isso faz parte dessa reestruturação comportamental do jovem, ora ele se vê perdido e confuso entre as atitudes de criança e atitudes de jovem, daí entra então a família coloca parâmetros que definem as atitudes dos jovens. Por isso, muitos relatam que o fato de se sentir jovens é por que deixaram de fazer “coisas de criança” como no relato da Nayara em que diz que deixou de brincar de boneca, assim, segundo ela deixou de ser criança.

Temos também como um dado encontrado dentro de nossa pesquisa, a questão do lazer, para os jovens de um modo geral, o lazer faz parte do desenvolvimento saudável de novas descobertas e um modo de vivenciar o espaço. Assim, questionamos sobre o que eles fazem para se divertir em Nazaré.

“Jogar bola, ir para as festas e sair com os amigos” (Francisco, 20 anos, morador de Nazaré).

“Brincamos de bola, jogamos vôlei, jogamos betes” (Julio, 15 anos, morador de Nazaré)

“Jogar futebol, viajar e ir para festa, passear com meus amigos” (Clenildo, 15 anos, morador de Nazaré)

“ Jogar futebol, sair para pescar, ir para os festejos com meus amigos” (Edison, 18 anos, morador de Boa Vitória)

“Brincar de queimada com os amigos” (Aline, 17 anos, moradora de Boa Vitória)

“Pular na água” (Janaína, 17 anos, moradora de Tira Fogo)

“O que eu faço é jogar bola e dançar” (Rosilane, 16 anos, moradora de Tira Fogo)

“Eu jogo futebol e danço de vez em quando para me divertir” (Nayara, 15 anos moradora de Conceição de Galera).

Nas respostas, foram observados alguns pontos em comum entre os jovens. O futebol como um elemento agregador e significativo para os jovens ribeirinhos. No artigo “A sociabilidade do espaço de representação do futebol amador amazonense”

de autoria de Fernando Rosseto Gallego Campos (2009), mostrou aspectos importantes para a análise, no sentido de entender a flexibilidade da identidade, sob a forma de representação, quando este termo se refere à forma como os indivíduos compreendem a realidade, tendo a finalidade de tornar algo familiar²⁶. Segundo a representação do futebol como representação que formula uma identidade nacional, que constitui uma manifestação cultural. No contexto ribeirinho o futebol ganha uma importância, pois agrega e estreitam as relações entre moradores. Nesse sentido, o “futebol, além de ser um esporte, é uma manifestação cultural que não pode ser apreendida apenas sob seu aspecto racional, mas também – é fundamentalmente afetual, emotiva, dionisiática e orgiástica.” (MAFFESOLI, 2005 Apud CAMPOS, 2009, p.241).

A maioria dos rapazes mencionou no questionário que se divertia com o futebol, mas não somente eles; as meninas revelaram que também gostam de praticar esse esporte. Essas interações entre os grupos ocasionam o surgimento das representações. Uma vez criadas, as representações ganham vida e dinâmica própria. Assim, eles constroem suas espacialidades e organizam o espaço através de suas práticas. Os jogadores costumam se reunir nos finais de tarde no campo gramado da comunidade, sempre ocorrem torneios entre as comunidades vizinhas.

O futebol é um modo de aproximar os amigos e parentes das localidades vizinhas, é muito espontâneo e familiar que promove encontros e conversas agradáveis, o que foge da ideia de rivalidade e violência entre os grupos. Nos festejos que em sua maioria é de cunho religioso, é comum haver competições que ajudam a dinamizar os grupos de jovens.

Seguindo a análise sobre o lazer dos jovens, foram também identificadas outras formas de lazer como: “jogar betes”, “sair para pescar, ir para os festejos”, “brincar de queimada”, “pular na água” e “dançar”. Algumas brincadeiras são bem típicas de pequenas comunidades, diferentemente da cidade, na área rural as brincadeiras não necessitam de tantos recursos tecnológicos e não são tão comuns nas cidades.

Em muitos relatos encontramos respostas semelhantes que mostravam que eles se reúnem sempre para se divertir, a sintonia entre o grupo mostra que eles estão sempre próximos. Vemos que esses modos de habitar o espaço de Nazaré

²⁶ MOSCOVICI (2003) Apud CAMPOS(2009, P.240)

tem significado simbólico e particular para esses jovens, essa ideia perpassa pelo sentido mais íntimo e intenso do conceito de habitar como expressa Buttimer (1982, p. 166), entende que habitar é mais que “morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza [...] construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa”. Assim, seguimos no mundo humanizando a terra²⁷, procurando vários estilos de habitação, as brincadeiras para os jovens podem servir com uma espacialidade em que eles através de suas práticas atribuem uma identidade aos lugares.

O questionamento seguinte busca saber se eles gostam de morar na comunidade. Nesse ponto procuramos entender como se constitui a representação do lugar para os jovens.

“Eu gosto porque aqui eu tenho liberdade de sair sem ter que me preocupar com o que pode acontecer” (Pedro, 16 anos, morador de Boa Vitória)

“Gosto porque é calmo e não tem quase violência” (Francisco, 20 anos, morador de Nazaré).

“Porque é muito legal e divertido, é livre de acidente, mas mesmo se tivesse carro, ônibus, seria muito legal” (Clenildo, 15 anos, morador de Nazaré).

“Gosto sim, porque é tranquilo à noite e de dia, saio a qualquer hora e faço muitas coisas legais todos os dias” (Edison, 18 anos, morador de Boa Vitória).

“Sim, porque é tudo calmo e sem violência” (Janaína, 17 anos, moradora de Tira Fogo).

“Aqui é muito melhor que na cidade, porque lá não tem pra onde ir, e aqui tem” (Maria Inês, 15 anos, moradora de Nazaré).

“Me sinto feliz morando aqui” (Erivane, 15 anos, moradora de Nazaré).

²⁷ Idem, p.166

“Aqui é um lugar tranquilo, e a gente sai sem preocupação” (Jessica, 15 anos, moradora de Pombal).

Em todos os questionários foram evidenciados pelos jovens o apreço por Nazaré. Todos atribuem um valor simbólico ao seu lugar. A calma e a tranquilidade com relação a cidade são fatores citados como uma vantagem para quem vive em Nazaré. A violência coloca em evidência uma preocupação que eles têm acerca de preferir viver no espaço ribeirinho.

Desse modo, a comunidade representa um lugar habitado que é o oposto da estadia casual, é o espaço de pertencimento que se revela uma simples frase: „Me sinto feliz morando aqui“, ou seja, onde esse indivíduo cria raízes materiais e simbólicas, é a sensação de sentir-se em casa. (BOLLNOW, 2008). Nos relatos onde os jovens se expressam revelam a tranquilidade e a segurança que o lugar remete para eles.

Cria-se diante da relação íntima um sentimento espacial²⁸ como Heidegger coloca que o homem é um ser-no-mundo, um ser-lançado. Bollnow vai mais adiant sobre essa questão:

Esse aspecto, Bachelard o destacou nitidamente “Antes que ele seja lançado no mundo” (...) ele é colocado no berço de casa. E enfatiza “ A vida inicia envolta, protegida, bem tépida no colo de casa”. Somente depois é “lançado fora”, o que, na linguagem pictórica da casa, significaria “colocado diante da porta”. (BOLLNOW, 2008,p.283).

Em algum momento na vida dos indivíduos ocorrem algumas mudanças, ou seja, são lançados no mundo, a casa representa um local de proteção. Aprendemos a habitar o espaço, caracterizando um momento íntimo de relação com ele. Acreditamos que é esse momento é quando o indivíduo passa pela fase da juventude, ali ele experimenta o novo, esse novo pode permitir sensações boas e ruins, mas que todos vão experimentar.

Atualmente esse espaço ribeirinho de um modo geral tem sido um cenário de mudanças por conta do tráfico de drogas e o consumo excessivo de bebida alcoólica. A violência chega silenciosamente na comunidade. De modo que esse aspecto de tranquilidade pode ser afetado já que não há políticas públicas de conscientização sobre esses problemas sociais. Nesse sentido, o espaço é

²⁸ Idem, 282

modificado ganhando características boas e ruins, os jovens são os mais afetados com as drogas e bebidas, ao serem lançados nesse mundo devem aprender a lidar com essas situações.

Assim antes que os jovens sejam “lançados no mundo”, eles têm a casa, a comunidade, o Distrito de Nazaré como um lugar de abrigo, mas ao mesmo tempo neste mesmo lugar tem que lidar com o “mundo hostil”²⁹, o perigo que o rodeia representado pelas drogas e pelo álcool. A violência está presente em todos os espaços, inclusive em Nazaré, mas os jovens evitam falar sobre esse assunto, apesar deles serem os alvos principais desse fenômeno social. Consideramos os entorpecentes um dos principais problemas que ocorre na área ribeirinha. Através dele podem surgir muitos outros problemas acarretando em danos materiais e emocionais.

3.2 O Diálogo entre a Tradição e a Modernidade: Mudanças e Permanências

Neste ponto chegamos à discussão sobre as mudanças e permanências que norteiam as ideias dos jovens. Nesse sentido, ressaltamos os aspectos que envolvem a ideia de “novo” e “velho”, ou seja, o que permanece e o que muda na mentalidade juvenil ribeirinha?

Para entender melhor esses questionamentos, devemos observar as mudanças econômicas, sociais e culturais que atingem a sociedade de um ponto de vista do global ao local, vivemos na Era da informação que torna a sociedade complexa e heterogênea. As informações chegam também na área ribeirinha, mas com menos intensidade. A TV é ainda a principal fonte de informação dentro da comunidade, mas a mobilidade que eles têm para ir a Porto Velho aparece como uma forma de aproximar-se com a “modernidade”.

Com essas informações, eles projetam a ideia de moderno, alimentam desejos de que na sua comunidade possa ter alguns elementos que os aproximem do “mundo lá fora”.

Nos relatos dos jovens dentro do questionário, revelaram que conhecem e querem os objetos que a tecnologia e a modernidade pode oferecer. Assim,

²⁹ BACHELARD, 1958, p.39

perguntamos a eles que elementos da cidade eles gostariam que tivesse em Nazaré?

“Gostaria que tivesse internet e água encanada” (Ronilson, 18 anos, morador de Tira Fogo)

“Internet, celular, loja, carro e ônibus” (Clenildo, 15 anos, morador de Nazaré)

“Internet” (Jaine, 15 anos, moradora de Tira Fogo)

“Gostaria que tivesse internet e computador” (Raine, 15 anos, moradora de papagaios)

“Celular e internet”. (Nayara, 15 anos, moradora de Conceição de Galera)

“Uma boate” (Lauriene, 15 anos, moradora de Nazaré).

“Carros, prédios e motos” (Zenildo, 15 anos, morador de Nazaré).

Percebemos que na grande maioria das respostas a internet e a rede de celular são um desejo comum entre os jovens de Nazaré, visto que a grande maioria deles relatou que tem conta em redes sociais e quando se deslocam para a cidade, eles acessam e usam para se comunicar, postar fotos compartilhar mensagens e outros. O que a cidade pode oferecer está em muitos casos, relacionado com comunicação e a oportunidade de saber o que acontece no mundo.

O desejo pelo consumo é nutrido pelos jovens, como ter carros, motos, celulares remete ao contexto da sociedade moderna consumista. A juventude é caracterizada pela busca de novidade, eles se interessam pelo que os outros usam, falam e sentem. Por isso, é comum verificar que as respostas deles são semelhantes e se repetem. Temos na literatura sobre os ribeirinhos a ideia de separação entre a tradição e a modernidade, assim do ponto de vista da autora Fraxe (2004) acentua que:

[...] No ambiente rural, especificamente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera

em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirinho com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita (p. 296).

A cultura ribeirinha conserva costumes que ajudam a salvaguardar a tradição³⁰ da sua comunidade. A tradição da oralidade ainda é um elemento predominante em Nazaré. Ademais, o sentido da tradição se dá em manter um vínculo familiar que conserve a memória e ajudar as gerações a manter suas referências para o futuro. (BELARDINELLI, 2007).

Verificamos que em Nazaré os elementos da tradição dialogam com os elementos da modernidade, um não exclui o outro, mas forma um universo diferenciado de significados, nessa interação os elementos ganham atribuições e importância diferente. Observamos que eles usam a rede social como forma de afirmação da identidade ribeirinha, como observado no relato abaixo:

“Somos ribeirinhos hoje e sempre, pois somos parte da natureza e continuaremos junto com rio guiados por suas águas. Afinal o Madeira sempre foi fonte da nossa riqueza cultural.”

Esse relato é de uma integrante do grupo “Minhas Raízes”, ela expressa sua preocupação com a atual situação das cheias do Rio Madeira³¹. Ela expressa o apego à relação íntima com o Rio Madeira e o significado que ele tem para todo o povo ribeirinho. Desse modo, temos a ideia que,

Nessa reflexão, trazemos uma compreensão de que uma comunidade ribeirinha é, dentro da realidade amazônica, uma comunidade que nasce e se desenvolve a beira dos rios e lagos que, por sua vez, comandam o cotidiano de homens e mulheres, que pautam suas vivências culturais e sociais, principalmente na relação com o rio. Ou seja, o dia-a-dia dessas comunidades, se guia por essa relação direta e imbricada com o rio, sendo a imagem deste “associada à alimentação, ao transporte, ao lazer, à higiene, ao trabalho e às condições naturais e de vida” (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2004, p. 59 apud Victoria, 2013, p.5, grifos nossos).

A relação íntima com o Rio Madeira, com os igarapés e lagos que estão na área ribeirinha de Nazaré, é identificada nas manifestações culturais, como nos

³⁰ Após um longo período de desconfiança e hostilidade, o conceito de tradição vem recuperando seu prestígio dentro da cultura ocidental. Para entender que tradição não é o mesmo que tradicionalismo, mas significa a memória, a identidade e o futuro de uma comunidade. Belardinelli (2007, 36)

³¹ Esse foi um post de T.A de fevereiro de 2014, quando lamentavam ver sua comunidade tomada pelas águas. A enchente que tomou a área ribeirinha e outras localidades do Estado e Rondônia e da Bolívia, foi considerado a maior enchente dos últimos tempos na região.

festejos, brincadeiras, mitos, lendas e estórias que seus moradores contam. Essas são passadas de geração em geração, por isso identificamos nos jovens o interesse manifestar suas identidades. Ainda na rede social as jovens se expressaram sobre suas opiniões:

“Verdade, me orgulho muito de ser ribeirinha beiradeira mesmo como uns dizem por aí, e fico triste quando vejo as pessoas que nasceram lá e tem vergonha de falar que é ribeirinha. (Da beira eu sou, sou filho eu sou) linda essa música.”³²

“Nunca tive vergonha de dizer que sou „beiradeira“ estamos juntas”³³

É evidente que afirmação da identidade ribeirinha se faz presente entre os jovens, nesse momento as evidências da tradição, ensinada através das gerações, elas sobrepõem as marcas do capitalismo e do individualismo. Essas meninas e meninos vivenciam poeticamente esse lugar, compartilham as representações internalizadas pela vivência e o Rio Madeira tem um significado especial para eles. Nesse sentido, temos nas palavras de Oliveira e Brandão (2009, p.233) a evidência de que o rio faz parte de nossa construção simbólica no espaço.

Para cada um de nós, o rio assume um significado, que se re-significa ao longo da vida, pela forma como nos relacionamos com ele por meio da “Geograficidade”, que “é a relação que necessariamente temos com o mundo através dos espaços, paisagens, e lugares que encontramos nas nossas vidas diárias.

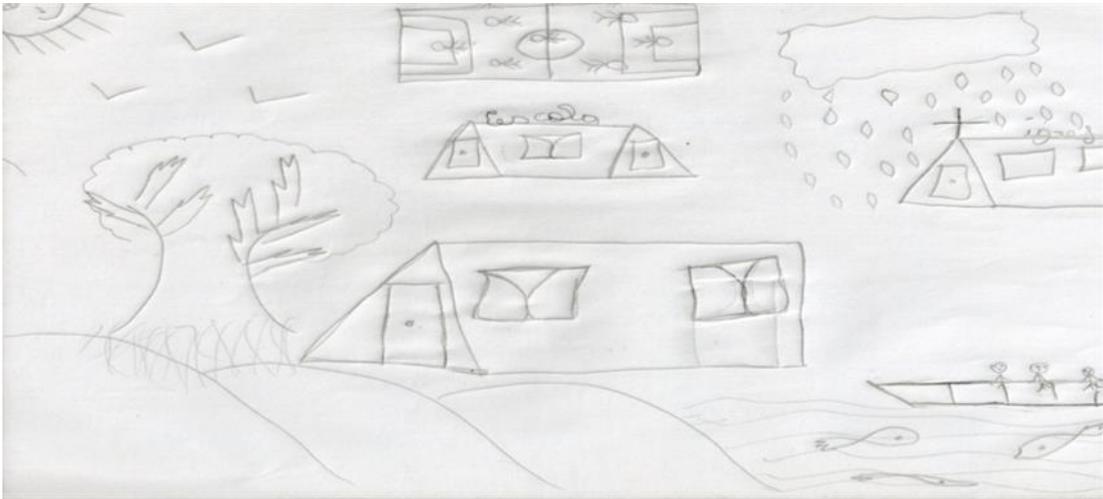
Assim, o Rio Madeira possui significados diferentes para cada pessoa, para o pesquisador é diferente do morador/a da comunidade ribeirinha. A geograficidade elucida ao amor ao solo natal, uma ligação do homem à Terra (DARDEL, 2011,p.3). De certa forma, o nosso trabalho na pesquisa assume o compromisso de buscar o significado do Rio para esses indivíduos. Observamos que ele é fonte criadora das representações de Nazaré, “o Rio de águas barrentas, cheios de esperança³⁴” envolve o afeto, amor, a vida que ele proporciona para todas as comunidades ribeirinhas.

³² J.A se manifestou através de uma rede social em fevereiro de 2014

³³ T.P se manifestou através de uma rede social em fevereiro de 2014.

³⁴ Trecho de uma canção do grupo “Minhas Raízes”.

Mapa Mental 2: Pedro, 18 anos.



Fonte: Estudo da pesquisa.

No mapa mental 1 e 2 a imagem está representada por ícones, letras e figuras que representam a vida em Nazaré, observa-se também que as formas aparecem de forma horizontal distribuídas dispersas em toda a folha com elementos da paisagem natural como as árvores, o rio, o céu, os pássaros e também com elementos da paisagem construída como as casas, escola, hospital, campo de futebol, centro comunitário e a igreja.

Temos também os elementos móveis e elementos humanos revelando a cultura do lugar. As duas imagens são ricas em detalhes importantes sobre o lugar, há uma vida nesse lugar e a vida acontece e se move enquanto sujeitos ativos da experiência. Observamos também a fartura representada pelo peixe, as árvores e os frutos passando uma ideia de que nessa terra há fartura que a própria terra proporciona. O sol foi representado nos dois mapas, indicando que queriam mostrar Nazaré durante o dia.

Vimos que nos dois mapas aparecem elementos comuns, as casas, o campo de futebol, a igreja, o centro comunitário e o hospital, estes representam a instituição que está estabelecida em Nazaré, que são os elementos construídos pelo ser humano. Dentre os elementos naturais temos as árvores e o sol representando a natureza. No mapa 2 temos a representação do rio com os peixes e pessoas em um espécie de embarcação, passando a ideia de que estão pescando. Essa

organização tem relações com as características comuns das comunidades ribeirinhas como aponta Ferraz:

Tradicionalmente, a paisagem comunitária é formada por um conjunto de aproximadamente trinta e quarenta unidades residenciais, distribuídas ao longo das margens das águas, algumas agrupadas, outras mais dispersas, isoladas entre si. As residências são feitas de madeira e cobertas por telhas de alumínio ou amianto; poucas são as que ainda são cobertas por palha. Há uma área de uso comum, onde se localizam uma igreja, uma escola de Ensino Fundamental, um campo de futebol e um chapéu de palha ou sede comunitária para reuniões e festividades. [...] Algumas comunidades também possuem uma área de uso comum para a produção de roças, viveiros ou criação de animais (FERRAZ, 2010, p. 30).

Percebemos que em Nazaré, há esse tipo de organização, tanto das casas, como dos lugares de uso comum da comunidade. Observamos que a organização do espaço está claramente relacionada com as relações sociais estabelecidas entre o grupo de jovens, a escola, o futebol, o centro comunitário estão relacionados com a vida em comunidade, eles partilham de lugares em comum, onde se encontram e se relacionam um universo de trocas materiais e simbólicas.

As representações espaciais advêm de um vivido que se internaliza nos indivíduos, em seu mundo, influenciando seu modo de agir, pensar, sua linguagem, tanto no aspecto racional como no imaginário, seguidas por discursos que incorporam ao longo da vida. (KOZEL, 2009, p.221).

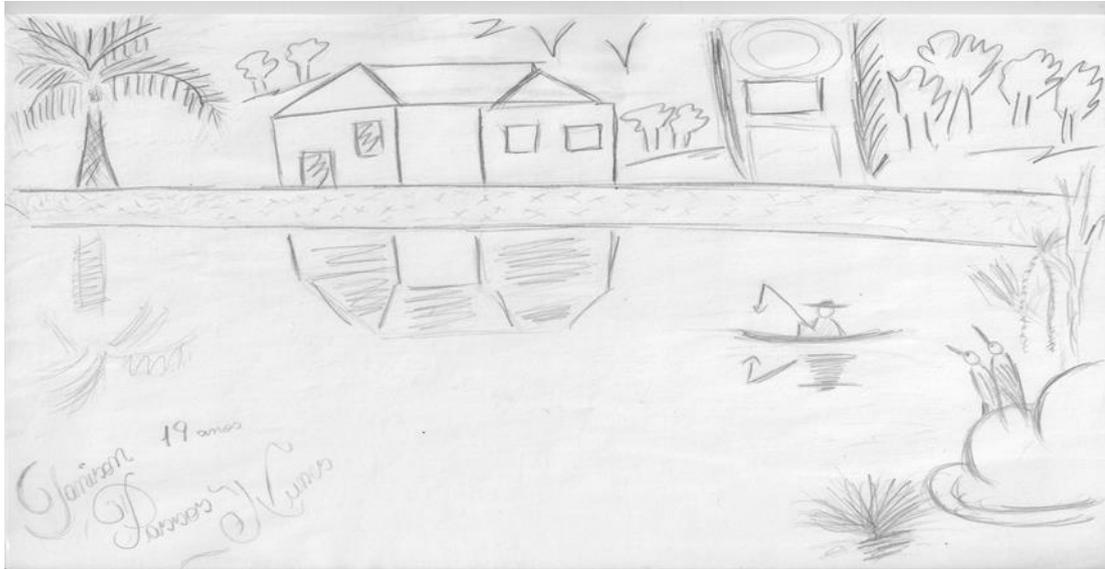
Ressalta-se ainda nas palavras de Kozel que as vivências estabelecidas em grupo e representadas por meio da internalização do mundo vivido, colocam e evidenciam dentro das imagens, esta pode nos orientar a entender o modo de organização do espaço de acordo com suas vivências.

“A imagem é uma forma de representação que resulta de uma abstração, que perde quando representada, seu isomorfismo estrutural advindo da percepção, conferindo a imagem uma grande parte de seu valor funcional, compreensão da linguagem e a resolução de problemas. [...] a representação como um conhecimento que permite ao indivíduo se apropriar do mundo exterior, acompanhado de palavras e ideias comunicáveis.”³⁶

Desse modo, compartilhamos da ideia de Bakhtin (1986), de que a consciência não é vazia, é resultado de uma construção sónica, através da comunicação. Junto com as relações, essa comunicação gera representações que perpassam o tempo, e com a memória contada ela não morre, mas permanece como referências para as outras gerações. Dentro dos mapas, evidenciamos a referência comum dos lugares, o rio, as árvores, a igreja, o futebol entre outros.

³⁶ Idem, p.223

Mapa Mental 3: Thanisson, 19 anos



Fonte: Estudo da pesquisa.

Mapa Mental 4: Viviane Maria, 23 anos.



Fonte: Estudo da pesquisa.

No mapa 3 e 4, vimos que são representados as imagens com detalhes do espaço, é caracterizado pelo Rio Madeira, que tem um significado especial para os ribeirinhos. E também a natureza exuberante, que foi representada nos dois mapas.

Temos então a predominância dos elementos naturais sobre os elementos construídos, mas a ideia que passa é que há uma harmonia entre eles, eles se completam e passam uma impressão de tranquilidade e estabilidade.

Aqui, eles representam a relação íntima com o lugar, em que os elementos culturais e naturais se encontram e estão levemente entrelaçados e harmoniosamente organizados no espaço. No mapa 4, não aparece o elemento humano propriamente dito, mas a autora do mapa passa sua mensagem mostrando que ela é representada pelo pássaro, e como ela se sente morando em Nazaré. Fica claro que essa imagem remete a felicidade que ela tem em morar na comunidade. Ela se sente livre como um pássaro, voando e desfrutando sua liberdade.

Por esse ponto, olhamos do mesmo sentido de Claval sobre o “homo geographicus” contemporâneo (2010, p.227), onde vimos que a experiência com o mundo se dá por meio dos sentidos; o olhar, apalpar, degustar, ouvir, funciona como receptores da experiência. Através dos mapas percebemos o sentido do habitar para eles, sendo esse sentido é inerente ao ser humano. Tal qual, eles vivenciam a partir dos sentidos, sentindo os cheiros das águas, tomando banho nos rios e igarapés, comendo os frutos da terra, ouvindo os sons da natureza e observando as paisagens ao seu redor.

Nesse sentido, Claval aponta que “Os mapas mentais desenhados pelas populações próximas geograficamente mostram claramente que a percepção que têm do mundo é socialmente construída e reflete a cultura na qual estão imersas” (2010, p.244).

Por isso percebemos as semelhanças entre os mapas mentais dos jovens ribeirinhos, colocando em seus desenhos suas experiências compartilhadas “a cada lugar encontram-se lembranças associadas às lembranças próprias daquele que fala e as lembranças que compartilha com os que frequentam também, assim criam-se círculos de intersubjetividade, onde as palavras estão carregadas do mesmo estoque de experiências”³⁷.

³⁷ Idem, p.244.

3.2.1 A Casa

A casa pode ter vários significados, para valém de um espaço de moradia, é também uma imagem do habitar. Ela é um elemento especial, que foi estudado minuciosamente por Bachelard e posteriormente por Bollnow. Ambos colocaram de forma poética o sentido da casa, o devaneio, o inviolável e lugar oculto que contém uma série de objetos dispersos, mas organizados espacialmente de acordo com a vontade do morador.

Assim, o diálogo da geografia junto à fenomenologia está em mostrar o sentido mais profundo de habitar os lugares, como assim coloca Bachelard “O geógrafo, o etnógrafo pode descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenólogo faz o esforço necessário para compreender o germe da felicidade centra e segura, imediata.” (2008, p.23).

Nesse sentido, iremos perceber o que Bachelard sinalizou que todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa³⁸. Durante o trabalho com os jovens, pedimos a eles que expressassem qual o significado de Nazaré para eles, abaixo temos dois mapas que retratam o que encontramos na maioria dos mapas.

Mapa Mental 5: José Darlei, 15 anos.



Fonte: Estudo da pesquisa.

³⁸ Idem, p.24

Mapa Mental 6: Ivaneide, 27 anos.



Fonte: Estudo da pesquisa.

Os mapas expressam que a casa tem um grande significado para os jovens de Nazaré, com um acolhimento, uma forma de fugir do “mundo” lá fora. Mas, também a casa pode ser representada como a própria comunidade, um lugar familiar e acolhedor. Esse lugar pode remeter as lembranças da infância, de momentos felizes, a família, o acolhimento do lar, remonta o que Bachelard coloca que a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador e por fim, a casa permite sonhar em paz³⁹.

A casa é ainda um corpo de imagens que são ao ser humano razão e ilusão da estabilidade, por isso é possível nos mapas identificar como ela tem importância para os jovens, ela é retratada, como são suas construções mentais de algo que eles consideram seguro, algo que remete ao aconchego, lugar que eles realmente gostam de ficar.

Vimos também nos mapas mostrados, a casa fica sempre ao centro do mapa, parece remeter que ela é a principal imagem a ser mostrada, podemos então pensar a casa como o centro do mundo, como aponta Bollnow, é o lugar no “seu mundo”, assim a casa sempre será o centro concreto do seu mundo.⁴⁰, com isso confirmamos que a casa dentro dos mapas tem a funcionalidade de dar referência

³⁹ Idem, p. 25

⁴⁰ (2008, p.134)

física e simbólica ao lugar. Desse modo, eles representam o habitar na comunidade de Nazaré, sobre a qual representa estreitar os laços, uma relação familiar com o espaço.

A casa pode caracterizar o espaço individual e também o espaço coletivo, a comunidade, o Distrito, assim ela tem um caráter próprio, ela mostra características do lugar, o formato da casa remete que ela está adaptada para o ambiente ribeirinho como mostrado no mapa 5, a casa é suspensa, para que na época da cheia, ou do inverno, não fique alagada. Isso caracteriza o espaço em que ela foi construída. Esse tipo de construção é comum em espaços ribeirinhos, as casas geralmente são de madeiras, com pisos de madeira, pois a madeira é muito utilizada na região.

A casa também agrega um número grande de famílias, muitas pessoas habitam uma mesma casa, de crianças a adultos vivem juntos no mesmo lugar. Geralmente as famílias ribeirinhas são grandes, o espaço da casa se torna menor e seus moradores tendem a dividir os quartos, portanto a relação entre eles é mais próxima.

Enfim, a casa é vista como um território inviolável da paz, como lembra Bollnow, as pessoas ficam tranquilas, geralmente no meio do dia, depois do almoço, as pessoas descansam deitadas em suas redes na varanda das casas, se sentem seguras e sossegadas, em Nazaré entre as casas não há cercas e muros, dando a ideias de total harmonia, as crianças brincam juntas no quintal, colhem os frutos das árvores, não há separação de condição social, cor ou credo, todas as crianças brincam juntas.



Foto 7: M.F, Elisangela. Imagem de uma casa em Nazaré. Acervo pessoal, 2013.

Temos acima uma imagem típica das casas construídas na área ribeirinha, geralmente elas são distantes uma da outra, de madeira, com varanda e cercada por árvores e algumas com grama, que é bem comum em Nazaré. Sem muitos luxos, algumas casas até tem objetos mais modernos, como ar-condicionados e centrais de ar por causa do calor, mas em sua maioria contam com poucos objetos modernos.

Analisando os mapas vimos também a casa como uma imagem do mundo, o nosso primeiro universo. (BOLLNOW, 2008, p. 139-140). De fato nossas primeiras experiências com o mundo começam na casa, nossas primeiras experiências de vida, onde temos contato próximo com as pessoas, criamos laços duradouros com nossos familiares, recebemos afeto e dedicação de nossos pais. Por isso, a casa se transforma no palco do devaneio humano, pois guarda as lembranças da vida.

A casa ainda pode ter seu caráter próprio, pode ser vista como um espaço sacro que tem ligação com o sagrado. Ela sai do contexto da racionalização do mundo moderno, por isso há em muitos casos a dificuldade das pessoas em sair da casa, deixa-la para morar em outro lugar, essas características são fortes para os jovens e para o povo de Nazaré em geral.

Esse lugar se refere à esfera íntima de uma pessoa e de um povo, por isso não é possível chegar a Nazaré e saber como eles se organizam e como eles

manifestam suas relações sociais e culturais de primeiro momento. Para entrar em suas casas, os pesquisadores devem ter cuidado, eles não abrem os seus espaços íntimos para qualquer pessoa que chega à comunidade.

De tal modo, deve-se pensar que ao chegar à comunidade estaremos lidando com o espaço íntimo de cada pessoa, a casa e a comunidade são os seus espaços íntimos, na qual buscam resguardar suas características próprias, elas podem ser reveladas quando há um espaço de confiança entre o pesquisador e o sujeito, o que pode levar um tempo para acontecer.

Portanto, vemos que a casa não é somente um espaço geométrico, físico, sem significado para as pessoas, ela é um universo de significações, cercada de mistério acerca da vida humana, destaca-se que a casa não é para os jovens algo isolado do mundo, contudo emanam suas representações do real e do imaginário. Assim, a vida humana está enraizada na casa, nela partilhamos nossas alegrias e tristezas, reunimo-nos ou nos isolamos do mundo. Consideramos este um fator importante em nossa pesquisa para identificar as representações que os jovens têm do seu lugar. Percebemos que a casa funciona como um dos elementos importantes para perceber essas representações.

3.4 O Olhar diferenciado: Um recorte das Relações de Gênero na constituição do Lugar em Nazaré

Os sonhos e projetos dos jovens estão embasados em vivências cotidianas e de acordo com os papéis exercidos socialmente, os papéis masculinos e femininos estão intrínsecos nas feminilidades e masculinidades ribeirinhas. Para entender mais sobre isso, nos propomos a analisar as perspectivas sobre o futuro de cada um, sob o olhar das relações de gênero. No questionário perguntamos para eles “Quais são seu sonhos para o futuro”, obviamente surgiram muitas respostas diferentes, então relacionamos algumas delas de acordo com o gênero.

Entre os rapazes tivemos as seguintes respostas:

“Ter um bom estudo e trabalhar no que gosto aqui na minha Terra, junto com a minha família” (Edison, 18 anos, morador de Boa Vitória).

“Ir para o Rio de Janeiro para fazer um curso da Marinha” (José Dionata, 15 anos, morador de Nazaré).

“Ser um advogado” (Zenildo, 15 anos, morador de Nazaré).

“Meu sonho é continuar morando aqui e está empregado” (Pedro, 16 anos, morador de Boa Vitória).

“Meu sonho para o futuro e que eu me torne um soldado” (Edenilson, 16 anos, morador de Nazaré).

“Ser jogador de futebol” (Regiel, 15 anos, morador de Nazaré).

Entre as respostas das moças temos:

“Terminar meus estudos e me formar e ser uma enfermeira” (Jessica, 15 anos, moradora de Pombal).

“Estudar e ser delegada” (Eliene, 15 anos, moradora de Boa Vitória).

“Eu pretendo continuar morando aqui, mas ter um bom emprego.” (Erivane, 15 anos, moradora de Nazaré).

“Ajudar meus pais a trabalhar” (Rosilane, 16 anos, moradora de Tira Fogo).

“Meu sonho que tenho fé em Deus e ser uma tenente do Exército do Brasil” (Maria Inês, 15 anos moradora de Nazaré).

Em alguns permanecem o desejo de ficar na comunidade, mas sem abrir mão dos estudos e da formação profissional, mas em outros há a vontade de sair e tentar uma vida na cidade, os caminhos escolhidos muitas vezes levam os jovens a buscar na cidade uma saída para as dificuldades que eles encontram para estudar em Nazaré. Em ambas as respostas perceberam alguns deles tem o desejo de ficar na comunidade, mas ao mesmo tempo tem o desejo de trabalhar e ter uma profissão, ou seja, ter um sucesso na vida profissional.

A realidade das comunidades rurais está atrelada no trabalho com a terra. No caso de Nazaré está presente o cultivo principalmente da melancia e mandioca, percebemos com exceção de uma jovem, a maioria não demonstrou interesse de continuar a profissão dos pais. As relações de gênero ligado ao trabalho mostra que há uma desigualdade no reconhecimento da importância do trabalho da mulher, elas em muitos casos acumula várias atividades durante o dia, e na maioria das vezes o seu trabalho é considerado somente uma ajuda. Desse modo, há uma disparidade e

diferenças entre trabalhos de homem e trabalhos de mulheres. Em uma análise sobre o trabalho feminino Nascimento Silva (2011, p.141) coloca que:

Além da responsabilidade de todo trabalho ligado à casa, as mulheres trabalham nas atividades da agricultura juntamente com seus companheiros. Embora elas desempenhem atividades na lavoura juntamente com homens, seus companheiros consideram a atuação feminina no trabalho agrícola como “ajuda” e não propriamente como um trabalho produtivo. Isso se reflete nas tomadas de decisões sobre a propriedade que, em geral, são masculinas. O trabalho da mulher rural continua sendo considerado apenas na esfera reprodutiva, invisível e desvalorizado; já o trabalho do homem é ligado a produção e a comercialização, angariando expressão monetária, o que gera valorização na sociedade.

Temos então a expressão dos jovens em relação ao trabalho produtivo, as mulheres por um lado tem dificuldade de se sentirem valorizadas trabalho na terra, por ainda imperar o pensamento patriarcal e sexista dentro do âmbito familiar, e por outro lado, os homens também expressaram que querem seguir outros caminhos profissionais, por mais que fiquem em Nazaré. Ainda é muito recente a ideia de empoderamento feminino na comunidade, por isso as relações ainda tomam esse viés sexista. Vemos também esse entendimento nas palavras de Brumer (2007, p.39):

Outro aspecto apontado pelas pesquisas sobre os jovens rurais é a predominância de moças e rapazes que saem das áreas rurais, levando à relativa masculinização do campo. Assim, existem diferenças nos processos de socialização e nas oportunidades de inserção na atividade agrícola para os rapazes e moças.

Então diante do supracitado, temos uma realidade que mostra que as mulheres saem mais de casa que os homens, mas não é somente isso, Brumer coloca que *“eles e elas se diferenciam-se também pelas representações sobre a vida no meio rural, sendo as moças mais críticas e com posições mais negativas do que os rapazes.”*⁴¹

De um modo geral, há uma desvalorização do trabalho agrícola gera também uma descontinuidade, pois os jovens não querem continuar as atividades dos pais. Permanece ainda a ideia de status, ou seja, quem é trabalhador(a) rural seria inferior ao restante dos trabalhadores. Por isso, há certa resistência entre os jovens de buscarem seu sustento por meio do trabalho agrícola. Há uma identificação com as práticas tradicionais da comunidade, mas há também certa negação de expressar suas particularidades, por medo e vergonha de ser discriminado pelos outras pessoas de “fora”. Esse fato não significa que eles

⁴¹ Idem, p.39.

rejeitem a vida do campo, mas como aborda Wanderley (2000), a vida no campo é um espaço de vida singular, constituído a partir de dinâmicas sociais internas e externas que aproxima os membros de uma comunidade rural, porém interage com as complexidades da vida moderna em espaços urbanos.⁴²

Além da tendência em sair da comunidade, observamos que as moças têm modificado seus modos de agir e pensar sobre seus sonhos e perspectivas, muitas moças querem evitar a gravidez pelo menos antes dos quinze anos, tem preferido estudar, trabalhar e mudar de vida, mas ainda querem ficar na comunidade e conviver em um ambiente familiar. Porém, foi observado que a tendência ainda é de que a moça saia mais da comunidade para morar na cidade, com intuito de trabalhar e estudar.

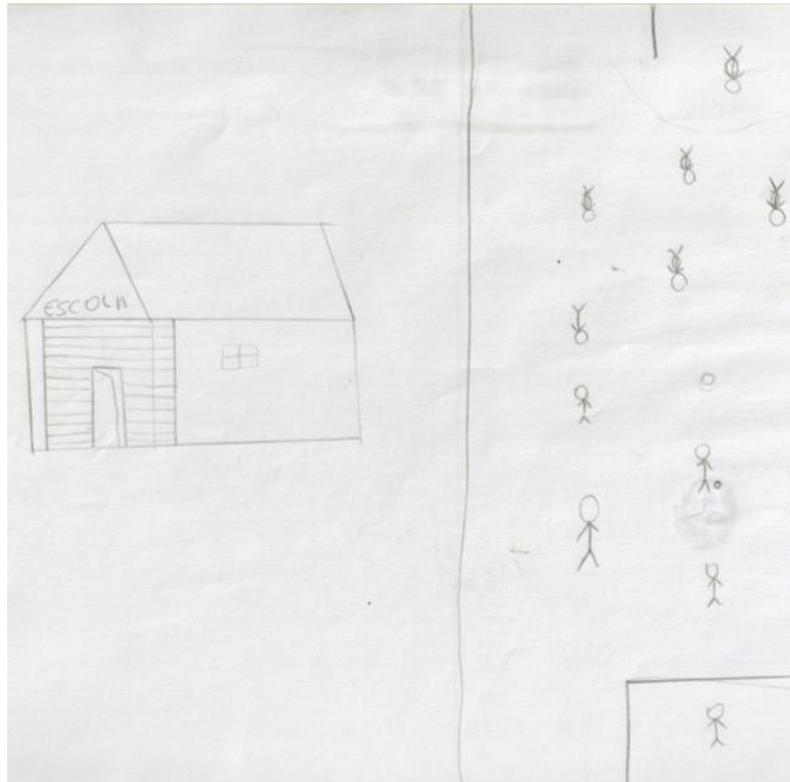
Há também uma tendência dos rapazes se envolverem mais nos trabalhos dos pais, enquanto as moças se restringem ainda a atividade doméstica, quando estávamos na comunidade vimos poucas moças saírem de casa, elas ficam mais em seus lares, a elas são atribuídas atividades que lhe restringem ao espaço da casa, assim também ocorre o controle e a vigilância sobre as moças, para que não fiquem andando sozinhas pela comunidade, para que isso é atribuído atividades do lar para as moças. Entre os rapazes, temos um sonho em comum entre eles; servir as forças armadas, eles nutrem o desejo de colocar-se a disposição do Estado Brasileiro.

Há nos jovens uma intenção de mudança, esta intenção está incorporada na visão e concepção de mundo dos jovens. Pois tudo é percebido antes de tudo por uma intenção, o interesse em buscar a vida urbana não se mostra como algo novo nos estudos sobre a juventude, ainda é atividade econômica que exerce influência nas decisões dos jovens em sair das comunidades rurais para tentar a vida na cidade.

Ainda sobre as questões de gênero e juventude temos ainda observado mudanças acerca do lazer que eles compartilham na comunidade, foi identificado nos mapas mentais que o lazer tanto de meninas como de meninos é o futebol, ele integra e expressa um dos maiores divertimentos tanto para as meninas como para os meninos como observamos nos mapas.

⁴² Brumer, (2007, p.38)

Mapa Mental 7: Rosilane, 16 anos.



Fonte: Estudo da Pesquisa

Mapa Mental 8: Carlos, 15 anos.



Fonte: Estudo da Pesquisa.

Observamos que nos dois mapas acima aparecem a representação do futebol dentro da vivência tanto de rapazes como das moças, isso mostra que o futebol se constrói como um traço da identidade ribeirinha para ambos os gêneros.

Além disso, tem-se desconstruído a imagem do futebol como um esporte propriamente masculino e por muito tempo era negado às mulheres. Elas assim se sentiam retraídas e não tinham interesse por esse esporte.

Tanto mais nítida é a diferenciação dos papéis em dado contexto social, mais intensamente os jogos haverão de reproduzi-las, razão pela qual é recomendável estar atento para o valor atribuído à dada modalidade de jogo e, sobretudo, à sua conotação (ou não) em termos de masculino, feminino ou misto. É pelo fato de que se naturalizou, entre nós, o futebol como prática masculina, que se espera, de meninos e meninas, atitudes diferenciadas (DAMO, 2006, p. 2).

Nesse sentido, é importante perceber que o futebol representa divergências e até o preconceito de gênero, sobre isso percebemos que, “a participação das mulheres no futebol é cercada por preconceitos socioculturais .” Batista; Deive (2009, s.p). Essas integrações das moças com o futebol mostram que entraves anteriores estão diminuindo e o futebol integra homens e mulheres na comunidade. Esses momentos integradores re-posicionam as relações entre homens e mulheres na comunidade, as moças remodelam suas práticas e mostram-se com mais autonomia diante dos rapazes. Elas representam uma mudança nos papéis e posições incutidos na sociedade, de que futebol é coisa de “homem”, e não somente isso, o realinhamento nas formas de perceber as identidades de gênero. Homens sempre são associados às atividades de força e competição, na qual o futebol faz parte, enquanto as mulheres respectivamente são induzidas a se interessarem por brincadeiras mais leves, geralmente brincar de boneca e de cuidar da casa, como forma de educa-las para o futuro.

Na identidade ribeirinha, o feminino e o masculino ainda passam pelas regras dicotômicas e unilaterais, por isso temos a prática de vê-los separados e opostos entre si, mas avanços tem ocorrido. Nesse meio elas se manifestam de formas bem sutis, com naturalidade entre seus moradores, as mentalidades tem se renovado no sentido de ver com mais igualdade ambos os gêneros. Vemos na imagem abaixo as moças após um jogo de futebol.



Foto 8: M. F, Elisangela. Moças jogando futebol no campo da sede do Distrito de Nazaré. Acervo T.A, 2014.

É importante entender que o aspecto da identidade que remete também ao gênero. Vendo como essa se expressa no contexto ribeirinho, o futebol como uma forma de lazer entre esses jovens reflete na mudança de hábitos e costumes da própria comunidade. Os estereótipos de identidades que permeiam a nossa sociedade estão em constante mudança, o lazer, nesse caso, representado pelo futebol tem mostrado que é um reflexo da mudança nos papéis e nos estereótipos de gênero.

Ademais, temos clara que as representações acerca do lugar em Nazaré, refletem um conjunto de elementos dos quais as questões de gênero propiciam entender que as moças e os rapazes vivenciam este lugar de formas distintas, mas ao mesmo tempo compartilham em conjunto vivências comuns, entre os amigos e familiares. O lugar é o palco das representações onde transitam as várias identidades generificadas.

Durante a pesquisa podemos afirmar que os mapas tiveram um aspecto importante para a pesquisa como um todo, mas também para as análises das representações de gênero, pois ao final podemos perceber proximidades entre as feminilidades e masculinidades. Na percepção de ver e viver suas identidades, mas não podemos esgotar as possibilidades de análise dentro deste conceito, pois o mesmo não é estático e possui várias facetas envolvendo várias questões.

**CAPÍTULO IV:
AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: CONSTRUINDO LAÇOS PARA AS NOVAS
GERAÇÕES**



Foto 9: M.F, Elisangela. Parte do grupo musical "Minhas Raízes". Acervo Tullio Nunes. 2014.

“Nos criticavam por cantar isso, mas...aconteceu e estamos sofrendo as consequências. Continuaremos reivindicando e cantando. Não nos calaremos, não podemos ser esquecidos.”⁴³

⁴³ Manifestação da T.A, 21 anos, moradora de Nazaré sobre as últimas cheias que assolaram a área ribeirinha, rebatendo as críticas sobre o conteúdo das músicas cantadas pelo grupo.

Neste capítulo continuamos as análises dos resultados pelas contribuições do Grupo “Minhas Raízes” para a resistência e permanência da cultura ribeirinha no contexto amazônico. Dessa forma, retratam a tradição, histórias e costumes do seu povo, agregando valor simbólico a imagem de ser ribeirinho. Para entender as subjetividades construídas em volta de um lugar, entrevistamos o líder do Grupo, Timaia apresentou traços de uma cultura alicerçada no desejo de não deixar morrer os costumes e a cultura ribeirinha.

4.1 O Grupo “Minhas Raízes”

A palavra no início do capítulo são de uma moça que morava em Nazaré, mas atualmente reside em Porto Velho, ela é integrante do grupo musical e compartilhou sua manifestação sobre a atual conjuntura que se encontra as comunidades ribeirinhas de Porto Velho, todos tiveram que sair de suas casas em decorrência de uma enchente histórica que aconteceu no início do ano de 2014.

O grupo “Minhas Raízes” expressa não só as vivências e os costumes dos ribeirinhos, mas também coloca suas visões acerca da forma com que os recursos naturais são explorados, acabando com rio, matas e os animais da floresta. É uma forma de manifestar que não apoiam a exploração e destruição da floresta bem como do espaço ribeirinho.

Como foi anteriormente exposto em nosso trabalho, entendemos o espaço ribeirinho também pelo conceito de heterotopia, por ser também caracterizada por um espaço do imaginário no campo das representações e também como um espaço real das vivências cotidianas, um espaço que funciona como uma resistência ao que está posto pela sociedade moderna que tem como valores o consumo exacerbado. Em muitos casos colocam a imagem das comunidades tradicionais como sociedades primitivas e ultrapassadas, uma vez que vivem em harmonia com a natureza sem buscar o alto consumismo. Nesse sentido, tomamos o espaço rural no espaço ribeirinho como uma heterotopia. E também como um espaço dialógico onde as linguagens resultam da construção e interação coletiva dos sujeitos.

A heterotopia presume também que o espaço é palco das representações sociais, constituindo experiências espaciais concretas e simbólicas na vida dos indivíduos. (VALVERDE, 2009). As práticas intersubjetivas dos jovens ribeirinhos se diferem das práticas dos jovens urbanos, de maneira que eles em muitos casos se

sentem envergonhados de se expressarem por medo de parecerem atrasados diante das outras pessoas.

A necessidade que a sociedade moderna tem de racionalizar e materializar a vida, não condiz com as práticas de grupos e comunidades tradicionais. Elas buscam uma harmonia entre o mundo físico, mítico e o cultural, resultando em heterogeneidades em seu espaço.

O espaço real colocado nas letras das músicas, nos contos e lendas contadas pelos ribeirinhos, permitem ver que as heterotopias são reflexos de espaços reais, espaços em que a vida acontece, onde os conflitos e tensões se manifestam, contudo, temos também os espaços imaginários provenientes das representações sociais compartilhadas por eles ao longo do tempo. Outra característica deste conceito é que a heterotopia remete uma noção de mudança, novas funcionalidades, acúmulo de tempo e por fim gerar a transformação do espaço. (VIEIRA, 2011). A partir desse entendimento, colocamos que o Distrito de Nazaré é uma heterotopia.

A comunidade está de certa forma distante da cidade, mas estabelece relações com ela, porém fecham e isolam aquilo que eles querem manter intacto no grupo. Não deixam os valores urbanos tomar espaço dentro da comunidade. Assim, ela funciona como um sistema de abertura e fechamento do que eles consideram como bom ou ruim para a comunidade. Nas heterotopias rurais/ribeirinhas localizamos o “Minhas Raízes” como um elemento que agrega e re-significa o espaço, transforma e resgata a história para que não se apague as práticas ribeirinhas. Funciona também como um elemento de resistência ao que é imposto pela sociedade.

O que mostraremos adiante são partes da entrevista com Timaia que consideramos importantes, para entender a função e a importância da cultura ribeirinha como forma de resguardar a tradição, de forma que, as gerações posteriores possam conhecer os contos, histórias e lendas ribeirinhas. A entrevista foi realizada com Timaia, líder e fundador do grupo. Em seguida serão analisadas suas falas a fim de entender o sentido e a importância que é atribuído ao grupo como motivador da preservação da identidade ribeirinha.

Como surgiu a ideia de formar o grupo “Minhas Raízes” e por quê esse nome?

Timaia: “Assim, para iniciar é preciso fazer um pequeno resgate histórico do que é importante. Na realidade a escola aqui, ela começou com o meu pai, ele comentou que quando ele chegou aqui tinha meninos analfabetos com 16 anos, muita gente parada, então ele começou, ele trazia as coisas culturais e artísticas, ele era músico também, o Manoel Maciel Nunes. Ele sempre fazia as coisas muito locais né, então a primeira geração dele foi envolvida com isso, eu me lembro que quando era garotinho, eles faziam o teatro regional, eles faziam “tapiris”⁴⁴ de palha, na vela mesmo. E pense num tanto de gente que dava, então ele tinha essa influência toda. Ele foi, ...não ficou perdido porque a gente fez o resgate e continuou. Então, muita gente daquela geração primeira geração que tem seus filhos hoje, foram influenciados também com isso, então não se perdeu. Foi nesse momento em que justamente o “Minhas Raízes” surgiu em 2008. Eu e o Duda pensamos: “Poxa isso é uma coisa tão bonita e tão forte, vamos colocar isso pra fora, vamos achar uma forma”[...]. Eu tinha uma vontade, eu sempre gostei muito de instrumental, eu comecei a pensar em fazer instrumentos de material reciclável da floresta; a castanha e sementes, fazer instrumentos com as coisas da natureza. Aí o Túllio (irmão de Timaia) e a sua ex-esposa era também cantora e regente. Nos pensamos em fazer um resgate das histórias que existem na comunidade, os mitos e as lendas. Como eu trabalho na Escola com os ribeirinhos ministrando Língua Portuguesa e Arte, comecei a fazer produção de textos com as histórias que eles contavam, e aí comecei a transformar isso em música, passava para o Túllio e a gente sentava junto para fazer as músicas, as vezes eu fazia sozinho. E aí saiu o primeiro CD: “Cada som, uma história”, foi por causa disso, quem conhece o grupo sabe disso. As duas primeiras músicas que surgiram foram “A cobra grande” e o “Curupira”. A cobra grande é uma história de uma cobra pequena que pegou um homem, aí o pessoal comenta que quando ela mata a presa e deixa lá, dá fortes assovios pra chamar a cobra grande para comer, assim na música coloca um alerta para os bichos: “passarinho e macaco, toma cuidado que a cobra já vem”. Depois as ideias foram surgindo, mas não somente de ficar aqui, mas levar isso para Porto Velho e para outros lugares. Montamos a música e formamos o grupo, fizemos três festivais para escolher as crianças que tinham aptidão para a música. Nós ensinamos os integrantes a tocar e cantar, na realidade tem muita gente de “fora” querendo entrar no grupo, mas a

⁴⁴ É uma espécie de casa, barraco, um abrigo simples, típico em regiões amazônicas.

gente nunca topou, pois vai influenciar, se apropriar de outras formas de música, aí vai descaracterizar o grupo. A gente nunca fugiu disso, o que nos importamos é com a afinação e o ritmo. No teatro acontece o mesmo, já teve inúmeras pessoas fazendo oficina de teatro, eles não gostaram porque é muito técnico, eles não gostam.”

Vemos justamente a questão forte do conceito de geração imbricada nas falas do Timaia, a relação entre as gerações funcionam como um mecanismo de permanência dos costumes e tradições. O grupo surgiu de uma vontade de manter as tradições, para isso houve um esforço inicial, um objetivo a ser alcançado. Os elementos naturais são a principal fonte de inspiração do grupo, e um desejo forte de cantar a terra natal, o lar e o lugar, como se fossem coisas muito próximas, um movimento que entrelaça a vivência e a essência do ser. Nesse sentido, o desejo vem de dentro, fortemente alimentado pela vontade de expor o que foi plantado pelo mentor do grupo, o Sr. Manoel Maciel Nunes.

O seu pai colocou a ideia inicial, a vontade de formar em Nazaré um grupo de gostasse de música e de teatro, ele também relata as condições em que foram encontradas no início de sua vida naquele local, eram tempos mais difíceis, embora transpareça uma nostalgia, felicidade em morar e viver essas lembranças.

Ele relata como começou as composições do grupo, de forma simples ouvindo e contando as lendas da comunidade, eles formataram o repertório local e original, equilibrando um espaço vivenciado e imaginário concebido no universo das representações. Aqui, nos embasamos em Kozel (2009.p.123) que nos diz que “A percepção envolve trajetórias da vida social dos sujeitos, isto é, os significados, as diferentes experiências, os valores que os seres humanos atribuem à sociedade e aos homens”. As representações montadas através das canções do grupo sugerem uma vivência e experiência com o lugar, mas ela só é possível de ser entendida e compartilhada pelo grupo através de uma linguagem própria, quando encontramos expressões como: “curupira”, “tapiris”, “curumim”. Essas expressões são de origem indígena do local e foi incorporada a linguagem ribeirinha, eles demonstram uma linguagem comum e compartilhada por quem vive no local. As pessoas de “fora” possivelmente terão dificuldade em saber o significado de certas palavras e expressões. Desse modo, a autora descreve a diante: “É assim que percorremos o mundo vivido, mostrando o quando a linguagem é central na constituição do sujeito histórico e social”. A linguagem abre caminho para o compartilhamento de vivências

grupais, assim uma história ou lenda deixa de ser somente uma simples história e passa a permanecer no imaginário, ganhando vida própria.

Então, essas lendas e mitos só passam a ter importância, através do significado que os moradores dão a ela, ela passa a ser uma linguagem, remetem a uma imagem e valor compartilhado pelos indivíduos daquele grupo social.

Para que não se perdesse no tempo e espaço, Timaia e seus familiares resolveram compartilhar as percepções do grupo, dentro de um contexto musical e artístico. Assim, mostram que há uma inter-relação entre a música e o lugar nessa comunidade, esses são fortes elementos de caracterização do lugar, evocando a crescente construção da identidade ribeirinha.

Os relatos mostram que o grupo redefine formas de lidar com a sociedade e a natureza, resistindo e mantendo-se original quanto as suas complexidades e contradições, mostrando que a música regional não pode ser modificada para atender as exigências externas. Desse modo, segue abaixo a sequência.

Qual a importância desse grupo para os jovens de Nazaré?

Timaia: “Estamos transformando o grupo no “Instituto Minhas Raízes”, que terá dança, teatro e música. Vai ser um espaço para o grupo ensaiar, que até hoje ele não tem. Mas eu acho que o grupo ajudou os jovens sim, em muitos aspectos, porque teve um movimento mesmo os que não participavam também tinham muito carinho. O grupo é um referencia não só para os jovens daqui, mas das outras comunidades do Baixo-Madeira. Esse aspecto da identidade ajudaram a eles por causa da vergonha que eles tinham de ser chamados de beiradeiros, então quando começamos a fazer as músicas com nossas linguagens, de falar que éramos beiradeiros, eles se enxergaram também, se identificaram com aquilo. Nós vemos na escola os comentários, eles vêem a diferença. Com certeza quando abrirem esses espaços, nessa áreas de artes, com certeza eles irão procurar, porque é uma coisa que eles se identificam. Aqui já tem isso no sangue desde antes, eles vão passando de geração em geração. Na festa folclórica de São Pedro, eles participam, eles fazem a vestimenta, é uma brincadeira muito natural.”

Como colocado anteriormente em nosso trabalho, o jovem se identifica com a cultura local, mas em alguns casos, sentem vergonha de se expressarem, tem medo de serem ridicularizados pelos outros, por ser diferente dos demais.

Através das músicas, eles se sentem mais próximos de suas realidades, se identificam e querem partilhar de interesses e vivências em comum. Assim mostramos (ABREU SILVA; SILVA, 2009) que a música é passível de ser esmiuçada e compreendida pelo seu significado espacial dentro da geografia, ela não só uma construção abstrata. “a música está intimamente ligada à condição cultural e conseqüentemente a construção de ideias” (p.101). Assim também considerou Corrêa e Rosendahl (2007) que a música é uma referência espacial, e celebram os lugares, como observamos em uma canção do grupo:

“Eu gosto de cantar!

Falar das belezas que vêm das margens do grande rio

Olhar o sol se escondendo e a passarela fazendo algo que nunca se viu

A natureza é o encanto que vem aqui nesse canto chamar todos pra ver

Vem passear de barco, vem navegar no Madeira.”

O grupo ecoa por toda a área ribeirinha esse modo de ver o mundo, o seu mundo, eles atribuem valores espaciais, cantam a natureza como parte de suas vidas e ganham a atenção e simpatia de outras comunidades do Baixo Madeira. As canções do grupo expõem claramente sua ligação íntima com o lugar, a começar pelos instrumentos usados pelo grupo, eles utilizam materiais recicláveis da floresta e também objetos do dia-dia. Com isso, eles valorizam e agregam valor ao lugar. Relacionamos esses elementos com os mapas construídos pelos jovens onde expressam a mesma sintonia de ligação com o lugar.

Outro aspecto relevante levantado por Timaia é o envolvimento dos jovens com o grupo, em grande maioria eles se identificam pois se enxergam dentro dessa cultura, tem o sentimento de pertencimento. Quando ele coloca que “aqui já tem isso, no sangue desde antes, eles vão passando de geração em geração”, os jovens gostam, não são forçados a participar das festas folclóricas, querem se envolver e isso cria laços entre eles e a comunidade. O ser beiradeiro muda, e reinventa-se dentro do contexto ribeirinho, o que torna mais forte sua expressão social.

O que é o sirigandô, como ela se dá na área ribeirinha?

Timaia: “Pois é, o sirigandô foi uma das manifestações que meu pai trouxe, ela veio do Amazonas. Antes ele fazia nas escolas em momentos específicos, pegava as criancinhas, ele saía tipo um “pajeção” na frente ...era engraçado. O pai era caboclo, mas tu olhava pra ele, ele era Parintintin, ele falava: “Eu sou Parintintin de sangue!”. Ele tinha todas as características, ele era muito sério no que ele fazia, muito organizado, só que na hora das atividades artísticas ele se transformava, parecia que era outra pessoa. Ele tocava o sirigandô e os meninos atrás iam dançando, era muito engraçado. Essa dança era feita com os alunos. A origem dela, pelo menos é o que ele falava que ela tinha uma mistura de ritmos indígenas, um pouco de Afoxé⁴⁵, parecia muito com o ritmo da capoeira, e o carimbó, aí isso, eu não sei de que maneira, ele fazia disso uma festa é como se fosse uma dança de roda, mas também muito natural. Ela se dá nas guerras entre os Parintintin e os Muras, então, cada vez que um ganhava fazia a dança. Então eles escolhiam uma mulher, a “Cajuá” assim cantavam: “Arriba sirigandô, Cajueiro, Cajuá. Arriba sirigandô, queremos saiaia”...O Cajueiro é o homem, e a Cajuá é a mulher querendo saiaia, quer dizer querendo brincar, querendo festejar. Aí a mulher representa a tribo vencedora, tanto que ela fica com o laço na mão o tempo todo, querendo jogar no homem que é o touro, que é o perdedor. Tanto que ela pega, ela joga o laço e joga ele no chão e sai festejando. É bem natural. Engraçado que até nisso, eu lembro que quando começávamos a tentar esse evento aqui, eram só quatro pares, ano passado se eu não me engano deu 10 pares. As pessoas de fora estão querendo participar, é natural é só entrar na brincadeira, não tem ensaio, nem coreografia, é só pegar o ritmo. Eu fui até convidado pra falar sobre isso, eu tava falando que a Universidade tem esse papel de levar, agente não tem condição, mas essa parceria é importante para eles, fazem eles se sentir importante, dizer que isso que fazemos é importante ajuda eles. Esse papel é também da Universidade, desde que o meu pai morreu eu observo isso desde pequeno, eu tenho cada detalhe de tudo, que se você me perguntar eu vou te falar.”

O sirigandô representa uma dança bem tradicional das regiões amazônicas, mas em cada lugar ela ganha um significado especial. Como ela é uma mistura de vários tipos de músicas, tanto indígenas como africanas caracteriza justamente a

⁴⁵ É conhecido também conhecido como Candomblé de rua. Um cortejo que sai durante o carnaval, é uma manifestação afro-brasileira.

população cabocla, que vem da miscigenação entre brancos, índios e africanos. Novamente percebemos que o sirigandô tem uma linguagem própria, que só quem vivencia entende o espaço ribeirinho e os significados dessa dança.

Nessa dança, percebemos também que ela traz as representações do gênero masculino e do feminino, uma vez que homem e mulheres interagem no sentido da relação, posição e função dentro da dança. Por isso entendemos que a dança:

Como qualquer outra prática social, pode ser vista como constituída na e pela linguagem, isto é, pelos discursos e pelas representações que fundam e dão sentido à vida social. Por utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem estética, a dança está muito fortemente implicada nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo. (ANDREOLI, 2010, p.108).

A dança é uma linguagem que faz uso do corpo, nas posturas e nos gestos, estão imbricadas as construções culturais de acordo com as identidades sociais⁴⁶.

É importante estabelecer esse diálogo das danças com as representações sociais de gênero, pois a partir deles teremos seus reflexos na sociedade. Portanto, o sirigandô estabelece uma ponte posicionando homens e mulheres dentro da dinâmica social e espacial. Assim, quando ele coloca *“O Cajueiro é o homem, e a Cajuá é a mulher querendo saiaiaá, quer dizer querendo brincar, querendo festejar. Aí a mulher representa a tribo vencedora, tanto que ela fica com o laço na mão o tempo todo, querendo jogar no homem que é o touro, que é o perdedor. Tanto que ela pega, ela joga o laço e joga ele no chão e sai festejando”*. Esta posicionando os dois gêneros dentro do contexto da dança, onde é importante ressaltar que a partir disso, os corpos são marcados pelo gênero e, cada um deles tem uma função dentro da dança, alcançando um fim desejado.

Buscando compreender esse fenômeno cultural dentro de uma dinâmica de gênero, por meio de Butler (2003), ela expõe que a identidade de gênero é uma sequência de atos, e o fato de ser homem e mulher não é uma condição rígida e estática, pode representar múltiplas formas de representação do masculino e feminino, como ela propõe a noção de performatividade, dando a ideia de que essas representações podem mudar de acordo com as variadas situações e posições em que os indivíduos e encontram.

A partir dessa leitura, o sirigandô seria uma das situações em que as representações masculinas e femininas ganham outras significações, que podem

⁴⁶ Idem, p.108.

variar dentro da realidade vivida na área ribeirinha. Pode ser uma realidade particularizada que só entre este grupo existe essa relação.

Recordamos sobre essa temática que é possível perceber que há uma variação da identidade homem/mulher na qual, essas interferem diretamente nas construções simbólicas e materiais do lugar. Assim, o lugar é construído com base em vivências e experiências diferentes para homens e para mulheres. O sirigandô é uma representação da variação dessa identidade.

O que representa a cultura ribeirinha para além das “Minhas Raízes”?

Timaia: “Olha, eu acho que o que tem de mais forte, não só em Nazaré, mas em toda área ribeirinha ainda são os festejos, mas elas estão sendo descaracterizadas. Hoje em dia a bebida e a droga tá tomando conta aí vem as outras coisas né. As políticas públicas é feita de costas para o Rio, pois a coisa vem muito pronta, eu pelo menos nunca concordei com isso. Nos fazemos do nosso jeito, precário e tal, mas do jeito que gostamos de fazer. Assim quem olha, tem que chegar sem impor, por isso que o grupo aqui, a gente representa muito forte isso, porque não qualquer coisa que a gente aceita. O grande papel hoje aqui em Nazaré e as outras comunidades ainda não conseguiram enxergar isso, e que os jovens tem que entender que não é só o futebol, cerveja e a festa dançante. Aí eles vão numa festa tradicional, eles só chegam na hora que tá começando a festa, não participa do leilão e dos bingos, será que não é legal tentar introduzir uma atividade cultural, algumas coisas que sejam da nossa realidade que eles consigam se enxergar? Começar a ir para assistir e para participar, pra não ficar ali pelos cantos, fumando droga. Isso, eu já pensei a algum tempo. Aqui na festa de São Pedro está com três anos seguidos, desde quando meu pai morreu que eles sempre ficam das oito às duas da manha assistindo. As atividades culturais são muito importantes para eles, então, isso já é normal, a festa começa depois que todas a atividades

acabam. Aqui é coisa nossa, se as comunidades começassem a fazer isso também, nos precisamos de transporte para levar essas atividades e as festas para outros lugares, fazer intercâmbio. A gente tem um monte de ideias, mas precisamos de ajuda.”

As manifestações culturais acontecem como forma de resgatar, manter e demonstrar também o pertencimento ao lugar. Dessa forma, vimos também que os festejos tem uma significação para o povo de Nazaré e a maioria das comunidades ribeirinhas, eles alimentam um significado e ajudam na construção de intersubjetividades.

As festas estão também ligadas ao sagrado, são festas tipicamente católicas onde se demonstram a fé e a devoção dos fiéis. A relação com o sagrado é ressignificada de acordo com o espaço e tempo. Temos também identificado nessas falas os problemas sociais vividos dentro da comunidade como o envolvimento dos jovens com as drogas e com o álcool. Novamente percebemos a preocupação com essa questão que embora tenha pouca repercussão entre os moradores, já começa a causar instabilidades em algumas famílias.

Vemos que o intuito do Grupo é manter essas práticas, mas encontra várias dificuldades, vemos que os laços estão ainda em construção, a comunidade precisa ainda se identificar mais com essa realidade, buscar um elo mais forte de ligação entre o Grupo e a comunidade. Contudo caminhos estão sendo criados para proporcionar essa realidade.

4.2 As Subjetividades da realidade vivenciada: Entrelaçando Redes, Saberes e Identidades.

Com os relatos do Timaia percebemos a vontade de continuar a cultura na afirmação da identidade, então ele como professor de Língua Portuguesa da comunidade criou uma metodologia própria buscar a compreensão do conhecimento aliado a prática cultural ribeirinha.

“Aqui, o maior problema hoje é a escola, e isso porque temos poucos professores ainda, eles estão tendo que se desdobrar. Outra coisa também, isso foi por experiência própria, eu gosto muito de trabalhar com uma metodologia minha, assim, tipo

produção de texto, trabalho todas as partes da narração, pego os textos regionais, e falo: Quais são os personagens? O curupira? O seu João? Maria? Beleza. Agora vamos apresentar e colocar em prática. Por exemplo: Nós produzimos e estamos ampliando lá o cordel, mas é “Madeira e Cordel”, aí estamos passando em todas as turmas, isso durante o ano todo. Em cima das histórias, nós transformamos em cordéis, cada historinha, monta e leva para o 6º ano, por quê? Porque é a linguagem que eles escutam na sua vida cotidiana. Eu acredito e espero que eles vão gostar de ler aqueles cordezinhas, então nas feiras também vamos incentivar e vão escrever do jeito que eles sabem. Claro que eles vão ter que fazer uma rima, mas é um jeito deles contar toda a história. Eu já comecei a trabalhar com eles. Eu tenho até uma turma em que todos são ali de Boa vitória, lá vivia o seu “Olegário”, ele saía de canoa até Porto Velho, ele conhecia muita gente e tinha muitas histórias, mas ele morreu. Eu tava até falando pra eles continuarem com o que ele deixou, seu Olegário deixou muitas histórias dele, muitas coisas estão se perdendo e vocês tem a oportunidade de deixar o trabalho de vocês na escola. Vão deixar alguma coisa pra isso ficar na memória na escola. Daqui uns dias vocês mesmos podem estar fazendo pesquisas e vão precisar desse material, então eu falei da importância disso, a gente reforça isso, mas devagar a gente vai conversando. Na festa de São Sebastião tinha muita gente lá, mas na hora dos atrativos da festa, só tinha um casal de velhinhos, desprezar isso, é tocar fogo na gente, eu fiquei até emocionado. Deixar de lado a minha identidade, todos os valores, aí eu fiz novas músicas tudo com as mesmas características nossas, a gente está incentivando. Eu tenho muito medo que tudo isso se perca.”

Temos então dois momentos que queremos destacar neste relato oral, uma se refere ao anseio de buscar formas dinâmicas para alcançar o diálogo entre o conhecimento adquirido e o conhecimento formal entre os jovens ribeirinhos. Para isso, Timaia criou uma metodologia adaptada a outras que já existem como o as histórias de Cordel, transformando-a em “Madeira e Cordel” sendo essa uma forma criativa de aproximar os conhecimentos. Ele propõe entrelaçar os saberes locais com os formais para transformar esse conhecimento em algo atrativo para os alunos. Nesse sentido, ele ajuda a transformar as histórias do cotidiano em elementos de identidade e pertencimento.

Os conhecimentos adquiridos através da prática dinâmica do cotidiano oferece o conhecimento necessário para lidar com a terra, água e as mudanças climáticas. A relação dos ribeirinhos com essas práticas oferecem a apropriação do

saber-fazer Woortmann (1997, p.11) que é incorporado dentro do seu ser. O saber-fazer é um importante elemento de apropriação do lugar, ele se relaciona diretamente com o espaço, conhecendo-o e sabendo as partes que o compõem.

Outro ponto importante é ressaltar a imagem do Sr. Olegário como uma referência, um homem que conhecia e se relacionava muito bem com o lugar, ele fazia viagens longas, ia para Porto Velho de canoa como relatou Timaia. E voltava sempre cheio de histórias. Ele conhecia a geografia do lugar, sabia onde era ou não perigoso para navegar. Em suma, ele fazia uso das geografias vernaculares como mencionava (CLAVAL, 2011), trazia o conhecimento a partir da experiência direta com o espaço, sem ajuda de livros, mapas ou equipamentos tecnológicos.

Por fim, nos relatos de Timaia, mostram a preocupação em manter vivas essas memórias, em dar referências para as gerações futuras, ele não quer que essas práticas se percam no tempo. Para isso, vimos que há um esforço do grupo e do próprio Timaia em manter as tradições dos festejos, as festas religiosas, as danças típicas e as músicas que contam as histórias do lugar.

CAPÍTULO V

A JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: IMAGENS DA VIDA COTIDIANA



Foto 10: M. F, Elisangela. Imagem de alunos se deslocando para a escola de manhã cedo na sede do Distrito de Nazaré. Acervo Pessoal, 2013.

“Matas, flores cor de anil do meu lugar. Histórias que nunca se ouviu é tanta coisa pra contar. Tem Velha rezadeira, tem coruja a gorar. Tem muito mito da cumbuca na canoa panema.(...) Bem ao longe vem miragem, pescador amedrontar. Tenho medo do rebojo que ele pode me atacar. Vozes, gritos, choros e cantos. Se ouve dentro do palhal. São mistérios que até hoje ainda assombram o pessoal ou embaço...”⁴⁷

⁴⁷ Trecho da canção “Embaço” do Grupo Minhas Raízes.



Foto 11: M. F, Elisangela. A chegada do barco recreio “Estrela do Mar”, com pessoas e mercadorias em Nazaré. Acervo Pessoal, 2013.

Esta imagem mostra a única via de acesso à comunidade que se dá por meio fluvial. Eles só passam na comunidade três vezes por semana, trazendo mercadorias para abastecer os pequenos comércios, alimentos para as famílias, e produtos para o seu consumo. Vem também trazendo os visitantes, parentes, turistas e pesquisadores para a comunidade. Com as muitas horas de viagem é possível estabelecer um diálogo com os moradores, descansar na rede e observar a paisagem exuberante. Como é de costume quando o barco chega à margem, as crianças correm para ver, muitas pessoas vão esperar suas encomendas, e as pessoas que estão no barco. Outros vem somente para observar quem chega e quem vai.



Foto 12: M. F, Elisangela. Ponte que funciona com uma passarela para locomoção das pessoas, é utilizada dessa forma, pois nos períodos de "inverno" podem ocorrer alagações. Assim ela é necessária para a comunidade de Nazaré. Acervo pessoal, 2013.

A comunidade dispõe de poucos recursos, já que conta somente com um administrador, mesmo com a escassez de recursos ela se organiza para fazer benfeitorias na comunidade.



Foto 13: M. F, Elisangela. Acervo pessoal, 2013. O calçadão é a principal via de locomoção dos moradores.

Em 2013, foram construídos novos calçadões para melhorar o acesso das pessoas para os lugares. Este calçadão foi construído no início de 2013. É o espaço

de movimentação de pessoas dentro da comunidade, percebemos que o espaço vai se reorganizando de acordo com as práticas dos indivíduos.



Foto 14: M. F, Elisangela. Igreja Evangélica na sede do Distrito, o quantitativo de evangélicos está crescendo e muitos jovens se identificam, frequentam e são membros das igrejas. Acervo Pessoal, 2013.

Com relação às manifestações religiosas, a comunidade tem uma grande identificação com o cristianismo católico, os festejos carregam essa identificação. No entanto as igrejas evangélicas estão crescendo consideravelmente na comunidade, mudando as práticas sociais de seus moradores. Em alguns momentos geram conflitos entre os moradores, possivelmente por razões doutrinárias das próprias igrejas.



Foto 15: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Vista do Lago do "Furo" que passa pela comunidade.

O lago do Furo é utilizado para transporte, para pescar, para uso doméstico e para lazer da comunidade, ele divide as duas comunidades: A sede do Distrito de Nazaré e a comunidade de Boa Vitória. Este lago tem um valor material e simbólico para a população de Nazaré, é retratado nas músicas, nas lendas e contos, ou seja, o lago faz parte do imaginário social de Nazaré.



Foto 16: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Alunos da Escola Francisco Desmorest Passos, sujeitos da pesquisa.

Estes no momento da pesquisa estavam na Escola se dispuseram a participar da pesquisa. Muitos deles são das Comunidades vizinhas e estudam na sede do Distrito, para isso eles se locomovem de suas localidades no barco-escola e as vezes ainda tem que percorrer um caminho a pé para chegar na escola. Durante a pesquisa, percebemos que os alunos estavam entusiasmados com a nova escola que tinha sido inaugurada há pouco tempo. Era algo esperado por toda a comunidade como uma esperança de melhoria para todos, mas principalmente para os jovens.



Foto 17: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013 Alunos no pátio da Escola Francisco Desmorest Passos.

Procuramos evidenciar os alunos vivenciando os espaços da escola. Entre eles se sentem mais a vontade de conversar, rir e brincar. É no espaço da escola onde começam as relações secundárias, amizades, namoros e até conflito entre eles. Portanto esta escola pode tornar-se um espaço importante para vivenciar o espaço , lugar e as relações sociais.



Foto 18: M.F, Elisangela. Acervo Pessoal. Maio-2013. I Jogos Internos que aconteceu na Escola Estadual.

Havia grande expectativa dos jovens em torno desse evento, estavam ansiosos e queriam participar, principalmente as competições de futebol, eram muito esperadas, pois é um esporte que já faz parte do cotidiano deles em Nazaré. Eles se dividiram em grupos de séries para competirem, o envolvimento estava presente em todos eles, tanto em rapazes como nas moças.



Foto 19: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Alunos participando da abertura dos Jogos Internos da Escola, a mesma tinha sido inaugurada em fevereiro de 2013.

As cores das camisetas representavam as séries dos alunos, logo estas séries iriam competir nas variadas modalidades. A abertura foi marcada por vários momentos que veio desde o momento cívico e depois a apresentação do Grupo Local “Minhas Raízes”.



Foto 20: M.F, Elisângela. Acervo Pessoal, 2013. Aluna levando a tocha e participando da abertura dos Jogos da Escola.

Esse foi um dos momentos mais significativos, onde a aluna Camila entrou com a tocha representando a abertura dos jogos como se faz em jogos olímpicos. Eles vibravam e mostravam que aquele momento era muito importante, talvez não soubessem o significado de uma tocha olímpica dentro da tradição grega antiga, mas os elementos que ali estavam tinham algo de especial para eles.



Foto 21: M.F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Apresentação do grupo da dança Boi-Bumbá que faz parte do grupo "Minhas Raízes" na abertura dos jogos internos.

Todas estavam vestidas com trajes feitos pelo próprio grupo, havia detalhes em penas, sementes, cuias e madeira. E o crochê que nos chamou a atenção, pois não é comum em trajes considerados indígenas, pareceu-nos bastante criativa e pode funcionar como algo agregado a cultura ribeirinha. O grupo não tem local fixo para ensaiar, o lugar mais comum em que elas se reúnem para ensaiar é na Igreja Católica. Elas usaram o detalhe do “remo” para demonstrar o uso dele na locomoção no Rio e nos igarapés. É importante frisar que esta é apenas uma parte do grupo “Minhas Raízes” que apresentou a dança do Boi-Bumbá.



Foto 22: M. F, Elisangela. Acervo Pessoal, 2013. Jovem de 15 anos na sua casa em Boa Vitória.

Esta é uma das colaboradoras da pesquisa, ela estava em sua casa localizada em Boa Vitória, colaborou com a pesquisa enquanto preparava o almoço da família. Quando chegamos em sua residência ela estava cuidando do serviço doméstico, estava tímida, não queria ser fotografada nem produzir o mapa, depois de um diálogo tomando café na cozinha, ela aceitou participar da pesquisa. Ela mora em Boa Vitória e estuda na Escola Estadual no 7º ano, disse está muito satisfeita com a escola e almeja através do estudo ter um bom emprego e ajudar seus avós.



Foto 23: M. F, Elisangela. Acervo pessoal, 2013. A avó com seu neto no quintal de sua casa em Boa Vitória, eles recolheram laranjas para os visitantes.

Ficamos pelo menos uma hora em sua residência, com a Dona. Francisca moram o seu marido e criam dois netos. Esta imagem é do quintal de sua casa em Boa Vitória. Esta senhora chamou a atenção por sua força, mesmo estando com certa idade, carregou nas costas um saco cheio de laranjas e desceu o barranco, ela nos contou que sempre foi assim e antes carregava “latas” de água na cabeça do barranco até a sua casa. Bem humorada e animada, buscou em sua simplicidade nos oferecer o melhor que tinha naquele momento, nos ofereceu laranjas de seu quintal.



Foto 24: M.F, Elisangela. Acervo Geggênero, 2011. Esta placa foi vista na Festa da Melancia, tradicional festa que ocorre todos os anos na sede do Distrito de Nazaré.

Esta placa estava na entrada do Distrito de Nazaré em 2011, durante a festa da Melancia. A placa reflete a identidade do povo e a manifestação dessa identidade através da representação da dança sirigandô. O sirigandô foi trazido pelo morador antigo da comunidade, o senhor Manoel Maciel Nunes. Essa dança é um mistura de vários ritmos indígenas e da cultura afro. Foi resgatada pelo Grupo “Minhas Raízes” no sentido de valorizar essa dança como algo da cultura local nos festejos da comunidade. Não há ensaios para dançar o sirigandô, a dança de roda é espontânea com palmas e cantigas de forma que, todos que estão presente podem participar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar a representação do Lugar na ótica da juventude ribeirinha da comunidade de Nazaré. Com a ideia inicial que era compreender esse universo através do olhar da juventude. Colocamo-nos primeiramente a entender que essa comunidade é um reflexo de suas representações sociais, compartilham de valores e crenças repassados através das gerações e que, com isso nos permitimos o desafio de buscar essa essência do que é Nazaré para os jovens ribeirinhos.

No primeiro momento observamos a dinâmica na qual o jovem vive em Nazaré, o cotidiano nos ajudou a perceber de que forma ele se relacionava com o lugar e com o seu grupo. No segundo momento aconteceu o contato, confessamos aqui que não foi fácil, a aproximação requer cuidado e entendimento sobre suas realidades, os jovens são mais retraídos, sentem vergonha de se expressar por inúmeros motivos, um deles está relacionado com a autoestima pouco trabalhada na comunidade.

Utilizamos de aportes teóricos importantes para nos embasar no entendimento de nossa pesquisa, a Geografia Cultural com os teóricos que pensamos ser pertinentes para a nossa análise. Nos debruçamos em quatro conceitos principais que nos serviram de base para entender o nosso trabalho, foram eles: a juventude, gênero, gerações e o lugar. Cada um deles nos ajudou a entender parte dessa realidade vivenciada no espaço ribeirinho.

Ao nos aproximar com essa realidade, buscamos entender as subjetividades dos jovens ribeirinhos. Entretanto, precisávamos de um olhar: o método, as bases filosóficas do nosso trabalho foram alicerçadas na abordagem fenomenológica. Como uma forma de entender o fenômeno, captando as sutilezas, descrevendo-o, entendendo o sentido e as intencionalidades presentes nas práticas dos jovens.

Sabemos que a pesquisa começa sempre por uma pergunta. Neste caso as perguntas que nortearam esse trabalho estavam centradas em: o que representa a comunidade de Nazaré para os jovens ribeirinhos? Há diferença entre representações masculinas e femininas? Terceiro questionamento, quais os elementos urbanos estão dentro das representações ribeirinhas?

Os resultados da pesquisa demonstram que os jovens carregam em si uma afeição pelo lugar, tanto nos mapas como nos questionários ficou evidente sua

ligação forte com comunidade, o que resulta em uma aproximação cada vez mais com os elementos que constitui o espaço, sendo estes elementos naturais ou construídos. O Rio Madeira tem um significado material e simbólico, faz parte das subjetividades dos jovens.

Sobre os aspectos que revelam as mudanças para a fase juvenil observamos nos relatos deles que há um conjunto de fatores que é observado. As características físicas como a mudança de voz e mudanças no corpo foi revelado mais pelos rapazes. Já as moças colocaram que foi a primeira menstruação o marcador da mudança de fase. Dentre os aspectos sociais, em ambas as respostas foram relatadas que os jovens saem mais para as festas e com os amigos.

Vemos então, que a idade é um marcador das fases da vida, embora esse marcador seja diferente em cada sociedade. As mudanças são sentidas de formas diferentes dependendo da cultura, por meio de sucessões de etapas. Os jovens estão passando por essa sucessão em que são caracterizadas por várias mudanças, as socioculturais e também os elementos psicobiológicos, uma delas é a busca pela identidade, nessa busca podem aparecer conflitos internos e externos entre os jovens.

Outra característica é a tendência grupal, observado na vivência dos jovens, é que eles ainda estão buscando e formando suas identidades individuais e coletivas. Com isso, eles estão formatando suas representações baseadas na convivência com familiares e amigos.

Um elemento de forte representação para eles é o futebol. Identificamos nos questionários e nos mapas que esse esporte faz parte do cotidiano deles. Tanto moças quanto os rapazes. O futebol agrega e aproxima os jovens de Nazaré e das localidades vizinhas. Observamos também o interesse das moças pelo futebol, o que revela uma mudança e quebra de paradigmas, pois em um longo período o futebol era visto como um esporte exclusivamente masculino.

A representação dos mapas mentais mostrou que Nazaré é vista como uma casa remete a tranquilidade que a cidade muitas vezes não oferece. A paisagem natural é evidente em vários mapas. A grande maioria dos jovens relatou que o fato de gostarem de morar em Nazaré está relacionado com a tranquilidade, o baixo índice de violência e a liberdade de ir e vir sem medo de algo acontecer. Em vários mapas a casa é retratada, como um objeto físico e simbólico que demonstra o amor e

o pertencimento pelo lugar, como foi retratado por Bachelard em sua obra “Poética do Espaço” e por Bollnow em “O Homem e o Espaço”.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que eles gostam da tranquilidade e da paisagem natural que Nazaré oferece também externaram o desejo de elementos da cidade, principalmente da internet e o celular. Observamos que eles querem que permaneçam alguns hábitos da comunidade, mas querem também os elementos da modernidade. Essa aproximação pode resignificar suas práticas. É uma forma de aproximar o local do global. Isso faz com que eles não se sintam excluídos da tecnologia.

Por outro lado, observamos que mudanças começam a ocorrer no cenário ribeirinho, encontramos nos relatos dos moradores que há um aumento do consumo de drogas e álcool, sinalizando um problema social que pode acometer a juventude desse lugar. O aumento no consumo desses entorpecentes pode acarretar em graves problemas psicológicos e sociais, preocupação já externada pelos moradores mais antigos.

Ademais, dentro das pesquisas buscamos mostrar traços dos aspectos culturais que podem exercer influência na criação de subjetividades dos jovens ribeirinhos. Mostramos através de uma entrevista com o líder do grupo musical “Minhas Raízes” que o lugar é visto como um elo do homem ao espaço, e suas lembranças não podem ser ignoradas nessa análise.

As composições do grupo ajudam a entender como se terce uma memória coletiva e de que forma ela influencia toda uma geração. Percebemos nas falas de duas jovens que fazem parte do grupo, uma alimentação continua dessa memória. Ela não morre, mas permanece é ecoa dentro da comunidade de Nazaré.

A formação do grupo reflete o anseio em expressar o sentimento que talvez ficasse preso somente na memória dos moradores. Mas, com as memórias cantadas seria possível que todos assumissem uma postura diante de mundo “lá fora”, a identidade ribeirinha fica mais forte e evidente. Com o grupo, abrem-se espaços de afirmação e reivindicação de uma identidade negada, subjugada e até esquecida na sociedade.

Isso mostra que as identidades de povos tradicionais estão em momento de afirmação, essa afirmação pressupõe uma resiliência e consciência do ser no mundo. E afirmar que ainda com todas as adversidades e preconceitos, eles querem ser reconhecidos como beiradeiros. De certa forma, não vemos essa consciência

ainda isso tão forte em todos os jovens, mas os traços essenciais já podem ser identificados, principalmente quando eles se expressaram nos mapas.

Mostraram que se sentem parte daquele lugar, não querem abandonar ou esquecer, mas preservar e na medida em que vive as experiências com o lugar, esse sentimento vai crescendo, as representações de mundo vão ficando mais nítidas e fazem mais sentido pra eles.

Assim, a representação do lugar está entrelaçada a vários aspectos da vivência no espaço ribeirinho. Essa representação está condicionada as dinâmicas do dia-dia da comunidade. Casa elemento novo é agregado e ressignificado pelos jovens.

Portanto, esta pesquisa busca apresentar como contribuição mostrar de que forma a juventude de Nazaré vivencia e dá sentido ao lugar. Para a Geografia Cultural, essa pesquisa demonstra o alcance que as categorias de análise podem ajudar a entender o espaço, bem como a cultura e as subjetividades explicitadas aqui.

Permitiu-se também conhecer mais sobre a juventude, a geração e as questões de gênero imbricadas na construção das subjetividades. Esse fato contribui para entender melhor os jovens, seus anseios e os sonhos alimentados por eles, as diferenças entre eles e os jovens urbanos estão situados em compreensões mais sutis da vida no campo.

Ainda pensando na juventude ribeirinha, tecemos ainda algumas sugestões de políticas públicas para esse segmento. Primeiro, algumas ações que levem em conta o cenário cultural, social e econômico do lugar, levando algo que possa agregar valor aos jovens, sem limitá-los e pressiona-los a seguir um determinado caminho profissional, por exemplo. Segundo uma ampla política de combate às drogas e ao alcoolismo, na qual foi identificado na pesquisa que já é algo preocupante dentro da comunidade, sugerimos ações de curto, médio e longo prazo, acompanhamentos permanentes de profissionais capacitados para lidar com essa situação. Terceiro, a busca pela valorização da cultura ribeirinha incluindo os jovens, na perspectiva de motiva-los a não abandonar as práticas tradicionais dentro do espaço em que eles vivem. Compreendemos que os jovens precisam de motivação para visualizar seus sonhos no futuro, sem abandonar a escola e sem precisar abandonar o lugar na qual eles gostam de viver.

Por fim, trabalhar com a perspectiva da juventude em Nazaré revela uma diversidade de pensamentos, visões de mundo e prática que eles constroem segundo suas representações de mundo. Dentro dessa diversidade encontramos traços de intersubjetividade compartilhadas entre o grupo social, bem como as questões de gênero como forma de representação de feminilidades e masculinidades plurais. Compreendemos que a juventude é uma categoria construída socialmente e que merece mais atenção e estudo ao seu respeito. Por fim, esperamos que o nosso trabalho possa contribuir para um maior interesse sobre tema, pois o trabalho não esgota outras possibilidades de mais estudos sobre a juventude de Nazaré.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. ; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. In.: ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil ANDRADE, Eliane Ribeiro (Orgs). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ABRAMS, Ph. (1982). **Historical sociology**, Shepton Mallet: Open Books.
 ABREU, Gustavo Henrique de; COSTA SILVA, Josué. **A música dos bois-bumbás um forte elemento na caracterização do lugar parintinense**. IN: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué; FILIZONA, Roberto; GIL FILHO, Fausto. *Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas*. Curitiba: SK ed., 2009.

ADAMS. C. MURRIETA, Rui; NEVES, Walter.(orgs) **As sociedades caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

ALMEIDA, Maria Geralda. *Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão ao Brasil*. In: MENDONÇA, Francisco de A.; LOWEN-SAHR, Cicilian L.; SILVA, Márcia da. (orgs.) **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, 2009.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: Uma Introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, Gênero e Sexualidade: Um olhar Cultural**. Revista Conjectura, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **La formation de l' esprit scientifique**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.

BAYLLY, A. **La percepción del espacio urbano**. Instituto de estudios de administracion local, Madrid, 1979.

BAKHTIN, M. Voloshinov, v.n. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986-1999.

BARDARI, Sersi. **A alquimia do —adultecerll: A literatura para a juventude como rito de passagem**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2008.

BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina**.

Revista Digital-Buenos Aires. Año 13, nº 137 Octubre de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>

BAUMAN. Zigmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. (2007). "**Between us, the generations**", in J. Larrosa (ed), On generations. On coexistence between generations, Barcelona: Fundació Viure I Conviure.

BELARDINELLI. Sergio. **A pluralidade das formas familiares e a família como insubstituível —Capital Social**. IN: BORGES, Ângela. Castro, Mary Garcia. (orgs). Família, Gênero e Gerações: Desafios para as políticas sociais. 1. Ed- São Paulo: Paulinas, 2007.

BOLLNOW. O. Friedrich. **O homem e o espaço**. Trad. Aloísio Leoni Schimd. Curitiba: UFPR, 2008.

BORGES. Maristela Corrêa. **Da observação participante à participação observante: Uma experiência de pesquisa qualitativa**. IN: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (orgs). Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRUMER. Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. IN: CARNEIRO, Maria José. CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude Rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRUNER, J. The process of education. Harvard: Harvard University Press, 1960.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

_____. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA. Antônio Carlos Christofletti (org.). São Paulo, Difel, 1985.

CAMARO, Ana Amélia. Mello, Juliana Leitão, Kanso, Solange. **Do nascimento à morte: Principais transições**. IN: Camaro, Amélia (orgs) .Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?. Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **A socialidade do espaço de representação do futebol**. IN: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué; FILIZONA, Roberto; GIL

FILHO, Fausto. **Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas**. Curitiba: SK ed., 2009.

CARNEIRO, M. J. **Juventude e as novas mentalidades no cenário rural**. IN: CARNEIRO, Maria José. CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná. **As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais**. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce Consuelo A (orgs.). *Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais*. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. et al. **“Os estudos de folclore no Brasil”**. Seminário Folclore e Cultura Popular: As várias faces de um debate. Série Encontro e Estudos, nº1. Pp. 101-112. Rio de Janeiro: Funarte, 1992.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Editora UFSC. Florianópolis, 2011.

COMTE A. (1998). **Cours de philosophie positive**, Vol. 1-2, Paris: Hermann [*The positive philosophy*, Sunrise, FL.: AMS, 1987,1830-1842.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Rosendhal, Zeny. **A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny. (orgs). *Geografia Cultural: Uma antologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

_____. Rosendhal, Zeny. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

COSGROVE, Denis. **Introduction: Mapping meanings**. In: COSGROVE, Denis (org.) *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999.

_____. D.; JACKSON, P. (2000). **Novos Rumos da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DAMO. A. S. **As dramatizações do gênero numa configuração futebolística**. Anais. VII Seminário Fazendo Gênero, Porto Alegre, UFRGS, 2006. p. 1-7.

DARDEL, Eric. **O Homem e Terra**. Perspectiva: São Paulo, 2011.

_____. **L'homme et la terre- nature de la réalité géographique**. Paris: CTHS, 1990.

DILTHEY, W. (1989). **“Introduction to the Human Sciences”**, in idem, *Selected works*, Vol. I, Princeton: Princeton University Press [*“Einleitung in die Geisteswissenschaften”*, in idem, *Gesammelte Schriften*, Band 1, Leipzig, 1914, 1883.

Estatuto da Juventude. Disponível em <http://issuu.com/secretariageralp/r/docs/estatuto_de_bolso_web#embed>. Acesso em 22 de jan. de 2014.

Entrevista com o professor Carlos Fiolhais Disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=1615&op=all>

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito; VITTE, Antônio Carlos. **Paul Vidal de La Blache e a geografia francesa: Do contexto histórico às monografias urbanas**. Revista Cordis. História, Arte e Cidades, n. 6, jan./jun, 2011.

FARACO, C; CASTRO, G; TEZZA, C. (Orgs.). Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

FEIXA, Carles; Leccardi, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. Revista Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200003&script=sci_arttext

FERRAZ, Lidia Rochedo. **O Cotidiano de uma escola rural ribeirinha na Amazônia**: práticas em saberes na relação escola-comunidade. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto – SP, 2010.

FILHO, Fernando Pinheiro. **A Noção de Representação em Durkheim**. Revista Lua Nova, Nº 61, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **“Des espaces autres”**. In: Dits e Écrits, tome 2: 1976-1988. Paris: Gallimard, 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001.

FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE. T.J.P. **Cultura caboclo-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2005.

FREIRE. Janaina Mourão. **Habitar a terra e a gente do lugar – uma abordagem fenomenológica para compreensão da memória de Seringueiros do Estado do Acre**. Revista Geograficidade.v.3, n.1, Verão 2013.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Trad. Antônio Gonçalves. Revisão & Antônio G. Mendes. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.

GALEFFI. Dante Augusto. **O que é isto — A fenomenologia de Husserl?**. Revista Ideação. Feira de Santana, n.5, jan./jun. 2000.

GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.

GOLD, P ;WHITE, R. **Mental Maps**. Toronto: Pelican Books, 1974.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba, IBPEX, 2008.

GIL SOUZA, Carmem Zeli Vargas. **Juventude e Contemporaneidade: Possibilidades e Limites**. Revista Última Década. nº 20, CDPA Viña Del Mar, Junio 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. -4º ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HARRIS, Mark. **Presente Ambiente: uma maneira amazônica de estar no tempo**. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. Sociedades caboclas amazônicas. São Paulo, annablume, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: Ensaios e conferências. Tradução: Emmanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLZER, Werther. **A geografia Humanística: Uma Revisão**. IN: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL. Zeny.(orgs) Geografia Cultural: Uma antologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 2ª ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KNOBEL, M. **Síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. 9ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

KOZEL, Salete. **Mapas Mentais-Uma forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas**. IN: KOZEL, Salete, Org; SILVA, Josué da Costa, Org.; GIL FILHO, Sylvio Fausto, Org. Da Percepção e Cognição a Representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

_____. **As representações no geográfico**. IN: MENDONÇA, Francisco; Kozel, Salete.(orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Editora: UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1ª ed. Rev. 2009.

_____.; SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante**. IN: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué; FILIZONA, Roberto; GIL FILHO, Fausto. Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas. Curitiba: SK ed., 2009.

LAURENTIS, Teresa. **Technologies of gender: essas on theory, film, and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LIMA, Nívia Maria Martins de; SOUZA, Mariluce, Paes de. **A concepção de trabalho Ribeirinho: visão de comunidade de "Nazaré da Farinha"**. IN: SILVA,

Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). *Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia*. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**, Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOPES. Luciane Gomes. **Vivência Espacial das Mulheres Ribeirinhas: Os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré**. Dissertação de Mestrado (PPGG em Geografia)- Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto velho, 2013.

MAANEN, Jonh, Van. **Reclaiming Qualitative methods for organizational research: a preface**, *inadministrative Science Quarterly*, Vol.24, no . 4, December 1979 MINKOWSKI,1993.

MAFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**. São Paulo: Zouk, 2005.

MANNHEIM, K. 1993. "**El problema de las generaciones**", *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* (REIS), n. 62, pp. 145-168 "Das Problem der Generation", in *Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk*, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1964, pp. 509-565; "The Problem of Generations", in *Essays on the sociology of knowledge*, edited by P. Kecskemeti, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1952, 1928.

MATOS. Patrícia Francisca; PESSÔA. Vera Lúcia Salazar. **Observação e Entrevista: A construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária**. IN: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (orgs). *Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p.281.

MCDOWELL. L. "**The transformation of cultural geography**" IN: Gregory, D.; MARTIN, R.; e SMITH, G.(Orgs.). *Human Geography*. Londres: MacMillian, 1994, pp. 146-73.

MINKOWSKI, Eugene. **Lived Times: Phenomenological and Psychopathological Studies** (Evanston, Northwestern University Press,1993).

MORAES, Antonio Carlos R.; FERNANDES, Florestan. **A antropogeografia de Ratzel: indicações**. In: *Ratzel: geografia*. MORAES, A. C. R. (Org.). São Paulo: Ática, 1990.

MORAN, E. **The adptive system of the Amazonian caboclo**. IN: WAGLEY, C.(Ed.). *Man in the Amazon*. New York : Columbia University Press, 1974.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOTA-MAUÉS. M.A. "**Trabalhadeiras**" & "**Camarados**": **Relações de Gênero, Simbolismo e Ritualização numa comunidade Amazônica**. Belém: UFPA, 1993.

MURRIETA, R.S.S. **Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana das comunidades ribeirinhas da ilha de Ituqui, Baixo Amazonas**, Pará. Revista de Antropologia da USP, 1998.

NARVAZ, Marta Giudice; KOLLER, Silvia Helena. **Metodologia feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clinica e politica**. Rev. Psicologia em estudo. v.11, n.3. p.647-654, set/dez, 2006.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho**. Terceira Margem, São Paulo. 2000.

_____. **Saúde no Espaço Ribeirinho**. SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

_____. **Os Relatos orais e a Pesquisa com populações Ribeirinhas**. SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

_____. **Parteiras Ribeirinhas, Saúde da Mulher e Saber Local**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará-NAE, Belém, 2004.

_____. **Geografia e Gênero em assentamentos rurais**. IN: SILVA, Maria Joseli; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro. Espaço, Gênero e Poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011.

NUGENT, S. **Amazonia: ecosystem and social system**. Man, 16: 62-74,1981.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. **Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação**. In.: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: CCSE-UEPA, 2004 (Coleção saberes amazônico – nº 1).

OLIVEIRA. Joycelaine Aparecida de; BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **Entre o murmúrio do Rio e o despertar das lembranças**. IN: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (orgs). Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. Campinas. Unicamp, 2007.

PIAGET, J; Inhelder, B. **La representation de l'espace chez l'enfants**. Paris: PUF, 1947

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bonigiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **Rearticulando Gênero e classe social**. IN: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/FCC, 1992.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. EDUSP. 1996.

SAUER, Carl. **O. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny. (orgs). Geografia Cultural: Uma antologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

SEEMANN, J. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa**. IN: OLAM-Ciência e Tecnologia. Vol 3. Setembro/2003.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

_____. **Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica**. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009.

SILVA Josué da Costa. **O Mito e as Crenças como Contribuintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico**. IN: Kozel, Salete; Silva Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto, Orgs. Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanística. São Paulo, Terceira Margem. 2007.

SILVÉRIO, Ana Carolina. **Adolescente em Cumprimento de Medidas Socioeducativas de Internação no Distrito Federal: Onde fica o Gênero?** (2006-2008). Monografia: UNB, 2008.

SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. **O Viver Ribeirinho**. IN: SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

SOJA, E. **“Heterotopologies: a remembrance of other spaces in the citadel of L.A.”** In: WATSON, S. e GIBSON, K. (ed.). Oxford: Blackwell, 1995.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SUERTEGARAY, D. **Pesquisa de Campo em Geografia**. Revista Geographia, Vol. 4, No 7, 2002.

TUAN ,Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Place: an experiential perspective**. Geographical Review, 1975

_____. **“Space and place: Humanistic perspective”**. Progress in Geography, 1974,

_____. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro, Difel, 1980.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **Sobre espaço público e heterotopia**. Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 7-26, jul./dez. 2009

VENÂNCIO, Marcelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **O diário de campo e a construção da pesquisa: Registro das emoções de sujeitos envolvidos e a construção de suas histórias de vida no lugar**. IN: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (orgs). Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

VICTORIA, Claudio Gomes da. **Juventude e Cultura nos rios do cotidiano de uma comunidade ribeirinha do Amazonas**. X Encontro Regional Sudeste de História oral- Educação das Sensibilidades: Violências, Desafios contemporâneos. Campinas-SP, 2013.

VIEIRA. Paulo Jorge. **Cidades e (Homo)Sexualidades: Hererotopias e Constelações lésbicas e gays em espaços urbanos**. IN: SILVA, Maria Joseli; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro. (orgs). Espaço, gênero e poder: Conectando Fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. **A emergência de uma nova Ruralidade nas sociedades Modernas Avançadas: o “Rural” como espaço singular e Ator coletivo**. UFPE: Recife, 2000.

WOORTMANN, Klas. **O trabalho da terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ANEXOSInstrumento de coleta de dadosQuestionário aberto

Data:

Elaborado por Elisangela Ferreira

1- Nome:

2 - idade: série escolar:

3- Desde quando você mora em Nazaré?

4- Quando você percebeu que deixou de ser criança?

5- o que marcou essa mudança?

6- O que você faz para se divertir aqui em Nazaré?

7- Você gosta de morar aqui? Por quê?

8- O que você acha do jovem que mora na cidade?

9- Qual o elemento da cidade que você gostaria que tivesse aqui em Nazaré?

10-Quais seus sonhos para o futuro?